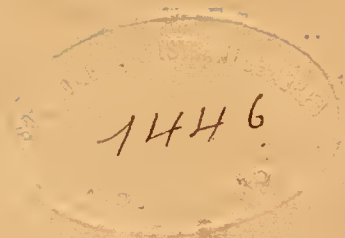


PUBLICAÇÕES
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

01446 -



CAMINHOS ANTIGOS
E
POVOAMENTO
DO BRASIL



PUBLICAÇÕES DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

- Capitulos de Historia Colonial (1500-1800) — Typ. Leuzinger — 1928.
O Descobrimento do Brasil — Typ. do “Anuario do Brasil” — 1929.
Caminhos antigos e Povoamento do Brasil — Liv. Briguet — 1930.

J. CAPISTRANO DE ABREU

CAMINHOS ANTIGOS
E
POVOAMENTO
DO BRASIL

EDIÇÃO
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
LIVRARIA BRIGUIET
1930

L
981
A.16
CA

Edição de dois mil e quarenta exemplares numerados, em papel commum, e — de cento e trinta e cinco em papel apergaminhado, autenticados pela Secretaria e destinados aos membros da Sociedade Capistrano de Abreu.

BIBLIOTECA SENADO FEDERAL
Este volume acha-se registrado
sob o n.º 1-2003-3424

ÍNDICE

	PAGS.
Solís e primeiras explorações	11
Os Guaianazes de Piratininga	27
Atribulações de um Donatario	37
Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil	53
Os primeiros descobridores de Minas.....	147
Schema das bandeiras	189
A bandeira de Francisco de Mello Palheta ao Madeira.	193
Sobre uma historia do Ceará	219
Tricentenario do Ceará	235
Fragmento de um prologo	251



SOLIS E PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

Artigo publicado no "Jornal do Commercio" de 24 de Janeiro
de 1900, sob titulo "Revistas Historicas".

SOLÍS E PRIMEIRAS EXPLORAÇÕES

Desmarquets evocou ha mais de seculo a memoria de Jean Cousin, navegante afortunado que, sahindo de Dieppe, cerca de 1480, rumo de S.O. descobriu um grande rio, e depois em rumo de S.E. um cabo: o rio era o das Amazonas, na America do Sul, o cabo o das Agulhas, fim da terra africana. Na companhia de Cousin ia certo Pinzon, rixento e bulhento sujeito, que tudo levava a identificar com Martin Alonso Pinzon, posteriormente o tredo companheiro de Christovam Colombo, na primeira travessia do Atlantico.

Assim, enquanto os portuguezes precisaram de mais de sessenta annos para chegar do Bojador á Boa Esperança, Cousin foi logo ás do cabo, em um simples episodio de viagem corrida. E Colombo descae das alturas, a que o sublimou a posteridade, ao nivel das gralhas que se enfunam em plumagem alheia.

Dos escriptores francezes que depois de Desmarquets trataram da época dos grandes descobrimentos geographicos, uns deixam este feito em silencio, outros se comprazem em demonstrar a sua possibilidade historica e geographica. Modernamente foi publicado no *Journal de la Société des Américanistes de Paris* um estudo que, a julgar pelo resumo dado por Sophus Ruge na *Patermann's*, resolve de uma vez a questão.

Segundo o autor, Jean Cousin existiu, fez viagens, mas em 1580. Desmarquets não foi, portanto, mentiroso: enganou-se apenas na ante-data de um seculo...

Em troca da viagem que fica assim expungida de nossos annaes, podemos annunciar outra realizada em nossa terra quando ainda era vivo D. Manuel. Encontrámo-la descripta em livro de José Toribio Medina, erudito chileno, autor de diversas obras, e feliz desencavador de documentos interessantes para a America do Sul em geral e particularmente para a de sua patria.

Intitula-se o livro *Juan Diaz de Solís*, foi impresso em Santiago, consta de dois volumes, o primeiro contando quanto pôde ser apurado no estudo do infeliz descobridor do rio que algum tempo levou seu nome, o segundo enfeixando os documentos officiaes, os extractos de chônicas e a bibliographia relativos ao heroe.

O que Medina apurou a respeito de Solís pôde ser resumido em poucas linhas, como introducção ao ponto que visamos.

Solís era de tronco arturo-ovetense, mas de nacionalidade portugueza. Pôde-se inferir que se dedicou desde de pequeno á vida maritima, á vista das commissões que lhe foram confiadas em Castella, onde o julgavam superior a Pinzon em cousas do mar, e digno de succeder a Americo Vespucio no posto de piloto-mór.

A primeira menção de seu nome encontra-se em uma carta de D. Fernando e Dona Isabel, datada de Alfaro, 29 de Outubro de 1495, ordenando sua prisão

a todos os corregedores, assistentes, alcaides môres, algazis e outras justiças quaesquer de quaesquer cidades, villas e lugares de seus reinos e senhorios.

“Sabei, resa o documento, que o Serenissimo Rei de Portugal, nosso irmão nos mandou fazer saber que Juan Diaz, piloto, chamado *Bofes de Bagaço*, natural de seu reino de Portugal, andando em companhia de certos francezes, roubaram uma caravella do dito Rei, que vinha da Mina, em que roubaram mais de 20.000 dobras, ao qual piloto diz que coube parte deste dinheiro, e que ha sabido que está em nossos reinos.”

Ignora-se si a ordem foi ou não cumprida. Si foi, conseguiu justificar-se. E Varnhagen é implicitamente deste pensar, dando-o por capitão de um dos vasos da armada de 1503, commandada por Gonçalo Coelho. No seu entender, Solís voltou novamente para Castella por 1505, quando Vespucio deixou o serviço do Governo portuguez.

Em 1507, apparece outra vez Solís entre pilotos chamados por D. Fernando a Burgos, no intuito de fomentar o movimento descobridor, paralyzado pela morte de D. Isabel; pela morte de Philippe o Formoso e consequente loucura de sua esposa D. Joanna, a mãe de dois Imperadores; pela retirada temporaria do Rei para a França e para a Italia.

Em principios de 1508, Solís entra para o serviço official de Espanha, e logo o vemos encarregado de uma expedição descobridora, em companhia de Vicente Yañez Pinzon, o primeiro descobridor do Brasil. Solís devia ser o chefe no mar; Pinzon devia sê-lo em

terra. Desavieram-se os dois e Solís foi preso, na volta, por motivos que não são bem conhecidos.

Esta viagem de 1508 tem sido interpretada dos mais modos discordantes: ha quem a extenda pela America do Sul abaixo até os 40°, ha quem a puxe para a America do Norte até o tropico de Cancer. Segundo a explicação de Harrisse, consideravelmente reforçada por Medina, Pinzon e Solís percorreram de Êste a Oéste a costa meridional de Cuba, acercaram-se do continente, e depois de dobrar o cabo de Gracias a Dios, passaram pelas bahias de Veragua, Urabá, Cuquibacoa, costa de Paria e bocas do Drago, chegando finalmente até o cabo de S. Roque.

Modernamente, a viagem por Ph. J. J. Valentini foi explicada de maneira bem diversa na *Zeitschrift* da Sociedade de Geographia de Berlim. A narrativa de Pedro Martyr, unica que possuimos do successo, diz elle em summa, não se applica nem á natureza, nem aos productos industriaes das tribus de Paria: adapta-se nas minimas particularidades ás tribus maya e nahuatl, e quanto aos resgates enumerados por Pedro Martyr: ouro, incenso, perús, vestiduras de algodão, reposteiros bordados, etc. Da população na boca do Drago, no golfo de Paria, diz que os Guajiros não mostravam ao serem descobertos o minimo progresso em qualquer ramo de civilização humana. Nús da cabeça aos pés, o arco de frechas hervadas era sua arma de guerra, etc. Não parece, pois, que se deva modificar a interpretação que no meio de contradicções insanaveis salta das palavras de Oviedo, Gomara, Herrera e ou-

tros. Solís esteve em 1508 mais perto do cabo Catoche que de S. Roque.

Uma cedula real de 14 de Novembro de 1509 approva a prisão de Solís, ordenada pela Casa de Contratação de Sevilha; parece, porém, que as culpas não eram graves, pois em Dezembro de 1511 El-Rei fazia mercê de trinta e cinco mil maravedis a “João de Solís, nosso piloto, para ajuda de custo do que ha gastado e perdido o tempo que tem estado e andado em sua defesa e pleito sobre a differença que houve e succedeu na viagem que fez com Vicente Yañez Pinzon”.

No anno de 1512 Solís foi nomeado piloto-mór na vaga de Amerigo Vespucci, fallecido, e logo encarregado de uma expedição demarcadora dos limites entre as possessões de Espanha e de Portugal, os quaes ficaram assentes pelo tratado de Tordesilhas. Devia a esquadra dobrar o cabo de Boa Esperança, averiguar si a linha divisoria passava pela ilha de Ceilão, proseguir pelas Molucas até as terras dos Chins, e naturalmente terminar pela circumnavegação do orbe. Não se conhecia ainda o oceano Pacifico, só descoberto no anno seguinte por Vasco Nunes de Balboa, a 26 de Setembro. A empresa não chegou a effeito, ou pelos muitos protestos levantados pelo Embaixador Portuguez João Mendes de Vasconcellos, de quem possuímos duas cartas contemporaneas, ou porquê calassem no espirito de D. Fernando as considerações em desabono de Solís apresentadas pela Casa de Contratação de Sevilha.

Propalada a existencia do oceano Pacifico, foi Solís escolhido para vir ao nosso continente, procurar

uma passagem pelo Sul, e percorrer as costas occidentaes até alcançar as terras em que estava Paschoal de Andagoya, contiguas do reino dos Incas. Nesta viagem passa por ter descoberto o rio da Prata, o que não é inteiramente exacto. Um avulso allemão, primeiro indicado por Humboldt, impresso nos primeiros annos do seculo XVI, entre 1506-1514, dá bem claramente noticia do famoso rio, e Gaspar Correa nas *Lendas da India* diz que em 1514 João de Lisboa descobriu o cabo de Santa Maria. O avulso allemão, cujo texto ainda hoje não está de todo explainado, taes as difficuldades que pullulam e contrasensos de que padece, foi estudado pelo celebre geographo Johannes Schöner, que julgou interpretá-lo bem desenhando ao Sul da America um estreito, em um globo que construiu em 1515. Magalhães levava este documento a bordo, e serviu-lhe de guia e prôva aos companheiros na pesquisa da passagem que immortalizou o grande navegador.

Solís desembarcou ao chegar ao Rio da Prata, e foi logo morto com muitos de seus companheiros. Dos sobreviventes a maior parte voltou, e entre elles Diogo Garcia, que encontramos alguns dias mais tarde em aguas americanas. Dos que ficaram alguns foram aprisionados por um navio portuguez; de outros dá noticia o seguinte papel agora publicado por José Toribio Medina, em que se contem a narrativa de uma viagem ao Brasil feita em tempo de D. Manuel, até hoje desconhecida.

“S. C. C. M. (Sacra Cesarea Catholica Magestade).

“Eu escrevi a Vossa Magestade este inverno desde Monte-Mór, que havia chegado ali um homem que vinha de descobrir terras pelas costas do Brasil, e que trazia signaes de haver achado muito cobre e alguma prata e outras cousas; e que andava com El-Rei em perguntas e respostas para que lhe pagasse seu trabalho, ajudando-o para que pudesse volver, a vista do que havia descoberto.

“E escrevi tambem que sabia que o traziam em palavras, sem dar-lhe nem uma cousa, e que tinha suspeita que o que este havia descoberto, era cousa que pertencia a Vossa Magestade, pois tendo estes tanta necessidade do cobre e de outras cousas não sahiam a perségui-lo, que aquelle os trazia já começado e... (roto no original) ou insistir em sua demanda, para saber o que lhe podia aproveitar e sempre ha achado palavras sem nem um fructo.

“Pareceu-me que seria serviço de Vossa Magestade saber que navegação havia feito e o que havia achado; e assim para que melhor, pudesse eu informar a Vossa Magestade do caso e elle louvando-se em minha palavra, ainda que com grandes medos, veio á minha pousada e assegurado de tudo o que lhe convinha, me informou das cousas seguintes, haverá quinze dias.

“Disse que agora tres annos el-Rei D. Manuel lhe deu licença que fosse a descobrir por aquella costa, promettendo-lhe grandes mercês se achasse cobre o outras cousas que elle desejava, e disse que se foi direito ao Brasil com duas caravellas, e que seguiu pela costa do dito Brasil para S.O. setecentas leguas, de onde elles tomam o Brasil, e que achou á trezentas leguas pouco mais ou menos, nove homens dos que foram com um João de Solís, a descobrir e falou com elles, e estão casados ali e quizeram que elle os trouxesse, o que elle não ousou por ser castelhano e porque sabia

que ao Rei havia pesado de que fora a descobrir o dito João de Solís, pelo que lhe prometeu que se Deus ali o tornasse que os traria.

“Disse que na terra em que aquelles estão não ha cousa de proveito e que seguiu sua costa outras 350 leguas, que são as 700 ditas, e que achou um rio de agua doce, maravilhoso, de largura de quatorze leguas, e que subiu pelo rio doze leguas, e viu mui formosos campos em todas as partes, e que surgiu ali e tomou lingua da terra, e que lhe disseram que aquelle rio não sabiam de onde vinha senão que era de mui longe e que mais arriba acharia outra gente que eram seus inimigos, que tinham daquellas cousas que elle lhe mostrava, que eram ouro e prata e cobre, e que tomou quatro homens daquelles, e se foram com elle, e subiu pelo rio nos bateis armados vinte e tres leguas, e que sempre achou tudo melhor e a fundura igual.

“Disse que ali vieram a elle certos velhos e esteve com elles em grandes praticas que se assegurassem... (roto o original) os outros e que lhes resgatou algumas cousas e que lhe deram pedaços de prata e de cobre e algumas veias de ouro entre pedras, e que lhe disseram que toda aquella montanha tinha muito daquillo, e que durava ao que asseguravam, trezentas leguas; e que lhes disseram que a prata não tinham em tanto como o cobre, porque não reluzia tanto, e que o que assignalavam de ouro era longe, que a agua o deve trazer por um rio que vem dar atravez daquelle grande e para nas pedras; trouze de tudo isto suas amostras.

“Disse que viu ovelhas montezes e muitos cervos, e de aves todas as que cá vemos no campo, e infinitos avestruzes, as perdizes mui grandes; disse que é tanto o pescado do rio que deitando a corda ou rede sahia cheia, e que comeu e pescou muitos solhos maiores que os de cá e salmonetes e outros pescados em abundan-

cia, e que sahiram ás vezes duas lampreias; que esteve ali dous ou tres dias informando-se de tudo com amizade que tomou com aquelles primeiros, e que depois se ajuntaram muitos com arcos e boas flechas, e que se embraveceram de saber que trazia ali aquelles que disse, e que lhe disseram que se fosse, que elle vinha para fazer-lhes algum engano, e que atirou duas ou tres escopetas, e todos se puzeram pelo chão; e que outro dia viu vir grande numero de canoas, e não ousou esperar porque não tinha comsigo senão 15 homens, e assim se volveu ás suas caravellas. Disse que se isto que ha descoberto é de Vossa Magestade ou, faz a seu serviço, que folgará de volver ali com a maneira que Vossa Magestade for servido e crê que será cousa mui proveitosa.

“Elle quereria se Vossa Magestade se quizesse servir delle, estar seguro de que cá poderia perder, que diz que são cincoenta mil maravedis cada anno, que tem em não sei que cousa que elles chamam *reguengos*, que temem lhe tirem, com outras cousinhas.

“A mim me pareceu que isto é cousa que tem seu tempo, e assim lhe prometti que o escreveria a Vossa Magestade e que as respostas eu as enviaria a sua casa, com certos signaes que entre elle e mim ficaram.

“Aviso disto a Vossa Magestade para que mande ver aos que sabem aquella costa que costa é, e vejam se é serviço de Vossa Magestade tornar lá, e se não parece costa proveitosa o ter perdido seus dous annos e eu haver feito o que devo em avisar a Vossa Magestade de qualquer cousa que se descubra, pois desejo que todo o mundo fosse sujeito a Vossa Magestade.

“Nosso Senhor guarde e accrescente a vida e mui poderoso estado de Vossa Magestade por muitos annos como desejo.

“Em Evora, 27 de Junho de 1524. De V. C. M.,

humilde servidor e criado que suas reaes mãos e pés beija. — *Juan de Cuñica.*”

D. Manuel falleceu a 13 de Dezembro de 1521, o que marca o termo extremo da viagem feita por sua ordem. O rio explorado foi o mesmo em que Solís morreu, chamado hoje o da Prata. Resta inquirir o chefe da expedição, cujo nome Cuñiga se esqueceu de transmittir.

Ha serios motivos para affirmar que foi Christovam Jaques.

Christovam Jaques, nomeado Governador do Brasil em 5 de Junho de 1526, não partiu logo, ou teve tão demorada viagem que só chegou a Pernambuco em Maio ou Junho seguinte. Isto decorre de uma carta de D. Rodrigo d'Acuña, queixoso por não conseguir delle passagem para a Europa, exactamente como annos antes os companheiros de Solís nas aguas do Prata não a conseguiram do viajante desconhecido que por lá andou. Decorre ainda mais claramente de uma carta de Diogo Leite a D. João III, datada do derradeiro de Abril de 1528; nella pede que lhe mande dar passagem para Portugal, no primeiro navio que vier “se a armada andar cá mais tempo que V. A. tem limitado, que são dous annos desde o dia que chegámos a esta costa”. Havia pois em Abril de 28, tempo de um navio ir á Europa e voltar antes de completar-se o prazo.

Sabemos pela carta de doação de Pero Lopes de Sousa que Christovam Jaques fundou uma feitoria em Pernambuco, isto é, no canal situado entre a ilha Ita-

maracá e o continente. Sabemos por carta de Luis Ramirez, companheiro de Sebastião Caboto, que já em Junho de 1526, isto é, antes da nomeação de Christovam Jaques, El-Rei de Portugal em Pernambuco “tenia una fatoria pera el trato del Brasil en la qual habia posto treze christianos portuguezes de nacion”. Si Christovam Jaques fundou a feitoria, si esta já existia em Junho de 1526, é porque a fundação se dera em viagem anterior.

Em Outubro do mesmo anno, Sebastião Caboto, aportando á ilha de Santa Catharina, encontrou Melchior Ramirez “el qual dijo haber estado en el rio de Solis por lengua de una armada de Portugal”.

Em Abril do anno seguinte libertou Francisco del Puerto, prisioneiro dos indios, do qual soube que “Christoval Jaques avia benido a este rio de Solis e prometio ao dicho Francisco de Puerto que alli hallamos que volveria”. E o mesmo se apura de documentos que Harisse descobriu e Medina dá um excerpto ⁽¹⁾.

O rio já era conhecido em Paris em fins de 1527, pois João da Silveira escreve a El-Rei em 23 de Dezembro: “Mestre Verazano vai daqui com cinco náos, que lhe o almirante ordena, a um grão rio na costa do

(1) Um destes documentos está incorrecto: antes deste havia dicho el dicho Francisco a un Enrique Montes, lengua que era *estaban* (*sic*) *porqués* un Capitan del Rey de Portugal. As palavras griphadas devem ler-se *Christoval Jaques*, como se evidencia de outro pedaço mais adiante: “por que Enriques Montes, lengua, le certificava que el dicho Francisco, lengua, le liabia dicho quel armada quel habia venido ao rio de Solis era de Christoval Jaques (Medina, *Juan Diaz de Solis*, 1.º vol., p. CCCXXXIV, CCCXXXVI).

Brasil, o qual diz que achou um castelhano; falei nisso largamente e pedi a resposta por escripto;... e o dito Verazano vai e partirá em Fevereiro ou Março; o rio creio que é o que achou Christovam Jaques”.

Poder-se-ia dizer que a viagem ao rio da Prata se deu entre 5 de Julho de 1526 e Maio ou Junho de 1527, quando elle chegou a Pernambuco. E' a opinião de Varnhagen, que aliás não conhecia a carta de Çuñiga, só agora publicada por José Toribio Medina. Oppõem-se a esta conclusão muitos argumentos valiosos; o estado do tempo, que prendeu durante mezes Caboto em Pernambuco, Diogo Garcia em S. Vicente; o desencontro das esquadras, não já na costa ampla do Brasil, mas, nas aguas do rio da Prata; o tom em que Ramirez e Puerto se referem á armada, como a um successo já antigo; sobretudo o prazo limitadissimo de Julho e Outubro, em que Christovam Jaques devia ter vindo de Portugal, tomado Melchior Ramirez em Santa Catharina, ido ao rio da Prata e voltado, etc.

A segunda viagem de Christovam Jaques de 1527 a 1528, é bastante conhecida: o seguinte documento, até agora inedito, tornará conhecidas algumas particularidades.

“Francisco, pela graça de Deus, Rei de França, ao nosso caro e bem amado Elias Alioja dito Angouleme, um dos Reis d'armas dos Francezes, saúde e amor.

“Como nossos caros e bem amados João de Codungar, Francisco Gueret, Maturin Tornumuxa, João Burco e João Senet, mercadores nossos subditos de nossas terras e ducados de Bretanha, nos houvessem

presentado, ou ao nosso caro e mui amado primo o Conde de Laval, Logo-Tenente-General em nossas terras e ducado de Bretanha, em nossa ausencia, sua humilde supricação e requerimento em que se continha que o anno que ora passava elles equiparam de gente, mantimentos e munições tres navios de nossas ditas terras e ducado de Bretanha, os dous dos quaes era cada um de cento e quarenta toneis, e o outro de oitenta toneis pouco mais ou menos e os enviaram ás terras do Brasil para cobrar páus do brasil e outras mercadorias proveitosas aos nossos reinos, terras senhorias e subditos, os seus ditos navios que ancoraram em certo porto e abra da dita terra, puzeram e despregaram nos ditos navios as bandeiras e armas de França e do dito ducado de Bretanha, esperando pelos haver o socorro e ajuda de nossos amigos e confederados.

“E posto que entre nós o nosso muito caro e muito amado irmão, alliado El-Rei de Portugal e nossos subditos de uma parte e de outra haja alliança, amisade e confederação antiga, a qual da nossa parte foi sempre teúda, guardada e resguardada e que o feito trafego e trato de mercadoria seja de todos direitos a cada um livre e permittido, nem por isso depois que em os ditos navios dos ditos supricantes fossem carregada grande quantidade dos ditos páos do Brasil, grande numero de alimarias estranhas e passaros, certo numero grande de gente portugueza, subditos do nosso dito muito caro e muito amado irmão alliado e confederado El-Rei de Portugal, estando em quatro caravellas ou barcas latinas do dito Rei de Portugal equipadas e armadas em guerra per acometer, offender, desbaratar e destruir nossos ditos subditos per mandado expresso do nosso dito e muito caro e muito amado irmão alliado e confederado El Rei de Portugal, tendo os ditos navios as armas e bandeira do nosso dito irmão El Rei

de Portugal vieram acommeter e investir os navios dos ditos supricantes, arrombaram e quebraram os ditos navios per tal maneira que se iam casi ao fundo.

“O que vendo alguns dos nossos ditos subditos se sahiram a terra e se meteram nas mãos dos selvagens e gente, que na dita terra do Brasil estava ante; outros dos nossos ditos subditos se meteram nas mãos e mercê dos ditos Portuguezes, esperando ser delles melhor tratados, porém elles ditos Portuguezes enforcaram alguns dos nossos ditos subditos, os outros meteram e enterraram em terra até os hombros e o rosto, e depois os martyrisaram e mataram cruelmente ás setadas e tiros de espingardas, tomaram e roubaram seus navios, bens e mercadoria que eram de grande valia e estima.”

Em consequencia destas cousas pediam os interessados cartas de marca para se indemnizarem de Portugal dos damnos e prejuizos, avaliados em mais de sessenta mil escudos, não incluídos os mortos. Antes de deferir a este requerimento mandava El Rei de França a Elias de Aljeola para apresentar as reclamações em tom pacifico, aliás assumiria attitude mais decisiva e menos conciliadora.

Antes desta, já outras queixas tinham sido formuladas contra o Capitão-mór: não admira assim que fosse logo Christovam Jaques demittido do Governo; pois a 28 de Setembro de 1528 o achamos substituído por Antonio Ribeiro. Depois não se ouve mais falar nelle. Comquanto fosse dos primeiros a pensar na colonização do Brasil e se offerecesse para trazer mil colonos, não foi contemplado na larga distribuição das capitánias hereditarias.

OS GUAIANAZES DE PIRATININGA

Artigo publicado no "Jornal do Commercio", de 25 de Janeiro
de 1917.

OS GUAIANAZES DE PIRATININGA

Os índios encontrados pelos colonos europeus que primeiro transpuzeram a serra de onde se avista o mar e se estabeleceram nos campos corridos pelo Tietê, são geralmente conhecidos pelo nome de Guainazes, na fé de Pedro Taques, Gaspar da Madre de Deus e seus epigonos.

Submettendo á critica as diversas narrativas, cuja florescença gradual definiu Candido Mendes de Almeida, alguém rompeu a unanimidade: os Guaianazes, suggeriu, falavam idioma differente do tupi; não podiam ser guaianazes Tibiriçá, Piquerobi e seus comarcãos.

A suggestão foi vista com pouco favor em São Paulo; nas revistas do Museu e do Instituto Historico appareceram artigos combatendo-a; a contribuição mais recente deve-se ao Dr. Affonso de Freitas, monographia erudita e conscienciosa, succulenta synthese de todos os argumentos que reforçam a opinião tradicional.

Começa Affonso de Freitas dizendo que a palavra *guainá* pertence ao tupi-guarani, e a proposito ventila numerosos pontos sobre os quaes o autor destas linhas não pretende, nem mesmo deseja competencia. Que a palavra pertença ao abanheenga ou neen-

gatú é natural; com ella designavam os que não falavam esta lingua, assegura Ruy Diaz de Gusman, autor da *Argentina*. Designando-os por um vocabulo seu não fizeram mais que nós Brasileiros, desperdiçando o nome dos Coroados desde Mato-Grosso e Piauí até Rio Grande do Sul.

Os nomes das localidades de Piratininga não podiam ser dados senão por faladores da lingua geral. Sem duvida; mas se não era esta a lingua dos Guaianazes, como poderia provir delles a toponymia piratiningana ?

Posto nestes termos o debate póde eternizar-se esteril; cumpre descobrir o meio de feri-lo por outro lado, e felizmente existe.

De Guaianazes trata Gabriel Soares de Sousa em seu *Tratado descriptivo do Brasil*, concluido em 1587, e Anthony Knivet na pungente historia de sua viagem e captiveiro, impressa desde 1625 nos *Pilgrimages* de Samuel Purchas. O senhor de engenho bahiano é a todos os respeitos superior ao perseguido inglez; mas desde que aportou á Bahia lá permaneceu até sua partida para o reino, tão desastrosa para seus negocios como auspiciosa para nós, pois em seus longos lazeres promovidos por seus multiplos requerimentos complicados, não coordenaria as copiosas noticias colhidas em dezeseite annos de residencia. Assim em mais de uma pagina traduz apenas impressões indirectas, informações mais ou menos exactas. Knivet percorreu uma e mais vezes os lugares de que fala; e de suas palavras nem sempre claras, não raro incoherentes, sacou Theodoro Sampaio um itinerario approximado,

com a penetração e sagacidade que lhe garante lugar de destaque entre os conhecedores da historia e da geographia do Brasil.

Para a hypothese, as divergencias entre Gabriel Soares e Anthony Knivet pouco valem: concordam no essencial: os Guaianazes não falavam o tupi, os Guaianazes moravam na ilha Grande, no mediterraneo dos Reis e adjacencias.

Os indios muitas vezes, além do nome que se designavam, soffriam outro que lhes davam seus vizinhos. Aos indigenas do Rio chamavam-se Tamoios em S. Paulo; aqui na Bahia, Thevet e Léry só conheciam Tupinambás. Mesmo na culta Europa occorrem casos semelhantes ainda hoje.

Procurando nas cercanias da ilha Grande indios estranhos á lingua geral, encontramos os Guaramumis, e não é temerario avançar que a si mesmos se chamavam assim os Guaianazes de Knivet e Gabriel Soares.

Com o auxilio de um escravo que sabia bem a lingua, em quinze dias que com elle tratou fez um pedaço de vocabulario e parte da grammatica o veneravel José de Anchieta. "Os Maramumis têm lingua boa e facil de apprender", informa Simão de Vasconcellos; mas Anchieta obrigado por outros deveres, passou o encargo ao seu confrade Manoel Viegas que fortemente se empenhou na missão: "andava atraz delles pelos matos, capões e praias todo em seu remedio; mas como estes Maramumis não se aquietam em seu lugar, e seu viver é sempre pelos matos á caça, ao mel e ás frutas, difficultava isto muito a esperança de sua conversão.

Elle comtudo a todos resistia... e assim aos poucos foi domesticando, e fez fazer assento em um lugar e aldeia em que até hoje habitam todos juntos; é a aldeia a que chamam Nossa Senhora da Conceição". (*Vida de João de Almeida*, 74/76). A aldeia desapareceu; o nome de Guarulhos persiste e é bem conhecido.

Os chronistas referem-se a estes como habitantes de beira-mar. Knivet, porém, diz que da ilha Grande subiam a serra do mar a buscar escravos quando lhes encomendavam. A affirmação comprova-se pela existencia da estrada do Facão, em cuja margem demora a cidade do Cunha, estrada que precedeu a invasão portugueza.

Assim Maramumis e Guarulhos, isto é, os Guaianazes de Gabriel Soares e Knivet occupavam o litoral e chegavam ao alto Parahiba. Transporiam tambem a Mantiqueira? De gargantas que permittissem passagem não havia falta, como se verá da seguinte nota, bondosamente fornecida pelo Dr. Gentil Moura:

"Na região de Piracaia (antiga cidade de Santo Antonio da Cachoeira), ha as gargantas dos rios Cachoeira e Muquem, afluentes do rio Atibaia, e situadas entre os morros do Lopo e a pedra do Sellado. Fronteiras á Jacarehi ha as gargantas do rio do Peixe e do rio das Cobras, afluentes do Parahiba, e situadas ao Sul da pedra do Sellado. Fronteiras a S. José dos Campos, ha as gargantas do rio Buquira. Fronteira a Pindamonhangaba, e entre os morros de Itapeva e Picó Agudo, ha a garganta de Piracuama; a partir de Jacarehi, as gargantas convergem para a região mineira chamada Sapucahi, etc. Fronteira a Guaratin-

guetá ha a de Piaguhi; fronteira á Lorena, a do Piquete e fronteira á Cachoeira (Bocaina), ha a garganta de Embahú, onde se faz a entrada para as Minas Geraes, ganhando o valle de Passa Vinte, depois da travessia da serra.”

Si recordarmos que os Guainazes-Guarulhos-Miramumis frequentavam as estradas de Facão e Passa Vinte, antes dos Bandeirantes para lá terem dirigido suas hordas, teremos uma idéa de seu papel historico: antes de Garcia Rodrigues haver desbravado o Parahibuna e transposto a balança das aguas entre o Parahiba e Guanabara, não podia, quem do rio quizesse ir aos descobertos auriferos, tomar caminho diferente.

Outro caminho, de alcance menor, aliás, liga-se ainda a estes Indios, mostrando como atravessaram uma garganta da Mantiqueira, no seculo XVII. Attesta-o o volume 6-A, das “Actas da Camara da Villa de S. Paulo”, importante publicação com que o Dr. Washington Luis, benemerito Prefeito da Paulicéa, ainda mais realça seu consulado.

A 3 de Julho de 1625, soube-se em Camara que o padre Matheus Nunes de Siqueira havia descido do sertão quantidade de gentio guarulho que desejava ser baptizado, e já estava estabelecido na paragem chamada Atubaia. Os vereadores resolveram que se tomasse conta do gentio e se lhe formasse aldeia no mesmo sitio aonde estavam, porque assim conduziriam os mais que no sertão estavam. (Ps. 428/429).

A 22 de Novembro do anno seguinte, Antonio Ribeiro de Lima requereu que mandassem dois officiaes de justiça que fossem a Atubaia, a ver se estavam os indios Goaramimis na paragem donde tomaram delles lista o anno passado, para delles tomar posse em nome de Sua Majestade, o que até agora não fizeram por constar ser gente andante e não assistirem em parte certa. (P. 208).

A 5 de Maio de 1669, o procurador da Camara denunciou o facto de se estar esvasiando a antiga aldeia de N. S. da Conceição, da qual os Guarulhos fogem para Cajusara ou Atubaia.

A 13, o procurador lembra que se escreva ao Padre capuchinho, frei Gabriel, que está em Atubaia, não consinta lá os indios e indias guarulhos de Sua Majestade, e si não que os mande para suas aldeias antigas da villa.

A 25 lembra o procurador que se mande notificar ao Padre Frei Gabriel, Capuchinho barbado, que logo despeje a terra e sitio onde está, em Atubaia, porquanto amotina os indios Guarulhos que estavam situados na aldeia de Nossa Senhora da Conceição. (Actas VI, 16 e seg.)

Outras citações poderiam ser adduzidas: estas bastam para o caso presente, isto é, que os Guaianazes-Miramumis-Guarulhos transpuzeram uma garganta da Mantiqueira, provavelmente a primeira da lista de Gentil Moura, na segunda metade do seculo XVII.

A que grupo maior se filiavam? Affonso de Freitas lembra-me, aliás sem malicia, uma affirmação antiga, de que os Guaianazes são identicos aos actuaes

Cãicangs, de S. Paulo e Paraná'. Naquelle tempo a ethnographia brasilica estava toda, e quasi toda, continúa ainda, sob o signo de Carlos von Steinen e Paulo Ehrenreich, que deram uma área exaggerada ao grupo Gé de Martius; o discipulo mal aproveitado e bisonho, reincidiu no erro dos mestres. Depois da demonstração de Telemaco Borba resta de tudo, quando muito, motivo para um acto de contricção.

Os confrades dos Guaianazes devem procurar-se, senão no actual S. Paulo aonde os Chavantes podem ser seus affins, a não serem antes Guaicurús, como quer parecer, devem ser procurados em Minas e Espirito Santo, aonde ainda devem existir; do Rio já se sumiram. Trabalhar com indios nem é facil nem agradável; mas tambem não é das maiores africanas: urge faze-lo.

A imagem provavel dos Guaianazes-Guarulhos-Miramumis precabraleos, é de vasto grupo distribuido pelo litoral, por uma e outra aba da cordilheira maritima e da Mantiqueira, extendendo-se para o Norte até o rio Jequitinhonha, talvez; as incursões de Tupinambás, Tupiniquins, Goitacazes, Aimorés, produziram largos rombos sem destruir a trama. No baixo, como no alto Parahiba, sua presença persistiu até que a mestiçagem, as epidemias e perseguições e caçadas os dissolvessem. Não ha motivo para duvidar que os Guarulhos de Muriahé sejam identicos aos que catechisaram Manoel Viegas e Matheus Nunes de Siqueira.

Para o Norte deviam limitar-se, antes dos invasores da lingua geral, com os Cariris, cuja área geographica cresce a olhos vistos, á medida que surgem

novos documentos ou com mais cuidado se investigam os antigos. Si entre os dois grupos vizinhos existem quaesquer relações mais estreitas, provavelmente nunca se apurará, pois os Cariris parecem totalmente extinctos.

ATRIBUIÇÕES DE UM DONATARIO

Artigo publicado na revista "*Sciencias e Letras*", do Rio de Janeiro, n.º 5, anno VI, Julho de 1917.

ATRIBUIÇÕES DE UM DONATARIO

Com a exaltação de D. João III ao throno de Portugal se tornou claro o decrescimo nos rendimentos provindos do Brasil. Os primeiros contratos para o aproveitamento exclusivo de certos generos, depois a navegação facultada a quem satisfizesse a determinados direitos, finalmente as feitorias para guardar mercadorias ultramarinas ou recolher as da terra adquiridas pelos feitores no intervallo de uma a outra viagem, deram vantagens ao reinado anterior só na falta de concorrentes estrangeiros. A concorrência surgiu agora por força do pau brasil.

Ao contrario da generalidade de nossos vegetaes, salteadamente distribuidos, o pau brasil avultava em matos mais ou menos grossos, da Parahiba ao rio Real, no Cabo Frio e em suas cercanias, á beira-mar ou logo adiante, permittindo fornecimentos fartos de materia já conhecida e empregada em varias industrias europeas, e transporte commodo para os portos de embarque.

Quasi simultaneamente foram taes paragens reconhecidas pelos Portuguezes e pelos Francezes. Estes de espirito mais aberto, intelligencia mais agil, genio mais alegre, trato mais agradavel, não viciados pelo contacto diuturno com raças inferiores, aprenderam

a lingua, acataram, alguns até adoptaram, os costumes, captaram as sympathias dos indigenas, isto é, dos productores, e pouco a pouco foram preponderando. Ao escambo da madeira vermelha juntaram outros. A nau *La Pèlerine* levava uma carga de mais de sessenta mil ducados em pau-brasil, algodão, pimenta, papagaios, pelles e oleos medicinaes, quando foi tomada em frente a Malaga.

O commercio francez violava os privilegios conferidos por muitas bullas, e reconhecidos pelo pacto de Tordesilhas; minava os alicerces da singular politica colonial portugueza, ufana de transformar Lisboa em escala forçada, feira universal e unica, desdenhosa do destino ulterior das drogas, confiado a nações subalternas. Livres de transbordos e alcavalas chegavam os productos mais baratos aos consumidores immediatos.

Quando em Portugal reconheceram a gravidade da situação não faltaram alvitres para conjura-la. Lembrou-se entre outros a necessidade de romper com a rotina africana, encabeçada pelo infante de Sagres, de resgates precarios, viagens intermittentes, contratos aleatorios, feitorias desconexas, seguida até então servilmente neste hemispherio e recorrer ás fortalezas com tanto exito introduzidas na costa de Malabar. Ainda aos Francezes se deve a victoria destas idéas que tornaram impossivel uma França antarctica, tão facil si houvera unidade de esforços e persistencia na empresa desde o começo.

A nau *La Pèlerine* deixou em Pernambuco uma fortaleza munida de artilharia, guarnecida de quarenta soldados. Um fidalgo francez, o barão de Saint Blan-

card, commandante da esquadra franceza no Mediterraneo, realizava com recursos proprios aquillo a que não se afoitara, o opulento (e endividadissimo) rei de Portugal e Algarve, de aquem e além mar! O triumpho durou pouco, a fortaleza gallo-pernambucana foi expugnada e a lição não ficou perdida. A 28 de Setembro de 1532 el-rei estava "considerando com quanto trabalho se lançaria a gente que a povoasse depois de estar assentada na terra e ter nella feitas algumas forças", como escrevia a Martim Affonso de Sousa, numa carta em que primeiro desponta a idéa de dividir o Brasil em capitánias para doá-las a certas pessoas.

O plano annuciado levou dois annos a incubar. Faltaram candidatós a donatarios, ninguem se apresentou entre as pessoas de mór qualidade, nem um homem de grande fortuna. Assim as concessões e favores foram-me ampliando. A coroa, que se consolidara absorvendo muitos dos privilegios da antiga nobreza, de quasi todos abriu mãos para os esquivos donatarios, esquecida dos perigos que destes poderiam advir, como a experiencia mostrara, attenta só aos que lhes poderiam um dia trazer os solarengos futuros.

Setecentas e trinta e cinco leguas de costa, com o correspondente sertão definido pela linha de Torde-silhas, foram doadas a senhores hereditarios. Seis delles nunca vieram ou não tornaram ao Brasil: Martim Affonso, seu irmão Pero Lopes, Jorge de Figueiredo Corrêa, Antonio Cardoso de Barros, Fernand'Alvares de Andrade, João de Barros, o grande historiador, que mandou filhos para o representarem; dois morreram na labuta: Ayres da Cunha, naufrago no Maranhão,

Francisco Pereira Coutinho, victimado por um menino de cinco annos, tão pequeno que foi preciso segurar-lhe a maça do sacrificio, irmão de um cabecilha indigena que o donatario mandara executar. Dois desanimados desistiram de seus direitos: Pero de Goes e Vasco Fernandes Coutinho. Dois apenas foram por diante e prosperaram: Duarte Coelho em Pernambuco, Pero do Campo Tourinho, em Porto Seguro.

Tourinho foi um cavalheiro natural de Vianna da foz do Lima, homem nobre, esforçado, prudente e muito visto na arte de navegar, informa Gabriel Soares.

Uma relação espanhola, de que a Bibliotheca Nacional possui copia, enumera-o entre os companheiros de Pedro de Mendoza na expedição ao Prata, mas a chronologia não pode admitti-lo. Si de facto andou por aquelles lados iria antes com Diogo Garcia ou Sebastião Caboto, ou em navio portuguez.

A 7 de Outubro de 1534 obteve a concessão de cincoenta leguas de costa “que começarão donde acabarem as de Jorge Figueiredo Corrêa na dita costa do Brasil da banda do Sul quanto couber nas ditas cincoenta leguas”. O foral já fôra assignado a 23 de Setembro.

Devia ter sido dos primeiros candidatos a donatarios e ter começado os preparativos apenas recebeu a promessa firme da capitania, pois partiu sem demora: “Por la isla de la Gomera, que es en Canaria, casi al fin del año pasado pasó una armada del Serenisimo Principe Rey de Portugal, nuestro hermano, en que iban dos carabelas y dos naos gruesas y en ellas seis-cientos hombres y mucha parte dellos con sus muje-

res y por capitán un Pedro del Campo, vecino de Viana, y algunos dicen que van a poblar al Brasil”, escrevia a Rainha a Luis Sarmiento, embaixador da Espanha em Portugal, em carta de 3 de Maio de 1535, publicada pelo erudito chileno J. T. Mediña (*Los viajes de Diego Garcia de Moguer al rio de la Plata*, p. 157, Santiago do Chile, 1908).

Do que fez em Porto Seguro tratam vaga e escassamente Gandavo e Gabriel Soares. Varnhagen publicou uma carta sua de 28 de Julho de 1546 em que fala do donatario da Bahia muito mais que de si.

Pelas cartas de doação e foral ninguem era superior ao donatario. Si commettesse crime tão grave que merecesse castigo, seria emprazado a ir defender-se na côrte. Entretanto um padre de nome João Bezerra, de accordo com outros conjurados, apresentou um falso alvará ordenando a prisão de Francisco Pereira Coutinho. Que poderia fazer? Contra a Igreja o poder civil estava desarmado. Prescreviam as Ordenações que no acto de captura se examinasse a cabeça do preso, e no caso de ser tonsurado fosse entregue ao seu superior hierarchico para proceder como fosse de seu arbitrio. “O clérigo que foi principio daquelle dano e mal, reclamava Duarte Coelho, deve Vossa Alteza de mandar ir preso para Portugal e que nunca mais torne ao Brasil, por que tenho sabido ser um grande ribaldo”. Nem isto se fez; ainda em 1550, o ouvidor geral Pero Borges o encontrou nas brenhas de Porto Seguro, talvez á procura de um caminho para as minas. Sua semente frutificou e o exemplo que dera achou imitadores.

Coutinho passou a Porto Seguro foragido e lá permaneceu cerca de um anno, como vencido na vida. Diogo Alvares, que fôra á Bahia, tornou com más noticias; uma nau franceza que lá estivera, entablara relações, tomara a artilharia e promettia voltar. Desde então Tourinho insistiu até por meios judiciaes para que Coutinho reassumisse o seu posto de honra e dever, precipitando-o para a sorte tragica que o aguardava em Itaparica.

Um documento até hoje ignorado encerra algumas noticias relativas a Tourinho, sem infelizmente preencher as lacunas principaes.

Fundou sete a oito villas, de algumas das quaes sabemos os nomes: Santa Cruz, Porto Seguro, Santo Amaro, Insuacome, talvez Santo André; algumas dellas parecem ter sido ephemerias, e não se comprehende facilmente como no decurso de dez annos se pode reunir tamanha quantidade de população. Esta affirmativa procede do donatario; as seguintes vêm dos seus inimigos e estão pedindo forte salga.

A villa de Porto Seguro tinha uma porta, devia ser portanto murada, muro de taipa certamente. A casa de vivenda, levantada junto a uma rocha em que havia uma cruz, era avarandada. Da sua mulher Ignez Fernandes Pinta, tinha pelo menos tres filhos: Fernando, que succedeu no morgado; André; Leonor, que ajustou casamento, mas não chegou a casar com Pero Corrêa, talvez identico ao de igual nome que emigrou para S. Vicente e se acolheu mais tarde á Companhia de Jesus, attrahido pela irradiação do suave Leonardo Nunes, o alipede *Abaré-bêbê*.

Junto ao pelourinho havia um pau em que Tourinho gostava de assentar-se e conversar: Nos dias de bom humor repetia no positivo ou diminutivo os nomes de coisas ou pessoas com entonações comicas e não desdenhava de trocadilhos (São Martinho ou São Martello?). Outras vezes se mostrava abatido, tendo filhos que não merecia, vendo morrer as pessoas que melhores serviços prestaram e seus esforços perdidos. Subiam-lhe ao cerebro, como gazes livres de pressão, os vapores do mandonismo, dilatava-se em ameaças de prender, deportar, enforcar e nem sempre as ameaças ficavam em palavriado: contra o padre João Bezerra investiu de montante, e feriu-o e escalavrou-o, naturalmente em paga das façanhas da Bahia.

Na igreja, como senhor da terra, tinha cadeira e nem sempre se reprimia. Indignava-se, sobretudo nos dias santos de guarda. São Martinho, um bebedor; o Vigario, Bernardo de Aureajac, francez, santificava o dia porque era outro bebedor. A festa de Corpus Christi devia celebrar-se no hemispherio Sul em Outubro, que correspondia á estação em Portugal, e não em quinta-feira, mas em domingo.

No adro explodia: Santa Luzia uma mulher atôa, Santo Amaro um santo cujos milagres se faziam com cuspo. Papa, papa, papa, escarnecia. Papinhos, cardialinhos, bispinhos, etc... Papa para elle. Blateava contra os padres da terra, uma corja, ali como alhures; segundo o testemunho austero do venerando Manuel da Nobrega, o diabo vestia batina no Brasil.

Na carta de 28 de Junho de 1546, publicada por Varnhagen, escrevia o donatario: "tanto que os en-

genhos se acabarem espero em Deus aqui um novo reino e muita renda em breve tempo". Estes sonhos foram interrompidos quatro mezes mais tarde da maneira mais violenta.

A 24 de Novembro alborotou-se a população da villa de Porto Seguro. Bernardo de Aureajac, vigario, frei Jorge, capuchinho, Manuel Collaço, capellão do duque de Aveiro, João Camello e Pero Rico, beneficiados da matriz, João Bezerra, clérigo de missa, o da Bahia, juizes ordinarios, vereadores, "todo o mais nobre e honrado povo desta villa e capitania e pessoas de mais autoridade e saber" aprisionaram Pero do Campo Tourinho e puzeram-no a ferros.

Desde annos atraz, Aureajac o ameaçara com um instrumento ou auto de suas blasphemias, que enviaria ao reino; agora pela alliança do braço secular e do braço ecclesiastico a obra poude sahir completa.

O vigario improvisou um tribunal composto de inquiridor, escrivão, juiz ordinario, a que elle proprio presidiu; formou um libello em quatorze artigos, e intimou o preso a ver jurar testemunhas. Este, impossibilitado de comparecer, fez-se representar por um procurador, que assistiu a algumas audiencias.

As audiencias foram teúdas a 27 de Novembro, 4, 7, 9, 10 e 28 de Dezembro na matriz de Nossa Senhora da Pena. Juraram vinte e sete testemunhas, entre ellas Antonio Pinto, irmão da mulher; Pero Corrêa, noivo da filha do donatario; Francisco Bruza de Espinosa, castelhano de 26 annos, que em 1553 acompanharia João de Aspilcueta Navarro, na primeira entrada das terras mineiras. Uma declarou-se inimiga,

algumas amigas, e não foram das que fizeram menor carga, outras inimigas apenas dos maus actos; algumas aos costumes não disseram nada.

Terminada a inquirição e conclusos os autos, o vigário condemnou o reu a ir assim preso em ferros como estava a seu prelado ou a quem o caso no reino pertencesse. O traslado e concerto dos autos acabou a 7 de Fevereiro de 1547, e só depois disto seria o embarque. Si passou primeiro por Funchal, cabeça da diocese a que pertencia Porto Seguro, ou partiu directamente para o reino, é impossivel decidir. Ou já chegou solto a Lisboa, ou o soltaram sem demora, pois em vez de ficar na cadeia, encontramo-lo residindo em Boa Viagem, á rua do Poço.

A papelada foi para a Inquirição, que se mostrou benevola, exigindo apenas que Tourinho prestasse fiança de mil cruzados, de não se ausentar da capital, e aceitando como sufficiente a hypotheca das rendas e fazenda da capitania de Porto Seguro. Succedeu isto em Novembro.

Passaram quasi tres annos. A 8 de Outubro de 1550, Tourinho foi sujeito ao interrogatorio, adiante publicado ⁽¹⁾. Qual o resultado do processo não ha meio de descobrir. Tourinho foi absolvido, ou apenas teve alguma pena leve, talvez alguma penitencia; a Inquirição era nova, seus raios fulminavam de preferencia christãos novos ou hereges professos, e Tourinho seria quando muito herege intermittente e diletante.

Nem elle nem a mulher voltaram mais ao Brasil. Com autorização regia transmittiram a capitania a seu filho Fernando que pouco tempo sobreviveu, e a

herança coube a Leonor do Campo, talvez nascida em Porto Seguro, que parece não ter acompanhado os paes á Europa, naturalmente por já estar casada. Leonor vendeu os direitos ao duque de Aveiro, quando enviuvou de Gregorio de Pesqueira. Um seu filho, de nome igual ao do avô materno, tomou ordens, foi condiscipulo de frei Vicente do Salvador em artes e theologia, e chegou a deão da Sé da Bahia.

O que ahi fica consta do processo original guardado na Torre do Tombo e tão cheio de palavradas crespas que seria temerario imprimi-lo na integra. Uma copia, obtida graças aos bons officios do erudito e independente historiador dos Jesuitas no Grão Pará, do Marquez de Pombal, proximo biographo de Antonio Vieira, meu amigo J. Lucio de Azevedo, deu aso a estas mal traçadas linhas que submetto á sua benevolencia.

Rio, Maio de 1917.

1) Cópia do interrogatorio a que se refere o texto :

Aos oito dias do mez de Outubro de 1550 annos, em Lisboa, na casa do despacho da Santa Inquisição, estando hi os Senhores deputados, mandaram vir perante si a Pero de Campo Tourinho, capitão do Porto Seguro das terras do Brasil, e pelo juramento dos Santos Evangelhos lhe fizeram pergunta.

Quanto tempo havia que era capitão do dito porto e capitania? Disse que haveria desasete ou desaseis, e que ao tempo que lhe el-rei nosso Senhor fez mercê da dita capitania estava em Viana de Caminha onde era morador e hi nascera e fora bautisado.

Perguntado em que cousas gastara seu tempo em quanto estivera na sua capitania, disse que fizera oito igrejas em que se dizia missa, e que fizera oito villas, nas quaes em cada uma mandara fazer uma igreja, e que em Porto Seguro que é a principal mandara fazer duas e assi mandara fazer muitos engenhos na terra e outras cousas necessarias pera ella, a qual povouou de novo.

Perguntado si no tempo que la andou se se confessava e commungava no tempo que manda a Santa Madre Igreja, disse que si e que se confessava com um vigario clerigo francez, o qual tinha ahi em Porto Seguro e que tambem se confessava a um mestre Marcos, o qual fora cura da igreja do dito porto.

Perguntado se era lembrado, estando na dita sua Capitania, dizer ou fazer alguma cousa que fosse contra nossa Santa Fé Catholica e contra o que tem e crê a Santa Madre Igreja, pera que de qualquer cousa de que sentisse nesta parte sua consciencia encarregada pedisse perdão a Nosso Senhor e misericordia a Santa Madre Igreja, para ser recebido com muita misericordia, disse que não era lembrado dizer nem uma cousa que fosse contra a Santa Fé Catholica, antes reprehendia as pessoas que via fazer o que não deviam.

Perguntado se era lembrado dizer alguma hora, quando fazia alguma cousa, que, si Deus o não ajudasse nella, que diria que a fé dos Mouros que era melhor que a dos Christãos e que se tornaria mouro, disse que nunca tal disse.

Perguntado si alguma hora dissera a certas pessoas que iam ouvir missa: onde ides? não ides a ver Deus sinão ao Diabo, disse que nunca tal disse.

Perguntado se dizia elle na dita sua Capitania que nem um dia de Nossa Senhora nem dos Apostolos nem dos Santos se haviam de guardar e por isso mandasse trabalhar a seus servidores nos taes dias, disse que não,

mas antes os mandava guardar e festejar; somente que reprehendia ás vezes o vigario francez por dar de guarda S. Guilherme, e São Martinho e S. Jorge e outros Santos que não mandava guardar a Santa Madre Igreja, nem os prelados mandavam guardar em suas constituições, porquanto a terra era nova e era necessario trabalhar para se povoar a terra e fazerem-se algumas cousas do serviço de Deus.

Perguntado si era lembrado dizer alguma hora que merecia mais que os Santos Apostolos e que, se Deus lhe não dava alguma cadeira mais alta que a dos Profetas, que guardasse seu paraíso, disse que nunca tal dissera, somente dizia ás vezes, vendo que trabalhava da noite e de dia com muitos cuidados: que mais trabalhos podia ter S. Pedro que elle?

Perguntado si dissera alguma hora que não havia de por candeas a Santo Antonio, nem lhe dar esmola, antes havia de tirar a imagem delle do altar por lhe fazer fugir os seus escravos, disse que nunca tal dissera, mas antes lhe fazia dizer missas e fez fazer a sua confraria, a qual os confrades não pagavam e elle a pagava.

Perguntado si dissera alguma hora que hi não ha tantos Santos de guarda e que si havia tantos que os bispos os faziam por fazerem as vontades a suas mancebas que lhe pediam, disse que não; somente por rir dizia alguma hora, quando via que mandavam guardar algum Santo que a egreja não mandava guardar por não estar no Calendario, dizia que o prelado o mandava guardar por ser do nome da sua manceba, e que quem era preguiçoso por jogar e folgar buscava muitos Santos, e que isto tudo disse pera animar os homens que trabalhassem pera que a terra se povoasse e se fizesse o que era necessario e se aumentasse a Fé Catholica.

Perguntado si disse alguma hora contra a bem-aventurada Santa Luzia que era uma mulherzinha por

hi, disse que não, mas antes lhe fizera fazer um altar muito honrado e lhe mandava dizer uma missa cada semana.

Perguntado si dissera alguma hora que os bispos eram uns bugiarões e tyranos que casavam e descasavam e faziam o que queriam por dinheiro, disse que não dissera tal e que lhe lembrava mais entender em seu trabalho e no bem da terra que dizer taes cousas, e que quando lhe diziam que os prelados tinham rendas e folgavam, que elle dizia que estes tinham tanto trabalho como os que trabalham de pela manhã até noite e isto com suas ovelhas e com o cuidado dellas.

Perguntado por que resão deitara de pregador a um frei Francisco que ahi pregava na igreja, disse que não o lançara dahi, mas que elle se fora e lhe pagara tudo o que lhe devia, e que a causa que se fora era por dizer que se queria ir por ali lhe pagarem seu trabalho em assucar e em outra parte lhe pagarem em dinheiro, e que este frei Francisco dissera um dia no pulpito que se alevantara Deus para tomarem a bandição a Barzabu, e que o povo se escandalisara disso e elle tornara a dizer no pulpito que se não escandalisassem do que dissera, por que ás vezes queria um homem dizer uma e escapavam-lhe outras, e que era castelhano e estava agora em Pernambuco.

Perguntado si dissera alguma hora que Deus lhe dizia que, comquanto elle fosse capitão que não havia de vir guerra á terra e que não era necessario reparo, disse que não; somente dizia ao povo, quando lhe ouvia falar em guerra, que não houvessem medo que Nosso Senhor tinha cuidado delles e que fossem trabalhar e fazer o que haviam de fazer e não houvessem medo.

Perguntado si dissera que, quando um frei Roque dizia missa e alevantava o Santo Sacramento, que não alevantava a Deus sinão ao Diabo, disse que nunca tal disse, mas que antes lhe dera dinheiro para lhe dizer

quatrocentas missas e que elle lhe não dissera nem uma, e quando morreu lhe mandara deixar o dinheiro que lhe dera.

Perguntado si tinha algumas pessoas que lhe quizessem mal, disse que si, como era um Duarte de Siqueira, que já é falecido, e um Belchior Alvares, e um Pero Mousinho, e Diogo Fernandes e Gaspar Roiz e João d'Outeiro e André Ferreira e Lopo Vaz, alcaide, e Domingos Martins, e Francisco Bruza, castelhano, e Duarte Fernandes, e Francisco Gonçalves, e Gonçalo Anes e Aleixos de Souza, pedreiro, e Joanne Anes e Francisco de Sadeiros e Jorge Martins, Bartholomeu Deran, castelhano, e João Vieira e Pero Gonçalves e Gonçalo Fernandes, vereador, e Gaspar Fernandes, tabalião, e que todos estes estavam mal com elle, por elle bradar com elles que não queriam trabalhar e lhes reprimia seus vicios e os castigava e prendia quando era necessario, polos males que faziam aos Indios, dormindo-lhes com suas mulheres e filhas e faziam outras cousas que não deviam.

Perguntado si queria estar pelos autos que contra elle vieram do Brasil, disse que tudo o que contra elle diziam era falso, por que os que contra elle testemunhavam eram seus inimigos, nomeando os sobreditos e outros que lhe queriam mal por elle fazer o que devia e os castigar e al não disse. — Paulo da Costa o escrevi.

E disse que as pessoas que tem nomeado de sua Capitania e estes podiam trazer outros que testemunhassem contra elle e diriam o que queriam e fariam o que quizessem depois que o não viram na terra. — Jorge Gonçalves Ribeiro. Pero do Campo. Ambrosius.

(Archivo da Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa. Processo 8821).

OS CAMINHOS ANTIGOS
E
O POVOAMENTO DO BRASIL

Estudo publicado no "Jornal do Commercio" de 12, 29 de Agosto e 10 de Setembro de 1899 e reproduzido, refundido e ampliado, na "*America Brasileira*", ns. 32, 33 e 34 de Agosto, Setembro e Outubro de 1924.

OS CAMINHOS ANTIGOS E O POVOAMENTO DO BRASIL

Na era de 1530 o territorio entre o Maranhão e Santa Catharina foi dividido em 12 capitancias hereditarias, desiguaes em superficie, limitadas todas a Éste pelo Atlantico, a Oéste pela linha phantastica de Tordesilhas.

Até então o Brasil estivera entregue a degredados, a desertores, a traficantes da madeira que lhe deu o nome. Seu povoamento fôra descurado inteiramente, embora Diogo de Gouvêa e Christovam Jaques apontassem, como meio unico de impedir as incessantes incursões francezas, a fundação de povoações e fortalezas, que não deixassem carga para as naus de contrabandistas. Com o anno de 1535 se iniciou um movimento capital, que ainda hoje continúa.

Como se deu? Póde-se apanha-lo em algumas linhas principaes, qual de um paiz se reúnem todas as aguas em poucas bacias preponderantes? E' o que se pretende averiguar neste ligeiro esboço.

OS CAMINHOS ANTIGOS



I

Começaremos eliminando das 12 primitivas capitâneas as que demoravam além do cabo de S. Roque.

João de Barros, Fernão Alvares de Andrade, Ayres da Cunha, Antonio Cardoso de Barros passaram sem deixar signaes. A ponta arenosa e safia, descoberta em Agosto de 1501, resistiu á onda colonizadora tão rijamente como o Bojador e o Tormentorio aos que procuravam o caminho maritimo das Indias. A occupação permanente da costa de Nordéste, ou Léste-Oéste segundo mais geralmente se dizia, só vingou no seculo XVII.

Eliminemos tambem o territorio entre o Sul da bahia de Todos os Santos e a capitania de Santo Amaro. Por todo elle se extendia mata grossa e enredada, que vedava passagem. A via unica de penetração sommava-se em rios encaixoeirados, que éra possível vencer e foram de facto vencidos: Sebastião Tourinho, Adorno, Azeredo, attestam-no. Da passagem de tantos homens audazes apagava-se, porém, o effeito com a esteira das canoôas que montavam. Seus nomes pertencem antes á erudição que á historia. Ilhéos, Porto-Seguro, Espirito Santo, parte de S. Vicente e Santo Amaro pouco differirão em 1801 do

que foram em 1601. Rio de Janeiro figurava uma excepção, por motivos indicados adiante.

Feitas estas eliminações, restam Pernambuco e S. Vicente, e os troços da capitania de Pero Lopes, que sempre gravitaram para as de Duarte Coelho e Martim Affonso, e finalmente nellas se absorveram. São estes os dois primeiros focos do povoamento da nossa terra.

A posição de Pernambuco, na parte mais oriental do novo e mais vizinha do velho mundo, facilitava as communicações com a Europa de onde viriam capitães e braços a explorar suas riquezas. Duarte Coelho, donatario primitivo, soube aproveitar energico a situação e firmar solidamente seu dominio. Os successores o imitaram. Até a invasão hollandeza Pernambuco se avantajava em população, riqueza e cultura a todas as irmãs.

Duarte Coelho se estabelecera em Igaracú, na divisa de Itamaracá, capitania de Pero Lopes, passando depois para Olinda, mais ao Sul.

Para o Sul continuaram Jeronymo de Albuquerque, Duarte Coelho II, Jorge de Albuquerque. No mesmo sentido trabalharam particulares, como João Paes, que fundou oito engenhos junto ao cabo de S^{to}. Agostinho, como o fidalgo allemão Christovam Lins, cuja viuva, D. Adriana de Olanda, vivia ainda na era de 1640, com 110 annos de idade, cercada de cinco gerações de descendentes; trabalharam ainda outros, cuja lembrança não se conservou com o mesmo cuidado.

A tendencia de todos esses povoadores era evidentemente o rio de S. Francisco, que o primeiro donatario se offerecera a conquistar, seduzido pelas riquezas delle fabuladas. Pelos annos de 1630 estava repartido todo o espaço entre Igaracú e sua foz, e ainda além; Duarte Coelho III elevou Penedo á categoria de villa.

A invasão hollandeza sustou o avanço. Bagnuolo, Camarão, Henrique Dias, Vidal, Barbalho, abriram caminhos que lhes permittiam passar longe do mar de um a outro extremo de Pernambuco. Com a capitulação de Taborda, a evacuação do Recife e a victoria final dos patriotas, o desuso os tornou obsoletos e por fim fecharam-se, para não se abrir senão muito tarde, quando o primeiro impulso colonizador divergira para outros rumos.

Na segunda metade do seculo 18º não se penetrava no Recife além de Bezerras, a quinze leguas para o interior: o que ficava além entendia-se com a Bahia. O Bispo Azeredo Coutinho allegava como um dos serviços de seu governo interino (1798-1804) ter aberto um caminho communicando a praça de Olinda com os sertões de S. Francisco.

Esse caminho serodio que, a julgar por uma indicação vaga de frei Caneca, acompanhava o Capi-baribe até Taquaretinga, de onde demandava o Brejo da Madre de Deus, isto é, sertões batidos por bahianos um seculo antes talvez, explica exuberantemente por que motivo os limites pernambucanos recuaram de Carinhanha, hoje divisa de Bahia e Minas Geraes,

para Páu de Arára, cento e cincoenta e quatro leguas rio abaixo, segundo as medições de Halfeld, e, ao contrario, a Bahia se estendeu até as fronteiras de Guaiáz. Pouco repara quem vir nisto apenas effeitos do decreto de 7 de Julho de 1824, que desligou de Pernambuco a comarca de S. Francisco, e da resolução de 15 de Outubro de 1827, que a incorporou á Bahia. Estes dois actos apenas apuram a Nemesis da historia.

Os serviços superiores de Pernambuco, avultam em direcção muito differente. De lá partiu a assistencia perenne para Itamaracá, tantas vezes premida pelos petiguares irreconciliaveis; as numerosas expedições que trouxeram a conquista ardua da Parahiba e do Rio Grande do Norte, onde francezes e petiguares fincaram pé mais de trinta annos antes de se darem por vencidos; o avanço arrastado para o Ceará, a conquista do Maranhão, a fundação de Belém, a investida do Amazonas.

A situação oriental de Pernambuco, tão favoravel a outros respeitos, designava-o de preferencia aos ataques vindos do Oriente. O ultimo partiu dos holandezes, que só abandonaram o territorio heroico depois de um quarto de seculo de occupação pertinaz. E a incorporação de Fernando de Noronha, no alto mar, a Nordeste, prolongamento antegeographico de Pernambuco, em desafio ao Oriente ultramarino, não é menos instructiva do que a sua atrophia irreparavel a Sudoeste.

O influxo de Pernambuco foi ephemero em todas as terras situadas além do Parahiba, e mesmo aquem,

no Piauí que, apenas começadas a povoar, constituíram logo o estado do Maranhão, isolado inteiramente do resto do Brasil por circumstancias que depois indicaremos⁽¹⁾; quando se reataram novamente os laços, já estava esquecida, a que se póde chamar, a segunda metropole. Ao contrario, Parahiba, Rio Grande do Norte, e mais tarde Ceará, depois de desligado do Maranhão, Alagôas, conservaram-se em maior ou menor dependencia commercial, economica e politica até nos dias.

A falta de bons portos e rios navegaveis, ou pelo menos perennes, em toda essa zona ingrata do Nordeste e a prohibição, vigente mais de cem annos, de

(1) *Pernambuco.*

Embora em menor escala, que da Bahia de Todos os Santos para o Sul, as serras e matas oppuzeram-se ao povoamento normal de Pernambuco.

A existencia e resistencia dos quilombos de Palmares seriam impossiveis em outras condições.

As paginas do texto, como sahiram primeiro no *Jornal do Commercio*, e agora vão ligeiramente attenuadas, provocaram as seguintes linhas de Annibal Falcão, grande e luminoso espirito, que a morte attingiu em plena floração. Para apanhar bem seu alcance convem lembrar que Annibal professava as crenças do positivismo mais orthodoxo.

“Pariz, Domingo. 15 de Outubro de 1899, — 1, rue Merlon (Avenue Marecau). — Aproveito estes momentos de repouso, a que me obrigam a doença e a necessidade de dar outro alimento á cabeça, para escrever-te dum artigo que li no *Jornal do Commercio* acerca do povoamento do Brasil. Não julgo que seja teu o trabalho, mas é evidentemente inspirado nos teus estudos, de que em conversa me deste noticia.

Na publicação a que alludo são accusados os Pernambucanos de não haverem completado o *reconhecimento* de sua terra.

O facto é incontrovertivel, mas a inculpação immerecida. Sobre tudo quando se enaltecem os meritos dos Paulistas.

commerciarem suas capitánias subalternas directamente com o reino, influíram bastante para o resultado. Não menos concorreria o facto dos pernambucanos aqui não terem tido repugnancia de entrar pelo sertão.

No avanço para o sertão defrontaram os indios, em que sobressahiam os cariris, antigos dominadores do litoral, então acuados entre o S. Francisco e a Ibiapaba. A sua resistencia foi terrivel, talvez a mais persistente que os povoadores encontraram em todo o paiz; mas atacados no rio S. Francisco, no Piranhas, no Jaguaribe, no Parnahiba, por gente de S. Paulo, da Bahia, de Pernambuco, da Parahiba, do Ceará, foram uns mortos, outros reduzidos a aldeamentos, outros

Não haverá nisso resquícios da ingratidão dos Cearenses para conosco? De tua provincia raros representantes de algumas excepcionaes familias se mostraram, por actos politicos, ligados aos Pernambucanos; a essa solidariedade parece agora attribuir-se a communhão no odio ao poder adverso.

Donde vem esse sentimento hostile? Provavelmente da preponderancia ethnologica do cabôelo.

Digo ethnologica justamente porque a influencia sociologica dos antigos incolas do Brasil foi quasi nulla na constituição de nossa nacionalidade.

Podes procura-la por toda parte, e em nenhuma lograrás achá-la. — No indianismo literario? — Mas é, em Alencar, seu grande representante, um producto de imitação de que foram modelos Fenimore Cooper e Chateaubriand. Em Gonçalves Dias — mulato — é pura erudição. Esse grande poeta devera ter cantado os negros, cujos ternos sentimentos revelou em formas eruditas.

Antes desses, que são o autor do *Caramurá* e Basilio da Gama? Artifices estrangeiros.

O Cearense ficou desconfiado por ser da insociavel raça do Floriano; ao passo que o Pernambucano fez triumphar na *Terra Papagallorum* a missão dos Portuguezes.

agregados a fazendas, fundindo-se e confundindo-se com os colonizadores alienigenas.

A pacificação dos cariris, mais ou menos completa nos primeiros decennios do seculo XVIII, deixou livre uma grande área e por ella alastraram numerosas fazendas de gado. Dos povoadores alguns se corresponderam principalmente com a Bahia ou Minas Geraes, outros demandaram do Acaracú, do Jaguaribe, do Piancó, atravez da Borburema, o litoral pernambucano.

Antonil calculava em mais de oitocentas leguas a extensão occupada por curraes pernambucanos, a contar de Carinhanhá. A maior parte escoava para

Tu, que deves ser o historiador da *Fundação do Brasil*, ouve estas razões que te vou dizer.

Os Pernambucanos não *esculdrinharam* o paiz em cuja orla maritima elegeram sua habitação, por muitos motivos dos quaes descobriste um: a innavegabilidade dos rios (salvo — e ainda assim! — o S. Francisco) pelos quaes deveriam subir ao sertão. Os outros motivos — muito mais importantes — podem resumir-se no seguinte: elles tinham cousa mais importante a fazer, que era, após se terem estabelecido em pontos que lhes pareceram favoraveis, e depois de haverem perlustrado o litoral vizinho, defender as suas posições.

Só isto lhes custou esforço meritorio de grande reconhecimento nosso. Mas muitissimo beneficio nos deram maior que esse: o da prompta constituição de uma nova Patria — a nossa. Tudo elles da Europa transportaram ás regiões vizinhas do Iguaraçú, e defenderam-no com heroismo: costumes, leis, industrias, literatura scientifica e poetica, — o conjunto, emfim, da mais adiantada civilização do mundo actual.

Que fizeram os teus Paulistas?

Em primeiro lugar, porque eram já habitadores do sertão, não tinham que lutar com os fortes competidores europeus; em segundo lugar, descobriram apenas o que se lhes deparou na sua caçada aos indios para a exploração do couro. Nisso não os guiava o primeiro impulso dum bra-

fóra da capitania. Excluindo o S. Francisco, alista nos centros pastoris o rio das Cabaças, o rio de São Miguel, as duas alagôas com o rio do Porto do Calvo, o da Parahiba, o dos Cariris, o do Açú, o do Podi, o do Jaguaribe, o das Piranhas, o Pajehú, o Jacaré, o Canindé, o Parnahiba, o das Pedras, o dos Camarões e o Piaugui.

Nos primeiros tempos Piauí pertencia a Pernambuco e a freguezia da Mocha dependia da de Cabrobó.

Dos pontos extremos a que chegou a ascendencia de Pernambuco para o Norte podemos indicar Lavras, no Jaguaribe, em cujas cercanias estavam a fazenda do Juiz, pertencente ao mosteiro de S. Bento de Olinda, e Caiçara ou Sobral, na ribeira do Acaracú. Ligando Sobral ás terras de Parnahiba, tornou-se viagem relativamente facil vir do Maranhão e Piauí a Pernambuco pelo caminho indicado.

sileirismo expontaneo: a cobiça devastou-lhes terras cujos incolas elles exterminaram pelo arcabuz ou pelo captivoiro.

Ainda que eu pudesse demonstrar essas affirmativas, nem tenho tempo de o fazer, nem tu de tal precisas. Mas, Capistrano de Abreu, historiador do Brasil, carece de justiça e de verdade. Que o Tietê não se lhe represente melhor do que é e, sobretudo, foi: o rio da escravidão dos indios está muito longe de haver sido o Nilo, em cujas margens se fundou a nossa civilisação."

II

Grande e bem grande centro de povoamento foi S. Vicente, villa fundada em 1532 por Martim Affonso de Sousa. Della se separou logo Santos, que já existia em 1549. Das duas sahiu gente que se estendeu para o Norte até a angra dos Reis e para o Sul até Laguna.

A mata litoranea, que começa em Ilhéos, prosegue para Santa Catharina, até onde avança a serra do Mar; estreita-se, porém, em frente a S. Vicente, onde já fôra vencida antes de Colombo e Pedralvares, graças á circumstancia de serem os mesmos os indios que habitavam o litoral e o planalto — os tupiniquins e antes destes os guianazes, guarulhos, gualachos, maramomis, differentes em tudo dos primeiros.

Depois de installar S. Vicente, Martim Affonso transpoz a serra de Paranapiacaba e criou outra villa; que posteriormente mudou de séde e nome, transformando-se insensivelmente na actual cidade de S. Paulo.

O caminho entre S. Paulo e S. Vicente não era commodo, mesmo aproveitados os trechos navegaveis do Cubatão e de um dos affluentes do Tietê. Fernão Cardim, que fez a viagem em 1585, nas melhores condições possiveis para a época, por acompanhar o padre Christovam de Gouvêa, visitador da Companhia de

Jesus, já pujante e prestigiosa, graças a tantos serviços prestados, empregou nella quatro dias e diz: “O caminho é tão ingrime que ás vezes iamós pegando com as mãos”, antes de chegarem bem cansados ao cume da Paranapiacaba; e depois de passado: “Todo o caminho é cheio de tijucos, o peor que nunca vi, e sempre iamós subindo e descendo serras altissimas e passando rios caudaes de agua frigidissima”.

Portanto, não podiam ser frequentes as communições entre o litoral e o planalto, como logo o vestuario o malsinava. Os moradores de Piratininga, diznos o mesmo autor, “vestem-se de burel e pelotes pardos e azués, de pertinas compridas... vão aos domingos á igreja com roupões ou berneu de caxeira sem capa”. E frei Vicente do Salvador, descrevendo a viagem feita por D. Francisco de Sousa uns quinze annos mais tarde, repara: “Até então os homens e mulheres se vestiam de algodão tinto, e se havia alguma capa de baeta e manto de sarge, se emprestavam aos noivos e noivas para irem á porta da igreja”.

Assim as asperezas do caminho difficultavam o trato entre o interior e o litoral. E não o favoreciam as condições economicas, pois Piratininga só precisaria de sal, polvora, armas e alguns tecidos e quasi só podia dar em troca algum ouro de lavagem, que desde logo foi sendo extrahido, e os indios apanhados nas bandeiras, que, movendo-se pelo proprio pé, dispensavam conducções dispendiosas. Accrescente-se que os habitantes do campo cegavam ás vezes os caminhos, para tolher a acção das autoridades de serra abaixo, representantes do poder real ou senhorial. De tudo resulta

a necessidade de considerar o povoado serrano independente de Santos, de S. Vicente e da marinha em geral. Esta, fique logo entendido, só em nossos dias sacudiu o letargo.

A situação geographica de Piratininga impellia-a para o sertão, para os dois rios de cuja bacia se avizinha, o Tietê e o Parahiba do Sul, theatros provaveis das primeiras bandeiras, que tornaram logo famoso e temido o nome paulista. No Paraná, os jesuitas do Paraguai foram reunindo e domesticando numerosas tribus inermes, indefesas.

Ao assumpto que estudamos não pertencem as bandeiras, por motivos obvios. Concorreram antes para despovoar que para povoar nossa terra, trazendo indios dos logares que habitavam, causando sua morte em grande numero, óra nos assaltos ás aldeias e aldeamentos, óra com os maus tratos infligidos em viagens, óra, terminadas estas, pelas epidemias fataes e constantes, aqui e alhures apenas os selvicolas entram em contacto com os civilizados. Accresce que os bandeirantes iam e tornavam, não se fixavam nunca nos territorios percorridos; isto explica o motivo da sua persistencia durante mais de um seculo e seu exilio quando não tornaram mais á patria.

A attenção que não cabe aos bandeirantes reclamam-na de passagem os conquistadores, homens audazes, contratados pelos poderes publicos para pacificar certas regiões em que os naturaes apresentavam mais rija resistencia. Os conquistadores podiam captivar legalmente a indiada, recebiam vastas concessões territoriaes, iam autorizados a distribuir habitos e paten-

Bande

tes aos companheiros mais esforçados. Estevão Ribeiro Bayão Parente, Mathias Cardoso, Domingos Jorge Velho e outros fixam este curioso typo; geralmente não tornavam á patria e deixaram signaes de sua passagem e herdeiros de seu sangue em Minas Geraes, na Bahia, em Alagôas e alhures; mas o maior serviço que prestaram consistiu em ligar o Tietê e o Parahiba do Sul ao S. Francisco, atravez da Mantiqueira, construindo e levando rio abaixo canoas para as quaes não havia aqui madeira propria, e auxiliarem os curraleiros a se estenderem até o Parnahiba e Maranhão. Domingos Jorge Velho foi um dos primeiros devassadores do Poti.

Ao tempo em que os conquistadores se batiam contra os indios de Paraguaçú e Ilhéos, prosperava á volta de S. Paulo grande numero de villas: Mogi das Cruzes, Parnahiba, Taubaté, Guaratinguetá, Itú, Jundiahi, Sorocaba, são todas anteriores a 1680, anteriores ao grande exodo que assignalou o ultimo quartel do seculo XVII. Cada uma das villas extremas demandava destino diverso: as villas do Parahiba do Sul apontavam para as proximas Minas Geraes, como Parnahiba e Itú apontavam para Mato Grosso, como Jundiahi apontava para Guaiáz, e Sorocaba para os campos de pinheiros em que já surgia Curitiba.

Para mobilizar todas essas forças bastou o descobrimento do ouro, ouro corrido, é verdade, como se conseguira já em tantos corregos e rios, mas com abundancia de que só em terras de lingua ingleza se encontrou o equivalente em nossos dias.

Os primeiros descobertos lavraram-se em aguas do rio Doce, do rio das Velhas, mais tarde, do rio das Mortes e do Jequitinhonha: a população que acudiu procedeu toda, ou quasi, do planalto, especialmente do rio Parahiba do Sul, onde a estreiteza do valle, cavado entre a Mantiqueira e a cordilheira maritima, produzia o effeito de condensador. Logo appareceram outros novos haveres. Pouco tempo os desfrutaram em paz os descendentes dos bandeirantes e conquistadores, derrotados no encontro com os emboabas, ou, para falar com mais precisão, dos aventureiros, na maioria bahianos, vindos do Norte, beirando o S. Francisco e o rio das Velhas.

Com a victoria dos emboabas, Itú e Sorocaba assumem seu papel historico. Pelo Tietê abaixo até a barra, pelo Paraná até o Pardo, por este até a balança das aguas com o Paraguai, pelo Coxim, pelo Taquari, pelo Paraguai, pelo S. Lourenço, pelo Cuiabá, attingiu-se a descobertos em que o ouro se apanhou ás arrobas. E logo transposta a chapada e espontados rios que correm ao Amazonas e ao Prata, chegou-se ás cabeceiras do Guaporé, desceu-se para o mato grosso do Jaurú, ou avançou-se para o alto Paraguai. Até aqui, não se atreveram emboabas, mas no labyrintho dos pantanaes appareceram indios ferozes, não desbastados sufficientemente por bandeiras; appareceram as difficuldades da viagem, que desde Araritiguaba, ou Porto-Feliz, pedia quatro a cinco mezes, atravez de mais de cem saltos, caxoeiras, corredeiras e entaipavas. Cuiabá e Mato Grosso, para não succumbir, tiveram que se desligar de S. Paulo.

Antes disto se consummar chegara a vez de Jundiáhi, de onde partiu Bartholomeu Bueno e cortando afluentes do rio Grande, e o proprio rio Grande, pon-do-se do outro lado do Parnahiba (do Sul) encontrou finalmente os indios guaiazes, que vira menino, quando por aquellas brenhas guerreava em companhia de seu pai Anhanguera, o diabo velho, o diabo legião que incendiava os rios. Em aguas de um afluente do Araguaia pintou o primeiro ouro. Abundantes minas encontraram logo Amaro Leite, Godoy, Calhamará pela ribeira do Araguaia, pela ribeira do Tocantins.

Cerca de 1740 minerava-se ouro desde as serranias do Espinhaço até os chapadões dos Parecis, e quasi sempre fôra um paulista o descobridor. S. Paulo estava, porém, exausto. Densa sua população não era tanta que pudesse resistir a tantas sangrias ininterruptas que a victimaram. Por maior desventura os poderes publicos quasi não deram um passo que não fosse em detrimento daquelles sertanistas façanhudos.

Arthur de Sá, governador do Rio de Janeiro, o primeiro que visitou as minas geraes, teve de ir por terra desta cidade a Parati, e de Parati a Taubaté, para transpor a Mantiqueira. Seguiu assim uma trilha antiquissima dos guainazes, porque do mesmo modo que a gente de Ilhéos, Porto Seguro e Espírito Santo, os fluminenses não se animaram a varar a mata de um a outro lado.

Offereceu-se a Arthur de Sá para abrir communição directa com o Rio um paulista, Garcia Rodrigues Paes, filho de Fernão Dias Paes, o governador

das esmeraldas⁽²⁾. Isto fez partindo dos descobertos já lavrados, beirando o Parahibuna até o Parahiba do Sul e transpondo a divisória deste até o rio Morobahi ou Pilar, traçado em parte coincidente com a via ferrea que já não se chama Pedro II e com a de Melhora-

(2) *O rotreiro de Fernão Dias Paes.*

O caminho seguido por Fernão Dias Paes era bem conhecido e mais de uma vez foi trilhado por pessoas que do sertão vinham pedir reforços de Piratininga iam levando auxilios mandados pela familia no decurso da expedição em que finalmente deixou a vida. Comparando-o com o de D. Rodrigo de Castello Branco, administrador das minas, pode-se determina-lo com bastante precisão, pois D. Rodrigo não teve maior preocupação que a de acompanhar-lhe as pegadas. Apenas chegou a Santos tratou de pôr-se em comunicação com o governador das esmeraldas para quando tornasse de Paranaguá. Na entrada elegeu braço direito a Mathias Cardoso de Almeida, seu antigo companheiro. Na marcha encontrou um portador de Garcia Paes, filho de Fernão, mais adiante o proprio Garcia e tragicamente foi morto no arraial de Manoel de Borba Gato, cunhado deste.

D. Rodrigo partindo de S. Paulo a 19 de Março de 1681, a 24 assignava um documento em Atibaia; a 19 de Abril fugiam-lhe indios na paragem de Sapucahi; estes dous nomes bastariam para mostrar que o caminho seguido não foi o do Parahiba do Sul.

Deve ter sido o de Atibaia, em parte percorrido por Spix e Martius, e em parte descrito por Paula Ribeiro em 1815: Rev. Trim., 2.º, 5.º.

O caminho de Atibaia ou Sapucahi e o de Parahiba do Sul communicavam-se na Mantiqueira por varias gargantas, apontadas nas seguintes notas graciosamente fornecidas por Gentil Moura:

“Na região de Piracaia (antiga cidade de Santo Antonio da Caxoeira) ha as gargantas do rio Caxoeira e Muquem, affluentes do rio Atibaia e situados entre os morros do Lopo e a pedra do Sellado.

Fronteiras a Jacarehi ha as gargantas do rio do Peixe e do rio das Cobras, affluentes do Parahiba e situados ao Sul da pedra do Sellado.

Fronteiras a S. José dos Campos ha as gargantas do rio Buquirá.

Fronteiras a Pidamonhagaba e entre os morros do Itapeva e Pico Agudo, ha a garganta do Piracuama.

mentos a esta reunida ⁽³⁾. Data dahi a ruptura das matas, feita por mãos alheias (o fluminense é incapaz de dizer *sape* a um gato, escreve alguém que os conversou), o florescimento do Rio de Janeiro, que em 1711 já fornecia opimo espolio ao corsario Duguay-Trouin.

A obra anti-paulistica de Garcia foi continuada

A partir do Jacarehi, as gargantas convergem para a região mineira chamada do Sapucahi (S. José do Paraíso, Sant'Anna do Sapucahi, etc.).

Fronteiras a Guaratinguetá ha as gargantas do Piraguhi e Guaratinguetá; fronteira de Lorena a Piquete, fronteira de Caxoeira (Bocaina) ha a garganta do Embahú, onde se fez a entrada para Minas Geraes, ganhando o valle de Passa Vinte depois da travessia da serra."

Ao tomar posse de sua cadeira no Instituto Historico do Rio, Gentil Moura traçou uma bella synthese da antiga viação paulista, que se pode ler no *Diario Official* de 3 de Julho de 1920.

(3) *Primeiros caminhos do Rio para as minas.*

Tres foram os primitivos caminhos que puzeram em communição a cidade do Rio de Janeiro com as terras de além Parahiba do Sul e Parahibuna.

O primeiro, vulgarmente chamado o caminho velho, aberto por Garcia Rodrigues Paes, partia do norte do Pilar, transpunha a serra, passava as roças Marcos da Costa nas cabeceiras do rio Sant'Anna, Patí, etc.

O segundo depois de passado o Parahiba do Sul, desenvolvia-se pelas margens do Piabanha e Inhomerim: de Inhomerim vinha-se embarcade para o Rio; a praia dos Mineiros era o ponto de desembarque.

O terceiro, vulgarmente chamado caminho novo, passava por Merití, Maxambomba e Sacra Familia.

Todos tres se reuniam na bacia do Parahiba do Sul e transpunham a divisa das aguas para a Guanabara, onde feneciam.

O caminho aberto por Garcia Rodrigues está descrito em Antonil: por elle marcharam as tropas que das terras de ouro vieram acudir ao Rio, atacado por Duguay-Trouin.

O segundo, obra de Bernardo Soares de Proença, já era utilizado em 1725, como desde 1907, se divulgou nos *Capítulos da Historia Colonial*, pg. 140. (Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, pg. 196).

por seu cunhado Manuel da Borba Gato, que se estabeleceu no rio das Velhas.

Dali contra a propria vontade e ordens draconianas do ultramar, mas urgido por inelutaveis condições demographicas, encaminhou para a Bahia o ouro e o commercio do S. Francisco.

Em Mato Grosso procurava-se remedio contra os ataques ferozes dos paiaguás, guaicurús, caiapós ou porrudos, que desde os pantanaes do Paraguai até os saltos do Pardo, balisaram de cadaveres cada palmo de terreno. O que se offereceu mais adequado consistiu em abrir trato por terra para as minas de Guaiaz já então descobertas. Desta empresa se encarregou Antonio Pires de Campos, auxiliado pelos bororos, que soube attrair ao seu serviço. No principio da seculo XIX Caetano Pinto, nomeado governador de Pernambuco, veio por terra do Guaporé ao rio de São Francisco.

No anno de 1742, Manoel Felix de Lima desceu pela primeira vez o Madeira desde o Sararé e Guaporé até o Pará: José de Sousa Azevedo em 1746 desceu o Tapajós. O governo da metropole prohibiu sob graves penas o aproveitamento dessas vias de communição, especialmente a do Madeira; mas desde que se

Entre S. Paulo e Rio os caminhos variaram bastante. Muitos moradores de serra acima procuraram sahida para as aguas da ilha Grande ou de Angra dos Reis, donde era facil o transporte por terra ou por sumacas até a capital. A E. F. Central do Brasil, desde as divisas de S. Paulo, afastou-se dos caminhos preexistentes e abriu novos. Na jornada de Ypiranga, Pedro I viajou por Santa Cruz e Itaguahí, S. João Marcos, Areia, Lorena.

erigiu a capitania de Mato Grosso e se escolheu para a capital a Villa-Bella não restava outro recurso'. Com o governo de D. Antonio Rolim de Moura se tratou de utilizar o Mamoré e Madeira para as communicações com o Pará, apesar dos colossaes embaraços offerecidos pelo trecho encaxoeirado, só venciveis e só vencidos por via ferrea. D. Antonio Rolim de Moura, conde de Azambuja, que alcançara Cuiabá - Mato Grosso e de sua viagem deixou aprazivel narrativa, nomeado governador da Bahia em 1766, desceu do Guaporé ao Maranhão, donde foi por terra a seu destino.

O caminho fluvial do Madeira, o caminho terrestre de Guaiáz, concluíram a obra anti-paulistica iniciada nos morticínios dos pantanaes. Quando Spix e Martius visitaram Porto Feliz, na segunda decada do passado seculo, o commercio antigo estava amortecido. Não mais de seis a oito canôas annualmente faziam o serviço, em que não muitos annos antes porfiavam tantas monções.

Tambem Guaiáz não se lembrou muito tempo que de S. Paulo partira o movimento que o transformára. A divisoria das aguas entre o Tocantins e o S. Francisco abunda em gargantas, seguramente já trilhadas pelos indios: Duro, S. Domingos, Taguatinga, Santa Maria, Arrendidos, etc. Pelas gargantas mais septentrionaes, os guaianos se communicaram com a margem pernambucana (esquerda) do S. Francisco, de onde com mais facilidade tinha de ir o gado de que precisavam, sob pena de morrerem de fome; pelas mais meridionaes attingiram à margem bahiana do

S. Francisco, ou terras de Minas, que apresentavam como termo de viagem os portos da Bahia e Rio de Janeiro, a todos os respeitoos mais vantajosos que São Paulo ou Santos. O refluxo de Guaiáz para S. Paulo é todo obra dos nossos dias e precedeu de pouco a abertura da Mogiana.

O governo da metropole, absorvido por interesses fiscaes, sacrificou conscientemente S. Paulo a Minas, porque a principio não tinha confiança nos paulistas, tanto que recommendou ao governador Antonio de Albuquerque que não lhes confiásse armas, e porque, estando o serviço de arrecadação de quintos melhor organizado em Minas Geraes, onde registrou vantagens, patrulhas volantes tomaram todas as sahidas e as Camaras municipaes prometteram pagar cem arrateis de ouro annualmente, da metropole galardoadá.

Na segunda metade do seculo dezoito o megalomaniaco governador de S. Paulo, D. Luis Antonio de Sousa Botelho e Mourão, quiz aproveitar a posição de Sorocaba e mandou fundar Lages, em terras que actualmente pertencem a Santa Catharina. Assim e mais com a empresa tragica de Iguatemi não fez se não consummar a ruina da capitania entregue a seus cuidados. Os paulistas não sabiam mais sertanejar nem minerar. Encontramo-los depois nas tropas regulares empenhados nas guerras platinas desde o refugio: é seu pejo extremo.

A estrada de Sorocaba a Porto Alegre e ao territorio das Missões teve sua importancia quando vinham ás feiras dezenas de milhares de bestas, mas sua influencia durou pouco e esvaiu-se com a introducção

do vapor. A Éste nella desembarcaram caminhos vindos da marinha, aonde a Serra do Mar permittia passagem. A Oéste não romperam a mata nem domaram a indiada. A margem esquerda e a direita do Paraná durante o periodo colonial não se povoaram, e ainda hoje continuam quasi deserta^s.

Entretanto, lentamente S. Paulo foi-se reerguendo. A plantação de canna, de café, a immigração, as estradas de ferro, os factores geographicos revalorizados, deram-lhe nova e mais vigorosa vida e lhe restituiram a hegemonia que ha annos representa em toda a vida brasileira.

III

A cidade do Salvador, instituída na bahia de Todos os Santos por Thomé de Sousa em 1549, figura outro centro consideravel de povoamento de nossa terra.

D. João III tomou-a sob sua especial protecção, enviou-lhe colonos, forneceu dinheiro, adiantou escravos e mercadorias, isentou ou alliviou de impostos os moradores, cercou-a de cuidados e desvelos que a fizeram desde o começo viavel e a ajudaram a medrar vigorosa.

A população alastrou de preferencia pelo litoral do pequeno mediterraneo, geralmente chamado reconcavo. Em 1587, menos de quarenta annos depois da fundação, Gabriel Soares contava dezeseis freguezias; sessenta e duas igrejas, todas bem concertadas, limpas e providas de ornamentos; tres mosteiros de religiosos; oito casas de cozer meles, mui proveitosas e de muito fabrico; trinta e seis engenhos moentes e correntes, dos quaes quinze movidos por bois, o resto por agua. Outros quatro estavam construindo, e a producção annua montava o melhor de cento e vinte mil arrobas de assucar e muitas conservas.

Todos os moradores tinham seu barco ou canôa; o serviço dos engenhos fazia-se todo por mar; cada

engenho possuía quatro embarcações; mil e quatrocentas se poderiam facilmente ajuntar, si o serviço real as reclamasse. Accrescia a isto que os escravos e a classe pobre se alimentavam quasi só de peixe, e principalmente de mariscos apanhados nos mangues, e dispensa grande esforço intellectual comprehender que esta gente não trocaria de boa vontade as vantagens da marinha pelas asperezas e descommodos das bre-nhas do interior.

Os engenhos estavam todós na mata, o que se explica pela maior fertilidade dos terrenos bem vestidos, e pela abundancia de lenha, necessaria ás fornalhas em um laborar que ás vezes durava, dia e noite, oito e nove mezes. E não deviam se afastar muito do litoral maritimo, sob pena de, sendo um só o preço dos generos de exportação, não poderem competir com os fazendeiros mais vizinhos do mercado, cujo producto não se gravava com as despesas de transporte.

A mata do reconcavo, a partir da margem direita do Paraguaçu, é continua com a que se estende até além do Capricornio pela fralda oriental da serra do Mar. Da ponta de Santo Antonio, um dos extremos do reconcavo, até o rio de S. Francisco a mata apparece em manchas consideraveis, capões, ilhas mais ou menos extensas, engasgadas nos campos e catingas, antes dominadas que dominantes. Por aqui de preferencia se estabeleceu o povoamento, depois de repleto o reconcavo.

Varnhagen vê uma das causas do rapido devassamento dos sertões no facto das catingas se despirem

anualmente de folhas. Theodoro Sampaio⁽⁴⁾, tão eminente conhecedor da historia como da geographia nacional, acaba de dizer quasi o contrario em admiravel artigo recente: "Si o perigo da mata virgem é a solidão sem veredas e sem sahidas, escreve elle, o terror da caatinga é o desnorteamento infallivel pela multiplicidade dellas. O bruto com o seu instincto rasga horizontes sem vacillar; o homem, porém, que de uma vez penetrou na caatinga e lhe fahou a memoria na escolha da vereda, é uma victima que só um milagre o salvará."

Pensando bem, parece que a razão está antes com Varnhagen. A catinga permite sempre a vista do céu e a orientação por elle; os obstaculos que depara re-

(4) Trechos de uma carta de Theodoro Sampaio, escripta da Paulicéa, em 31 de Agosto de 1899:

"Peço-lhe attender ás seguintes observações que passo a fazer a proposito do como encarei as *caatingas* em relação ao problema da conquista dos sertões.

No meu artigo — *O sertão antes da conquista* — publicado no *Commercio de S. Paulo*, o que tive em vista deixar assignalado era a diversidade das duas metades do paiz, o Norte e o Sul, quanto aos seus caracteres physicos, estabelecendo um paralelo entre a *caatinga* e o *campo*, como entre a hydrographia do Paraná brasileiro e a dos rios do Norte. No Sul o meio physico impellia o homem para o sertão, para assim dizer aberto. No Norte nem as *caatingas* nem a hydrographia facilitavam tanto. Do ponto de vista da exploração sertaneja, o valle do Paraná offercece uma série de extensissimas campinas, que as baixadas dos affluentes apenas interrompem sem, contudo, isolar totalmente; e estas campinas começam quasi na crista das montanhas á beira mar e vão fundo no interior do continente. Por isso, as primeiras invasões dos europeus desde logo attingem ou transpõem a funda bacia do Paraná-Paraguai, e é tradição que uma dellas varou até os Andes do Perú.

solvem-se com um facão ou uma foice ou a fogo. Os logares em que ella se approxima do litoral foram devassados logo. Já em 1584 se tinha ladeado o Orobó, região de grandes matas; e de lá trazido milhares de indios prisioneiros.

Do que não póde haver duvida é que as catingas pouco remuneram a lavoura, como então, mais ainda que hoje, se praticava, — simples latrocinio da natureza, sem compensação alguma offerecida por parte do homem. Urgia dar-lhes destino, mesmo porque a area dos catingaes era enorme, e descuro-la tanto montava a deixar sem proveito a maior parte do paiz. A criação do gado resolveu o problema.

No Norte a causa é bem diversa. Só depois de transcorrido mais de meio-seculo é que uma partida de europeus póde varar até o S. Francisco. A invasão do territorio não tem ahí o character de incursões venatorias como as do Sul. Um ou outro obscuro *mamaluco* é que se atrevia a entrar nos sertões para descer indios, e isso mais com engodos do que pela força. Ahí não se penetra habitualmente tão longe desde os primeiros annos. A conquista parece fazer um movimento de flanco; caminha-se ao longo das praias. Attinge-se Sergipe, para dahi subir-se pelo S. Francisco, onde se obtém sesmaria após sesmaria, fazenda após fazenda, para mais tarde procurar-se ou voltar-se ao centro irradiante pelo caminho mais curto. E' que V. chamou o traçado pela *hypothenus*. Varnhagen tem razão se se compara a *catanga* com a mata; não, porém, se o paralelo do ponto de vista da exploração, tiver de fazer-se com o *campo*, como é a minha these.

A *catanga*, de certo, tem mais larguezas que a mata não tem. A orientação na *catanga* é cabivel, digo, é mais accessivel, mas não é facil, porque se o céu é mais descoberto, o solo é mais inçado de obstaculos. As veredas falsas, multiplas são um verdadeiro perigo. A vegetação espinhenta, as trincheiras quasi intransponiveis das bromelias e dos cardos formam uma barreira que se succede por dezenas de leguas, desafiando aos mais robustos picadores de matto. Só o gado poude primeiro trilhar a *catanga*; e naquellas regiões onde o europeu primeiro

Que a mata é incompatível com a criação do gado, ainda agora se vê no Amazonas. A pouca luz que cõa atravez das copas unidas do arvoredado não permite a formação de pasto; para os ruminantes a opulencia vegetativa redundava em inanição irremediavel. A catinga é bem mais hospitaleira, apesar dos espinhos que caracterizam grande parte das suas arvores, herança dos tempos diluviaes, armas nas lutas contra as colossaes preguiças herbivoras, hoje extinctas, então muito numerosas, — no entender de W. Detmer, botânico illustre, que ha annos visitou a Bahia.

Os primeiros colonos evitavam os catingaes; nos requerimentos de sesmaria allegam sempre que as terras não têm pastos sufficientes, por causa das catingas

penetrou através della, foi sem duvida pela trilha do indio, e guiado por indio. Ajunte-se a tudo isso, a falta d'agua por dezenas de leguas, a aridez do sólo, a escassez das chuvas, e se comprehenderá por que o movimento invasor busca desenvolver-se ao longo do mar e dos grandes rios perennes, para depois voltar ao centro, rectificando os caminhos através das catingas de baixo de permeio.

O campo offerecia no Sul elementos bem diversos: rios perennes em grande numero, clima menos ardente, matas de pinheiro, cujos fructos eram excellentes e abundante provisão, constituindo no meio das solidões um verdadeiro oasis. As marchas diarias eram nessa região um movimento regulado e calculado. Nas catingas, isso era impossivel. Nas margens do S. Francisco recolhi a tradição de que os primeiros *catigueiros* que ousaram enveredar para os lados do Piauí, carregavam agua em *borracha*, e penetravam, rompendo a catinga até onde a agua permittia, e voltando ao rio S. Francisco para renovar as provisões emquanto o fogo, deitado á catinga systematicamente, ia desbravando a região e abrindo as veredas.

Está visto que a mata offerece muito maiores obstaculos, e isso explica bem o retardamento com que se povoaram as regiões dentro do Rio e Minas, e as de entre o Espirito Santo e o valle superior do rio Doce e outros.”

gas. Mais tarde, porém, accommodaram-se com ellas: porque entre um tronco e outro ha sempre comedia; entre uma catinga e outra ha sempre campos; de certas arvores que não perdem a folha, aproveita-se a rama para alimentar a gaderia contra o flagello das seccas. Finalmente, estas matas virgens plebéas, que designamos por uma palavra da lingua tupi, revestem fórmas muito differentes, que podem emparelhar quasi com as florestas proceras do litoral ou nivelar-se com o campo rasteiro.

A criação de gado começou no governo de Thomé de Sousa.

“As primeiras vaccas que foram para a Bahia, escreve Gabriel Soares, levaram-se de Cabo-Verde e depois de Pernambuco, as quaes se dão de feição que parem cada anno. . . e acontece muitas vezes mamar o bezerro na novilha e a novilha na vacca juntamente, o que se vê tambem nas eguas, cabras, ovelhas e porcas.”

Dentro do reconcavo e em certas ilhas delle havia alguns curraes; a força da criação começava da ponta de Santo Antonio para o Norte; no tempo em que Gabriel escrevia já alcançava o rio Itapicurú, e avultavam como criadores os jesuitas e Garcia de Avila, o fundador dessa casa da Torre que mais tarde devia tornar-se tão opulenta.

A conquista de Sergipe na ultima decada do seculo XVI, franqueou um amplo espaço, logo distribuido em sesmarias, distribuidas sem o minimo escrupulo, sem um ligeiro vislumbre sequer de intelligencia, desde que Sergipe teve capitão-mór proprio e desabusado.

Como não são sesmarias o objecto deste esboço, lembrar-se-á apenas que, á medida que a margem bahiana do S. Francisco ia sendo aproveitada, se tornava maior a distancia da cidade do Salvador e seu reconcavo, onde existiam os principaes consumidores de gado. A conducção deste, beirando o S. Francisco até a foz, e dahi acompanhando o oceano, ficava cada vez mais penosa e demorada; impunha-se a serventia de caminho mais rapido.

Dizia o saudoso engenheiro Carlos A. Morsing que as vias ferreas se desenvolvem em triangulos no sentido da hypotenusa; o mesmo se dá com as vias communs. No presente caso figurou de hypotenusa a linha de Geremoabo.

Um caminho destes oscilla naturalmente antes de fixar-se, e assim não é facil apurar qual foi seu primeiro rumo. Frei Martin de Nantes, missionario capuchinho que mais de uma vez cumpriu a jornada entre 1672 e 1683, apenas indica tres pontos por onde passava: a aldeia de Canabrava, hoje Pombal, em aguas do Itapicurú, Geremoabo em aguas do Vasabarris, e uma passagem no rio de S. Francisco, abaixo das ilhas Pambú e Uacapára. No principio do seculo 19.º a passagem era em Ibó, a pouca distancia de Cabrobó. Della serviam-se os correios que transitavam entre a capital da Bahia e a do Ceará no governo de Francisco Alberto Rubim.

No tempo do intrepido frei Martin já se realizara uma invenção que agiu de modo extraordinario sobre nossa historia e a modelou em grande parte. Um genio anonymo, tumulo que nunca será conhecido nem

visitado, inventou o meio de passar o gado nos rios caudalosos. “Na passagem de alguns rios, informa Antonil-Andreoni no seu livro sobre a cultura e opulencia do Brasil, na passagem de alguns rios, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando mostra ás rezes o váo por onde hão de passar.”

Com esta invenção se tornaram igualmente appetidas ambas as margens do rio S. Francisco.

O governador geral do Brasil, o governador de Pernambuco, o capitão-mór de Sergipe concederam todas as terras requeridas. Pelo lado direito do São Francisco até o rio do Salitre, por leguas sem conta na margem esquerda logo acima do trecho encaxoeirado, a casa da Torre chamou a si territorios mais vastos que grandes reinos.

Nas proximidades destas terras morava Domingos Affonso, por antonomasia *Certão*. A procura de campos novos, ou no encalço dos indios, adiantou-se tanto que passou das aguas do S. Francisco para as do Parnahiba. Encontrou-se no rio Piaui, e este nome estendeu-se posteriormente á capitania e ao estado. No territorio assim descoberto o gado multiplicou-se de modo maravilhoso. Domingos Affonso fundou e possuiu dèzenas de fazendas; trinta legou aos jesuítas; e com outros accrescimos tanto proliferaram as celebres fazendas nacionaes, confiscadas pela vesania pombalina, que mais de seculo e meio de incuria e malversação não as conseguiram extinguir de todo, tal a sua vitalidade inicial. No tempo de Rocha Pitta (antes de 1730) as fazendas do Piaui iam descendo o Par-

nahiba e alcançavam o Longá e o Piracuruca, á procura de sahida mais commoda pelo litoral do que as cinco estradas que já então ou mais tarde, vinham desembocar no S. Francisco, entre Cabrobô e a barra do Rio Grande (rio Grande do Sul, como primeiramente se chamara).

As sesmarias denotadoras de peregrinos dotes geographicos e politicos em quem pediu e ainda mais em quem as concedeu, em si muito curiosas, são alheias ao presente assumpto.

Voltando a elle, notaremos que á medida que o gado ia subindo pelo S. Francisco, o caminho de Gere-moabo ia perdendo as commodidades que antès offere-cia e impunha-se á criação de novos caminhos, os de Jacobina, Itapicurú e outros substituidos hoje em sua missão historica pela estrada de ferro de S. Francisco. O caminho de Joazeiro illustra em uma pagina lapi-dar o venerando Martius, que por elle seguiu viagem para o Maranhão⁽⁵⁾. De passagem se note que o ca-

(5) *Uma pagina de Martius sobre o caminho de Joazeiro.*

A serra da Tiúba atravessa bastante extensa e esgalhada a parte Noroeste da capitania da Bahia, variando de dominação com as localidades; fórma a divisora das aguas entre o rio S. Francisco a Oeste e os pequenos rios a Este, que muitas vezes seccam em parte ou de todo ficam sem agua, que ao Sul daquelle correm para o oceano, e dos quaes o rio Itapicurú é o de maior curso. No arraial de Santo Antonio das Queimadas, a tres leguas do rio do Peixe, achamos este rio, mas, devido á secca persistente, tão secco que apresentava apenas algumas poças.

Todos os rios deste trecho são de pequeno cabedal e seccam durante a falta de chuva, e então apenas um leito rocheo, largo e irregular, indica sua presença e direcções. Suas pontas originam-se de gretas de penhas e formam geralmente fontes claras e razas. Durante os mezes

minho de Joazeiro se conta entre os menos antigos da Bahia — antes via de vasão que de penetração.

Em geral formava-se uma linha muito sinuosa que evitava as matas onde o gado não encontraria o que comer; as serras onde as chuvas mais frequentes produziam, ás vezes, florestas luxuosas como as de Orobó, os desfiladeiros arriscados, as catingas mais bravas, as travessias orphãs d'agua.

“Constam as boiadas que ordinariamente vêm para a Bahia de cem, cento e sessenta, duzentas e trezentas cabeças de gado; e destas quasi cada semana

molhados, porém, os alveos ficam cheios de agua de chuva, e isto succede em consequencia da formação particular do terreno que se fende em numerosos valletes connexos, côm tal rapidez que dentro de oito dias se vê um alveo petreo e secco cheio por uma corrente torrencial.

A falta de humo, a densidade, a rizeja, a horizontabilidade predominante da rocha, favorecem o escoamento rapido, e este por sua vez actua sobre as condições da crosta terrestre, reagindo por este meio sobre a periodicidade dos rios.

De facto, como nenhuma humidade resta na terra, a decomposição das folhas cahidas e de outras materias organicas não pôde realizar-se pela acção da agua; dá-se antes um mirramento ao ar que um processo de putrefacção, e muito pouco é o humo que se forma. Os ventos dispersam o pó, constituido de particulas organicas, e a rocha escalvada fica sem aquella cobertura, tão apropriada a prender a agua atmospherica, favorecendo assim a origem de fontes perennes.

Tambem a especie de vegetação desta zona parece determinar esta marcha do processo dos elementos; pois as folhas são relativamente mais raras do que nas matas virgens do littoral e de contêxtura mais secca. Assim, como agente importante da aviventação deste territorio madrastamente dotado, resta a agua pluvial, e como nem picos alterosos nem rochas particularmente densas favorecem a attracção da humidade atmospherica só vigora a periodicidade geral das estações secca e humida, é facil achar o motivo por que nem um progresso do paiz se iniciará aqui, no circo de tão desfavoraveis acções e reacções reciprocas. Estas con-

chegam algumas a Capoame (hoje Feira-Velha), lugar distante da cidade oito leguas, aonde tem pastos e aonde os marchantes as compram; e em alguns tempos ha semanas em que cada dia chegam boiadas. Os que as trazem são brancos, mulatos e pretos, e tambem indios, que com este trabalho procuram ter algum lucro. Guiam-se indo uns adiante cantando, para serem desta sorte seguidos do gado; e outros vêm atraz das rezes tangendo-as e tendo cuidado que não saiam do caminho e se amontem. As jornadas são de quatro, cinco e seis leguas, conforme a commodidade dos pastos, aonde hão de parar. Porém, aonde ha falta de

dições assignalam tambem as relações desta zona com a cultura possivel; só após muitos esforços virá uma agricultura remuneradora juntar-se á criação do gado, principal base da alimentação dos habitantes.

“Procurei descrever em geral as relações em que estão entre si o sólo, o clima e a vegetação; si me fosse permittido aventurar uma supposição quanto ás primeiras causas que produziram a situação presente, seria que as serras perderam sua antiga cobertura de terra com as possantes e largas lavagens do Oceano.

Muitas circumstancias parecem favorecer esta affirmação; a descida gradual desta região para o mar, o curso regular dos rasos valles do escoamento em direcção igual, a extensão das superficies rocheas escalvadas, o arredondamento de muitos troços graniticos, que jazem esparsos ora nas alturas, ora nas baixas e principalmente o tóor salino do humo das regiões occidentaes.

Em tal caso não fôra de estranhar depararmos aqui vegetação tão differente da mata virgem das serras graniticas do littoral: deve-se considera-la como uma formação secundaria de plantas; na realidade nem quanto á altura e força de crescimento nem quanto á plenitude e ás singularidades de fórma pôde considerar-se esta a vegetação das éras primivas.” (MARTIUS, *Reise in Brasilien*, 723, 725).

Por descuido vai esta velha e imperfeita versão, quando tão facil seria aproveitar a bella traducção de Pirajá da Silva — 173-176, Bahia, 1916.

agua, seguem o caminho de quinze e vinte leguas, marchando de dia e de noite, com pouco descanso, até que achem paragem onde possam parar. Nas passagens de alguns rios, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando, mostra ás rezes o váo por onde irão passar.”

Assim escrevia em 1711, André João Antonil, pseudonymo e anagramma de João Antonio Andreoni, visitador da Companhia e seu provincial.

E aqui seja-nos permittido attender ás duvidas que dois amigos de S. Paulo, de igual competencia na historia e geographia patrias, Orville Derby e Theodoro Sampaio, levantaram em cartas muito eruditas contra a identificação de emboabas feita em artigo anterior⁽⁶⁾.

(6) *Sobre emboabas.*

A palavra *emboaba*, identica a *moab* referida por Jean de Léry no seculo XVI, deve ter hibernado na linguagem popular para florir no tempo das rusgas a que deu o nome. O coronel Pedro Leobino de Maris, superintendente das Minas Novas, diligente explorador de salitre em Montes-Claros, sertanista famoso, informava em 1759 que emboaba se chamava quem não era paulista.

Qual o papel representado nos conflictos pelos reinões? Muito maior certamente do que lhes foi attribuido nestas mal traçadas linhas, contestando observações em parte justas de Orville Derby e Theodoro Sampaio. Os portuguezes chegados na ultima frota, sem parentes na terra, sem amigos, sem recommendações, sem eira nem beira, eram o material mais conveniente ás empresas desesperadas, nas quaes se amalgava perfeitamente, para usar o termo corrente nos primeiros exercitos da revolução franceza. Assim passava na India Oriental, segundo as memorias de um soldado editadas por Costa Lobo, autor do admiravel livro *Historia da Sociedade em Portugal no seculo XV*.

Não ser paulista era macula original, indelevel e irreparavel; nascer na metropole ou em qualquer outro ponto da colonia pouco valia. A

A identificação commum é de portuguezes e emboabas; foi a primeira, mas, quando viram disputadas as minas que com tanto esforço haviam descoberto, e os attritos degenerando em batalhas mortiferas, os paulistas, querendo estygmatisar os inimigos vindos do Norte, para estes extenderam o epitheto affrontoso, antes applicado aos odiados reinóes odiosos. Cada margem do rio de S. Francisco pertencia á capitania diversa; como chamar aos invasores pernambucanos, si a maioria procedia da margem direita? Como chamar-lhes bahianos, si havia gente da margem esquerda? Emboabas resolvia a questão, encharcando no mesmo desprezo bahianos, pernambucanos e portuguezes. Portuguezes havia, sem duvida, no meio de todas aquellas turbas que cêrca de vinte annos zombaram de todas

primeira manifestação conhecida de malevolencia, não contra reinóes, mas contra os vizinhos do Rio de Janeiro, foi em 16 de Abril de 1700, quando os descobertos poucos annos contavam.

Uma reunião de homens bons, representantes de Piratininga e mais villas annexas, pediu á Camara que "requeresses ao general Arthur de Sá e Menezes, governador da praça do Rio de Janeiro e das mais da repartição, que as terras do territorio das minas de Catagoás assim campos como mattos lavrados de direito pertenciam aos paulistas para os possuirem por datas de Sua Magestade que Deus guarde ou de quem for donatario, porquanto elles foram os descobridores das minas de ouro que do presente se lavram o que é notorio e patente, o que tudo fizeram á custa de suas vidas e fazendas sem dispendio da fazenda real e que seria uma grande injustiça conceder-se as ditas terras aos moradores do Rio de Janeiro que nunca tiveram parte tanto na conquista como no descobrimento."

Sobre os successos da guerra dos Emboabas anteriores á ida do governador Mascarenhas ás minas ha muitos documentos; a segunda phase é pouco conhecida. Uma biographia objectiva de Manoel Nunes Vianna, o cabecilha dos emboabas, preencheria importante lacuna.

as leis divinas e humanas, até que o energico conde de Assumar lhes deu uma lição talvez excessiva, cujos efeitos perduram nos descendentes timoratos. Mas podiam apparecer em exercitos desde logo, adaptar-se eletricamente ao viver das brenhas, vencer bandeirantes acostumados á luta dos sertões, intimidar governadores?

Não esquecer que no Rio Grande do Sul, ligado desde muito a S. Paulo pela estrada de Lages, a palavra bahiano tem ainda hoje significação semelhante á de emboaba.

IV

No instrumento dos serviços prestados como governador do Brasil, Men de Sá allega as guerras do Paraguaçu, com a destruição de cento e sessenta aldeias.

Si assim castigou offensas recentes, preparou tambem máus dias para si e para seus successores.

A marca ou comarca de gentio de lingua geral, mais ou menos ductil, mais ou menos assimilavel, foi substituida por tapuias irreductiveis que detinha. Já no livro de Gandavo se lê que os aimorés passaram de Porto-Seguro e Ilhéos para o Norte, tudo devastando, illudindo quaesquer ataques, escondidos nas matarias, donde por traz de paus expediam invisiveis as frechas mortiferas. Ao terminar o seculo, na administração interina de Alvaro de Carvalho, enquanto D. Francisco de Sousa percorria as capitancias de baixo, beiravam o Paraguaçu.

Junto á caxoeira em que este abandona o planalto para perder-se no estuario, afazendaram-se os irmãos Adorno, mamalucos de sangue em parte italiano, sertanistas destemidos, citados na guerra de Sergipe e outros feitos. Nas cercanias fundaram-se engenhos, plantou-se fumo, ramo de cultura desde logo prospero, que reagiu sobre a zona pastoril, por sahirem encoura-

dos os rolos destinados ao exterior. Alvaro Rodrigues Adorno com bons modos conseguiu conciliar os aimorés por algum tempo.

Segundo documentos officiaes, em 1612 estes ou outros, os tapuias, invadiram o districto de Capanema, em 32, mataram os vaqueiros do Aporá e marcharam para o Norte até Itapororocas, que despovoaram. No governo de Antonio Telles da Silva (1642-1647) tanto se repetiram as hostilidades e insultos que se lhes declarou guerra e se fizeram escravos todos os nella tomados prisioneiros.

Confirmou-se em Dezembro de 1654, no governo do conde de Atouguia, esta resolução. Como passara o perigo hollandez, tratou-se de executa-la mandando ao sertão Gaspar Rodrigues Adorno e Thomé Dias Laços. Pouco se colhendo de taes entradas, agitou-se a idéa de ir buscar a S. Paulo gente propria a realizar a conquista.

Domingos Barbosa Calheiros embarcou na cidade do Salvador com a sua pouco numerosa tropa na monção de 1658 e dirigiu-se para Jacobina, confiado nos paiaizes, pelo padre Antonio Pereira conciliados, que deviam servir de guias e auxiliares. Mais de sessenta dias andaram enganados por serras inuteis e montanhas asperas, sem jámais nunca poderem chegar ás ditas aldeias que buscavam, usando os paiaizes da industria de aconselharem aos nossos que não atirassem para matar caça, nem cortassem paus para tirar mel, para não serem sentidos dos tapuias.

Com este mallogro, não admira se assanhassem as incursões dos tapuias que infestando sempre os

Ilhéos, Cairú, Jequiriçá e Jaguaripe, transpuzeram também o Paraguaçu e entrando até as terras de João Peixoto Viegas, em Itapororocas. Urgia tomar logo energicas providencias, e isto praticou o assento de 4 de Março de 1669, em que se declarou a guerra justa nos termos da lei de 1611. Para fazer a guerra, novamente se chamaram os paulistas.

Em Agosto de 1671 chegou a gente de S. Paulo, para cujo transporte a camara do Salvador dispendeu o melhor de dez contos de réis. Eram dois os chefes principaes: Braz Rodrigues Arzão, que appareceu primeiro, e Estevão Ribeiro Bayão Parente, cabo supremo. João Peixoto Viegas efficazmente concorreu com os índios paiaiazes que domesticára, cuja administração logrou por taes serviços.

Foi Caxoeira a base das operações.

Por motivos ignorados Braz Rodrigues, depois de tomar a aldeia do Camisão, voltou para sua terra. Que não fez por cansaço pôde affirmar-se, pois annos mais tarde apparece em outras empresas. De divergencias com o chefe não ha noticias nem probabilidades, que um combateu na margem direita, outro na margem esquerda do Paraguaçu. Possível é que achasse a tarefa quasi resolvida.

De facto, ao Norte do Camisão os jesuitas possuíam varios aldeamentos; capuchinhos francezes catechizavam os cariris; nucleos indigenas obstinados haveria, basta lembrar os Arizes, mas estavam sitiados, podia-se ataca-los do reconcavo, do S. Francisco, de quasi todos os pontos cardeaes. Fazendas de gado existiam numerosas, algumas munidas de fartos meios

de defesa, e até de offensiva, quando se offerecesse en-sejo de captivar indigenas. Jacobina povoava-se, os engenhos e curraes de Sergipe d'El-Rei avançavam.

No theatro da actividade de Arzão existiam manchas de mata por vezes bastante extensas, mas a feição dominante eram campos e catingas. A Estevão Ribeiro couberam as matas, ainda hoje quasi invictas do Paraguaçu.

Estevão Ribeiro tomou a aldeia de Maracás na margem direita do Paraguaçu. Ali foi doada a seu filho uma grande sesmaria com o senhorio de villa. A villa de João Amaro, reduzida a tapera, ainda hoje perpetúa a fama de seu eponymo nos catingaes da Bahia. O proprietario vendeu-a com todas as terras ao coronel Manuel de Aragão, quando se retirou definitivamente para sua patria.

Apesar do premio, excepcional dentro das idéas do tempo, magros resultados produziram as guerras de Estevão Ribeiro. Meio seculo depois, em relatorio official concluido na Bahia a 15 de Fevereiro de 1721, escrevia Miguel Pereira da Costa que por todo o litoral aonde faz barra o rio das Contas, só ha duas leguas de trato e lavoura pela terra dentro. "Pela extensão da costa, afastada do mar aquellas poucas leguas, corre uma mancha de mato virgem e é mato em que nunca houve córte, onde ha quantidade de gentio, que para o sertão o mais que se extendem é pelo rio Pardo; este, perseguido dos paulistas, quando em outro tempo cuidaram mais em sua extincção, e andavam á caça delles, espalhados por estes sertões, se foi retirando para aquella parte, onde acantonados se têm

conservado até o presente sem experimentarem a menor invasão, tendo produzido innumeravelmente pelas suas aldeias.”

Não serão fóra de proposito algumas notas sobre um trecho ao menos da mata que pegava na ponta do Garcez e se extendia além do tropicó.

No tempo de Antonil, as matas de Jaguaripe bastavam para dar lenha a quantos engenhos havia no reconcavo á beira mar. Começava o cóрте nos principios de Julho; tinha cada escravo de cortar e arrumar cada dia uma medida de lenha, alta sete palmos, larga oito, medida de um carro; de oito carradas constava um tarefa, que custava 2\$500; alguns engenhos gastavam dois mil cruzados de lenha annualmente; um anno o de Sergipe do Conde, fundado por Men de Sá, terceiro governador geral, sogro do conde de Linhares, e depois pertencente aos padres da Companhia, gastou mais de tres mil cruzados.

Por 1718, o paulista Pantaleão Rodrigues, acostumado á vida dos sertanistas, tentou ir da barra ás cabeceiras do rio das Contas. De trinta e cinco homens constava a tropa, que partiu acompanhando o rio, onde as caxoeiras e serranias não o estorvavam, evitando as aldeias e fugindo do contacto com os indios. Alguns retrocederam desde logo; no fim de dois mezes da maior marcha estava a bandeira reduzida a onze pessoas. Sem mantimentos, com pouca polvora, viram-se obrigados a prender-se mais estreitamente ao rio, que ao menos dava agua para matarem a sêde e com o peixe que ás vezes fornecia, prorogava-lhes a

fome. Passados cinco mezes estavam reduzidos a cinco, afinal apenas dois chegaram a seu destino.

“Um delles era o Pantaleão Rodrigues, cabo de partida, escreve Miguel Pereira da Costa, que havendo muitos mezes que havia chegado e estava convalescendo, quando fui ao rio das Contas inda não tinha inteiramente tornado a si; mas ratificando-me o successo, accrescentou que gastou mais de oito mezes e que pelo caminho que fizera andára mais de duzentas leguas.”

Outro facto caracteristico do segregamento entre a marinha, a mata e o sertão que lhe ficava ao fundo, é passado com João Gonçalves da Costa. Depois de muitas guerras com os indios, que resultaram na fundação da Victoria da Conquista, desceu pelo rio Pardo até o mar, em 1806. Só então se ficou sabendo que era o mesmo rio pelos praieiros chamado Patipe e pelos sertanejos Pardo. A este não se limitava aliás a diversidade de nomes, um na embocadura, outro nas origens.

No anno de 1808 o desembargador Thomaz Navarro veiu por terra da Bahia ao Rio de Janeiro com o fim de estudar uma linha de correio que ligasse a antiga á presente capital. Sua viagem foi sempre á beira-mar, excepto nos pontos em que morros muito ingremes ou amarados obrigavam a rodeio, ou nos rios sem canôas e sem pontes, que o desembargador subiu até os lugares vadeaveis.

Mais caracteristico que tudo isto é a extincção espontanea das capitancias de Ilhéos e Porto Seguro, pobres frontarias existentes desde D. João III. Da mes-

ma sorte só escapou o Espirito Santo, talvez pela dificuldade de contentar na partilha Bahia, Minas Geraes e Rio de Janeiro; mas a simples inspecção do mappa mostra que este é um estado anomalo que não ha de continuar como apparece.

Não seria excessivo chamar impermeavel ao Paraguaçu, impermeavel na marinha, impermeavel no alveo, impermeavel nas margens, salvo o oasis de Caxoeira. Só proximo ás origens poude utilizar-se e sua utilidade consistiu em dar passagem para outras bacias, para o rio das Contas, para o S. Francisco.

Em 5 de Julho de 1677, foi nomeado capitão de entradas Domingos de Freitas de Azevedo, cabo de uma tropa de S. Paulo, desbaratada no sertão do rio pelas nações barbaras com que pelejou. Era seu fim na entrada ir ás cabeceiras do Paraguaçu, a 60 leguas do Itaporocas, procurar algumas aldeias de que tinha noticia. João Peixoto Viégas comprometteu-se a auxilia-lo. Que fim teve a empresa, ignoramos. Nem mesmo se sabe si fez a viagem rio de S. Francisco abaixo em canôas, como já se praticava.

Em 1690, transposto emfim o alto Paraguaçu, estavam em guerra com os indios do alto rio das Contas o capitão-mór Marcellino Coelho Bittencourt, seu filho coronel Damaso Coelho de Pina e André da Rocha Pinto, seu genro.

Sahiu-lhes com protestos o mestre de campo Antonio Guedes de Brito, fundado numa sesmaria de Braz da Rocha Cardoso, *capitão-mór de Sergipe*, dada de 2 de Maio de 1684, concedendo-lhe todas as terras do rio S. Francisco até as nascenças do rio Vai-

nhum ou Vainhão, provavelmente o rio das Velhas. Afinal os contendores chegaram a accordo em 1 de Agosto de 1691; o mestre de campo abriu mão da metade das terras entre os rios Paraguaçu, S. Francisco, Velhas, Doce, Pardo e Contas que poderiam arrendar. Ainda em 1725 os coroneis Damaso Coelho e Andre Rocha eram incumbidos de explorar o rio das Contas e o Pardo. Com seu curso vario continuou este avanço para o mar atravez das florestas incoerciveis.

Em Setembro de 1700, D. João de Lencastro, governador geral, escrevia a Arthur de Sá de Menezes, governador do Rio de Janeiro:

“...me parece advertir a V. S., como seu amigo, que o rio Verde, o Doce, o Pardo, o das Velhas e as cabeceiras do Espirito Santo estão no districto da Bahia, para que V. S. os evite pelo caminho que melhor lhe parecer, que de nenhum modo excedam as pessoas que andarem no tal descobrimento os termos que inviolavelmente devem observar, não passando de uma capitania para outra.”

Isto implica uma série de entradas e bandeiras, cujos pormenores são desconhecidos, e não abona muito o cabedal geographico do governador. Sabemos apenas que o Paraguaçu foi vencido nas alturas da serra do Sincorá. Ainda em 1802 escrevia Vilhena: “... a travéssia que vai de Moritiba até o Sincorá é talvez um dos caminhos peores por que póde transitar-se, por ser ainda deserto e doentio, onde morrem de sezões innumeraveis viandantes, sendo preciso de trazerem de

muito longe cavallos carregados de agua e bebida quinada”.

A marcha conquistadora, norteadá para o mar, avassalou as cabeceiras do Contas, do Pardo, do São Matheus, do Jequitinhonha.

Assim não é de estranhar que bahianos figurem entre os primeiros descobridores do Serro e de Caeté. A região de Minas Novas, depois de elevada á villa, durante algum tempo andou incorporada á comarca de Jacobina. Ainda na guerra da independencia, o governo de Caxoeira, ansioso de ter communicações seguras com o Rio de Janeiro, estabeleceu uma linha postal para Diamantina.

O correio seria sustentado por dez paradas de Caxoeira ao Pardo, a saber: Currálinho, Santa Rita, Quaté, Caldeirões, Barra do Sincorá, Lages de Baixo, S. João ou morada do capitão João Martins, Curral, Areão, Rio Pardo.

Do arraial do rio Pardo seguia o correio para o Tejuco, hoje Diamantina, por seis paradas: Tapéra, Barreiro das Antas, Machadô, Pé de Morro, Rio Manso, Tejuco.

Como se vê, até á passagem do Sincorá continúava impermeavel o Paraguaçu. Apesar disto era frequentado seu caminho, porque abreviava a jornada consideravelmente.

Na margem pernambucana do S. Francisco, estranha á jurisdicção de D. João de Lencastro, abriu-se com o tempo a estrada que levaria a Guaiaz. Existe o roteiro da viagem feita pelo governador Luis da Cunha Menezes entre Caxoeira, no rio Paraguaçu e Villa Bôa,

e o de José de Almeida e Vasconcellos, barão de Mossamedes, em sentido inverso.

Ahi mesmo ainda, na margem esquerda do São Francisco, ao lado desta possibilidade só mais tarde percebida, existia já uma realidade vigorosa.

O gado semeado nas cercanias da serra dos Dois Irmãos e do alto Piauí, medrou tanto que attingiu as terras do Pernaguá e não podia vir mais ao reconcavo bahiano pelos antigos caminhos. As boiadas do Piauí até a barra do Iguaçu e do Pernaguá, e do Preto, iam quasi todas para Bahia por lhes ficar melhor caminho pelas Jacobinas, informa Antonil, referindo-se ás condições anteriores aos descobrimentos auríferos. Uma das passagens para Jacobina aproveitava as cabeceiras do rio das Contas e do Paraguaçu. "A Jacobina nova e a velha, ambas mui numerosamente povoadas, são tão grandes que podem competir na largura com um reino", escrevia um contemporaneo.

A prosperidade daquelles sertões recresceu com as jazidas auríferas de Jacobina e rio das Contas. Em 1742 criou-se a comarca de Jacobina.

Logo em seguida aos conquistadores Estevão Ribeiro e Arzão apparecem canôas paulistas, feitas com madeira do alto S. Francisco, de que havia carencia nas margens bahiana e pernambucana do trecho médio. Precederam de pouco o periodo da mineração. Constituiram não só meio commodo de transporte como ramo de negocio.

"Sendo o sertão da Bahia tão dilatado, escreve o generoso Antonil-Andreoni, pertence quasi todo a duas das principaes familias da mesma cidade, que são

a da Torre e a do defunto mestre de Campo Antonio Guedes de Brito. Porque a casa da Torre tem duzentas e sessenta leguas pelo rio S. Francisco acima, á mão direita, indo para o Sul e indo do dito rio para o Norte, chega a oitenta leguas. E os herdeiros do mestre de campo Antonio Guedes possuem desde o morro dos Chapéos, até a nascença do rio das Velhas, cento e sessenta leguas. E nestas terras, parte os donos della têm curraes proprios e parte são dos que arrendaram sitio dellas, pagando por cada sitio, que ordinariamente é de uma legua, cada anno dez mil réis de foro. E assim como ha curraes no territorio da Bahia e de Pernambuco e de outras capitánias, de duzentas, trezentas, quatrocentas, quinhentas, oitocentas e mil cabeças de gado, assim ha fazendas a quem pertencem tantos curraes que chegam a ter seis mil, oito mil, dez mil, quinze mil e mais de vinte mil cabeças de gado, de onde se tiram cada anno muitas boiadas, conforme os tempos são mais ou menos favoraveis á parição e multiplicação do mesmo gado e os pastos, assim nos sitios, como tambem nos caminhos.”

A fecundidade natural do gado, a existencia dos terrenos salinos, explicam em parte esta expansão extraordinaria; mas houve outras causas que com felicidade observou em tempo e archivou o *Roteiro do Maranhão a Goyaz pela capitania do Piauhy*. Quem o escreveu ignora-se; o proprio livro apesar de ser impresso pelo *Patriota* no principio do seculo XIX, conserva-se quasi tão inedito como se nunca houvera sahido da carteira do seu autor. Sua redacção é de 1770 e tantos. Recentemente o reimprimiu a *Rev. do Inst.*

Historico, no vol 62°, I, mas a correcção do bello texto deixa muito a desejar.

Nos paizes proprios á criação, abertos e cheios de campinas, diz elle em summa, pouco se muda á superficie da terra; levantada uma casa coberta pela maior parte de palha, feitos uns curraes e introduzidos os gados estão povoadas tres leguas de terra; os mulatos, os mestiços e os pretos forros, tão avessos a todo trabalho, entregam-se com gosto a este, na esperança de um dia virem a ser fazendeiros, e tal esperança facilmente pôde realizar-se, porque os vaqueiros são pagos em generos, de quatro bezerros um, de modo que em poucos annos têm semente com que começar vantajosamente a luta pela existencia.

Mas o que mais claramente patenteia o influxo da criação do gado e sua vantagem sobre a agricultura de exportação em um paiz tão vasto quanto ralmente povoado, é a capacidade de vencer as distancias. “Os gados, diz o mesmo autor, não necessitam de quem os carregue; elles são os que sentem nas longas marchas todo o peso do seu corpo e apenas se faz necessario que haja quem os encaminhe.”

Em taes encaminhamentos transviavam-se rezes ou cansavam, ou ficavam quasi moribundas, á falta d’agua. A experiencia ensinou certos povoadores a estabelecerem-se pelos caminhos, a fazerem açudes, a plantarem mantimentos, que não precisavam ser exportados, porque se vendiam na porta aos transeuntes, a comprarem as rezes transviadas ou desfallecidas que, tratadas com cuidados, ou serviam á alimentação ou revendiam com lucro. Assim os caminhos se foram

povoando lentamente, e as malhas de povoamento apertaram-se mais na Bahia que em outra parte, excepto em algumas da capitania de Pernambuco igualmente pastoris.

OS CAMINHOS ANTIGOS



V

Na arenosa costa Nordeste do Brasil sopram os ventos, cursam as correntes em direcção invariavel durante certa parte do anno. Lê-se isto na fórma das dunas abruptas para Êste e brandamente inclinadas para Oéste, nos leques dos rios, cujas bocas orientaes, como as primeiras que apanham a areia, são menos profundas que as bocas occidentaes. Decorreu dahi com igual clareza a elevação do Maranhão a Estado independente logo depois da conquista, devido á impossibilidade de liga-lo de maneira constante ao territorio de Êste e Suéste.

A ilha do Maranhão, tomada aos francezes em 1615, e até certo ponto centro de communicações e povoamento, nullo nos primeiros tempos e nunca muito consideravel pela ralidade de sua população.

A situação primitiva, descreve o missionario incansavel, o jesuita glorioso que subiu ás primeiras caçoeiras do Tocantins e respirou os ares da Ibiapaba.

“Uma das mais difficultosas e trabalhosas navegações de todo o mar Oceano, escreve o illustre Antonio Vieira, é a que se faz do Maranhão até o Ceará por costa, não só pelos muitos e cégos baixios, de que toda está cortada, mas muito mais pela pertinacia dos ventos e perpetua correnteza das aguas. Vem esta

correnteza feita desde o cabo da Boa Esperança com todo o peso das aguas do Oceano na travessa, onde elle é mais largo, que é entre as duas costas de Africa e America, e começando a descabeçar desde o cabo de Santo Agostinho até o cabo do Norte, é notavel a força que em todo aquelle cotovello de costa faz o impeto da corrente, levando após si não só tanta parte da mesma terra que tem comido, mas ainda aos proprios céos e os ventos que em companhia das aguas e como arrebatados dellas, correm perpetuamente de Léste a Oéste.

“Com esta contrariedade continua das aguas e dos ventos, que ordinariamente são brisas desfeitas, fica toda a costa deste Estado quasi innavegavel para barlavento, de sorte que do Pará para Maranhão de nem um modo se póde navegar por fóra e do Maranhão para o Ceará com grandissima difficuldade, e só em certos mezes do anno que são os de maior inverno.

“Navega-se nestes mezes pela madrugada com a bafagem dos terrenos, os quaes como são incertos e duram poucas horas, todo o resto do dia e da noite, e ás vezes semanas e mezes inteiros, se está esperando sobre ferro na costa descoberta e sem abrigo, sendo este um trabalho e enfadamento maior do que toda a paciencia dos homens; e o peor de tudo é que, depois desta tão cançada porfia, acontece muitas vezes tornarem as embarcações arribadas ao Maranhão.”

E o admiravel escriptor cita o caso de dois jesuitas que indo em uma sumaca de S. Luis para o Camu-cim, gastaram cincoenta dias em montar só até o rio Preguiça, viagem que, quando desenganados, resol-

— Relativamente ao Pará a situação do Maranhão veram tornar, desandaram em doze horas.

era mais favoravel. Entre as duas capitánias chanfram-se numerosas bahias, trinta e duas segundô as contas do tempo; conquista, devido á impossibilidade do local si a navegação por fóra era impraticavel, a navegação interna por canôas era sempre mais ou menos possivel.

Além disso, mais de uma vez se recorreu a caminhos terrestres para annullar o segregamento.

Mencionam certos chronistas que os primeiros colonos abriram um de Belém a S. Luis. Assegura Paula Ribeiro ter distinguido ainda vestigios de antiga estrada, em 1811, na vizinhança da villa de Vianna, que passava da ilha á terra firme pela Estiva, Anajatuba, e depois de atravessar o Mearim, o Pindaré e o Turi, entrava na cidade do Pará. Entretanto, esta parece antes a que por 1770 abriu com exito não muito satisfatorio Evaristo Rodrigues, natural de Pernambuco, para introduzir no Pará gado do Maranhão e Piauí.

Como subsistem todos os mais obstaculos das inundações e falta de pasto, escrevia por aquelle tempo o original autor do *Roteiro do Maranhão a Goyaz pela capitania do Piauí*, e subsistiram de novo tambem os mesmos que elle removeu, pela facilidade com que costumam cahir das matas as mesmas arvores e madeiros, nunca esta estrada se fará praticavel emquanto a dita mata não fôr por toda ella povoada.

Reflectindo no que diz Vieira sobre a *navegação por fóra*, e em seu silencio quanto a qualquer via terrestre que desviasse os obstaculos, parece razoavel a opinião de Varnhagen, que apenas fala de ter sido a

Pedro Teixeira “confiada a missão de abrir ou fazer mais praticavel a communição terrestre-fluvial até Maranhão”. Esta existiu até o seculo XIX: descreve-a Oliveira Bastos, descreve-a Romualdo Antonio, que mais tarde devia realçar o nome paraense no solio da Bahia. Partia de Belém, subia o Guamá, passava por Ourem e Bragança, e sahia na costa junto ao Turi-Açú.

Bem diversa apresentava-se a situação para o Ceará e mais capitánias de baixo, donde por mais antigas e cultivadas, podia vir auxilio que a Amazonia ainda virgem recusava.

Logo depois da batalha de Guaxenduba, Jeronymo de Albuquerque mandou portadores por terra do Maranhão a Pernambuco; a Olinda recolheu-se por terra André Vidal de Negreiros, terminado o seu governo; pelo mesmo caminho foi o padre Vieira da ilha de S. Luis a Ibiapaba.

Podemos, pois, consultar o missionario com toda a confiança sobre as vantagens desta via de communição.

“Um dos perigos e trabalhos grandes que tem este caminho é a passagem de quatorze rios mui caudalosos que o atravessam e se passam todos por meio da foz, onde confundem e encontram suas aguas com as do mar; e porque não ha nestes rios embarcação para passagem, é força traze-la do Maranhão com immenso trabalho, porque se vem levando ás mãos por entre o rolo e a resaca das ondas, sempre por costa bravissima, alagando-se a cada passo, e atirando o mar com ella e com os que a levam, com risco não só dos

índios e da canôa, se não da mesma viagem que della totalmente depende.

Muitas vezes é também necessario arrasta-la por grande espaço de terras e montes para a lançar de um mar a outro e talvez obrigam estas difficuldades a tomar a mesma canôa em peso ás costas, com toda gente e levá-la assim por muitas leguas: de modo que para haver embarcação para passar os riós, se ha de levar pelo mar, pela terra e pelo ar.”

Destes apuros resultou que o Ceará se desligou desde as guerras flamengas do estado do Maranhão, e tão insensivelmente que ainda não se fixou a data do facto nem ainda se encontrou decreto ou alvará mandando isto. Resultou mais que o Pará, apesar da proximidade, persistiu intacto e segregado, de preferencia estanke do vizinho, procurando a metropole. Resultou felizmente effeito mais perduravel e fecundo: afastados dos seus vizinhos do Norte, do Sul e Éste, por tantos obstaculos invenciveis, os moradores do Maranhão procuraram contorna-los e conseguiram.

Primeiro passo neste sentido póde considerar-se a exploração do rio Punaré ou Parnahiba, realizada em 1670, por Vital Maciel Parente, filho de Bento Maciel. Outro, foram as guerras feitas no governo de Ignacio Coelho da Silva (1678-1682) aos tremembés, talvez vedetas avançadas dos cariris, guerras que deixaram livres as praias onde aquelles tapuias atacavam a gente que passava por terra e por mar. Mas o passo decisivo deve-se a Gomes Freire de Andrada (1685-1687).

Reprimida a revolta de Bequimão, Gomes Freire tratou de deixar de si melhor e mais duradouro testemunho nas terras confiadas a seu governo'. Quatro cidadãos de S. Luis, um piloto, um engenheiro e alguns soldados, — ordenou que numa canôa “navegada a costa para a parte do Ceará, fossem sondando todas as bahias, enseadas e rios que descobrissem e sinalados os baixos, penetrassem aquellas barras em que sem o perigo de serem accommettidos dos barbaros pudessem surgir, procurando examinar as qualidades do paiz e achando sitio accommodado á fundação de uma villa a desenhassem no lugar que parecesse aos moradores melhor defensavel, aos soccorros mais facil.”

O ponto escolhido foi entre os rios Icatú e Monim, que, explorados até suas cabeceiras, mostraram logo grandes vantagens: proximidade da cabeça do governo, ausencia de indios, fertilidade do sólo e posição propria á cobertura do Itapicurú. Enquanto mandava consultar a metropole sobre a conveniencia da villa nova, Gomes Freire concebeu plano mais arrojado: descobrir caminho por terra para a Bahia. Falavam os indios num rio Praguaçu, que se julgava o S. Francisco, e de facto era. Para verifica-lo despediu João Velho do Valle.

Das viagens fez João Velho do Valle. Na primeira chegou á serra do Ibiapaba, onde deixou tres estradas conhecidas apenas pela affirmação vaga de um contemporaneo. Da segunda chegou até a Bahia, naturalmente partindo da mesma serra, o que indica um traçado bastante oriental, talvez pelas ribeiras do Poti e contravertentes do S. Francisco, a Cabrobó e Gere-

moabo. Na Bahia, affirma frei Domingos Teixeira, biographo de Gomes Freire de Andrada — “depois de dar, em larga relação, noticia exacta dos sertões que penetrou, assinalando pelos grãos a altura do polo, mais gasto dos trabalhos que dos annos, veio a acabar João Velho do Valle em beneficio da patria, com serviços maiores que a gratidão”. Descansam suas cinzas em jazigo humilde, na cidade do Salvador.

Com esta façanha se conseguiu, finalmente, vencer os ventos alisios pela unica maneira possivel, antes do vapor.

O roteiro de João Velho do Valle foi para Portugal e El-Rey confiou-o a Gomes Freire: talvez por isso não produziu logo effeito nem na Bahia nem no Maranhão. Do Maranhão, em 15 de Julho de 1694, Antonio de Albuquerque escrevia sobre a possibilidade do caminho entre as duas capitánias, uma carta que Antonio da Cunha Soutomaior entregou na Bahia a D. João de Lencastro, a 19 de Abril do anno seguinte.

Dois dias depois chegava o sargento-mór Francisco dos Santos com quatro soldados e vinte indios que tinham acabado de descobrir o caminho, e trouxeram uma carta de Antonio de Albuquerque, datada de 17 de Dezembro. Para retribuir a fineza e ver si podia encurtar o caminho, o governador geral mandou o capitão André Lopes ao Maranhão com carta para Antonio de Albuquerque, datada de 21 de Maio. André Lopes chegou a seu destino em Novembro, mas teve de demorar-se até que o governador daquelle estado viesse ao Pará. Com resposta de 15 de Março de 1696, chegou á Bahia em 22 de Setembro.

Já o Piauí estava povoado por bahianos e pelo Piauí, mais próximo, naturalmente se encaminhavam os esforços do Maranhão. Padre Malagrida, que fez estas viagens missionando, atravessou o Parnahiba em seu curso inferior, esteve em Maratoan e Piracuruca, de onde foi a Mocha (Oeiras) e finalmente ao rio S. Francisco, certamente pelo caminho de Domingos Affonso ou seus sucessores.

Mais tarde, não muito antes da expulsão dos jesuitas, o caminho do Maranhão á Bahia chegou a seu traçado definitivo. As aldeias catechizadas, que alcançavam apenas a barra do Codó no Itapicurú, quando o martyr dos furôres de Pombal apostolava os Tabajaras e Caicases, foram subindo este rio: fundaram-se as Aldeias altas ou Caxias e Trizidelas, onde os jesuitas instituíram um seminário e começaram a ensinar latim aos filhos dos moradores vizinhos.

Conhecida a pouca distancia que nesta altura separa o Itapicurú do Parnahiba, averiguadas as excellentes condições de navegabilidade offerecidas por aquelle, que tinha ainda mais a vantagem de desembocar na bahia de S. José, tornou-se este o caminho preferido. A via-ferrea que liga Caxias a S. João de Cajazeiras figura um resto deste estado de coisas que o vapor veio derruir, e agora se procura reconstituir pelo mesmo agente.

O territorio de Pastos Bons, povoado por bahianos, só com a Bahia se communicou até 1760; neste anno começou a navegação do Parnahiba, na escala minima que permittia o uso exclusivo de balsas de buriti. Quando se aldeiam os indios na bacia do rio

Preto, a gente de Pastos Bons demandou Guaiáz. No Duro trifurcavam-se as estradas para Trahiras, Villa-Bôa e Natividade; a estrada principal acompanhava o Gurgueia e passava por Pernaguá.

Uma circumstancia merece reparo no *Roteiro do Maranhão a Goyaz pela capitania do Piauí*, escripto por 1770 e tantos. Diz-nos o autor que o Parnahiba não recebe affluente importante pela margem esquerda depois do Uruçuhi, e que o Balsas conflue no Itapicurú: isto prova que ambos os rios foram primeiramente conhecidos no curso superior ou médio. De facto, se o Uruçuhi fôra conhecido na foz, a importancia do Balsas saltára logo aos olhos. Sabemos por outro lado que acima de Caxias começaram a espalhar-se fazendas de gado, nos pingues campos derramados pelas pontas do Itapicurú, do Balsas, do Grajahú e do Manoel Alves Grande. Só com o tempo ficaram conhecidas as relações que havia entre umas e outras ribeiras. Naturalmente foi primeiro conhecida a de S. Felix, nome do Balsas na confluencia do Parnahiba, como se deduz da importancia e antiguidade da passagem de Nossa Senhora da Manga, por onde ia gado até Minas Geraes; seguiu-se o Manoel Alves Grande navegado em 1804 por Elias Ferreira de Barros até o Tocantins e por este até Belém. Veiu por ultimo o Grajahú, navegado em Maio de 1811 por Antonio Francisco dos Reis, desde o logar em que está hoje a cidade da Chapada até o porto da Victoria. Graças a criadores que se estabeleceram naquella região, os maranhenses conseguiram dilatar seus limites e tomar a Guaiáz o territorio de Carolina; e movimento exclusivamente ma-

ranhense é este; que desde Manoel Alves Grande foi descendo o Tocantins e alcançou as aguas do Gurupi.

O povoamento do Maranhão em 1817 resume nos seguintes termos o homem que mais conheceu e viajou aquelles sertões, em que deixou a vida, porque, soldado portuguez, não quiz adherir á independencia do Brasil e contra ella se bateu no Tocantins. Além desse crime, passava o major Francisco de Paula Ribeiro por ter comsigo 18 mil cruzados. Nem tanto era preciso para que José Dias de Mattos, presidente da Independencia, como se chamava, o trucidasse entre Carolina e Pastos Bons. Diz elle:

“Povoada assim em toda a largura sómente nos districtos vizinhos ao mar, a capitania vai levando pela banda de Léste encostada aos rios Parnahiba e Balsas quasi em todo o seu comprimento S. O. uma unica tira de terra habitada, que principia a estreitar-se desde o meio baixo Itapicurú até a passagem do rio Neves, porque dahi suas povoações tornam a estender-se para Oeste, rodeando as mesmas cabeceiras do Itapicurú e as do Alpercatas até se encostar ao Tocantins pelas fazendas Boqueirão, fazenda grande de Elias Ferreira Barros e outros. A parte que menos se alarga é das alturas, do logar capital Pastos Bons para o Sul até o Riacho Batateiras, aonde entre o arraial do Principe Regente (Carolina) lhe fica para Oéste um desconhecido de mais de oitenta leguas.”

VI

Excluindo desta revista os territorios das fronteiras que obedeciam a outras considerações e foram occupados segundo principios que não é agora occasião de estudar, repetiremos nossa pergunta inicial: póde reduzir-se o povoamento de nossa terra a algumas linhas principaes, como num paiz as aguas se sommam em algumas bacias preponderantes?

A resposta affirmativa decorre do que fica expellido: e quatro centros apuram-se do estudo da nossa historia.

1) Começa o movimento na capitania de S. Vicente, onde a mata litoranea se estreita, os campos se avizinham e amiudam, os rios avançando para o sertão procuram o mar depois de longos meandros para o Nordéste, os indios dos campos são os da praia. O fundador de S. Vicente é o proprio fundador da villa, que afinal ficou sendo a cidade de S. Paulo.

A população estende-se pelo litoral da angra dos Reis a Laguna. A gente de Paranaguá transpõe a serra e liga-se á Curitiba, desce a serra e alcança São Francisco do Sul. Mais tarde chegada, a gente de Santa Catharina não se abalança a tanto, e por isso perde parte do territorio.

A cidade de S. Paulo aproveita-se de sua posição, valorizando ao mesmo tempo a bacia do Prata, de cujas aguas bebe, a Mantiqueira de aquem e de além e o Parahiba do Sul.

Em poucos annos se desenvolvem tanto as bandeiras que os paulistas á procura do sertão se embatem contra os jesuitas do Paraguai á procura do mar e ensanguentam as aguas do Paraná. O Parahiba do Sul, o Sapucahi e a Mantiqueira levam pelo S. Francisco a Minas Geraes, a Bahia, a Pernambuco, a Parahiba, ao Rio Grande do Norte, ao Ceará, ao Piauí, ao Maranhão. Evitando o salto do Urubupungá chegam a Guaiáz e descem ao Amazonas; evitando o das Sete Quédas, passam ao Paraguai e pelo Cuiabá-Mato Grosso chegam igualmente ao Amazonas. Entre o Occidente da serra do Mar e as matas do rio Paraná, ligam-se precariamente a lagôa dos Patos e o Missões com os ribeirinhos do Tietê.

Mas as villas da serra não são bastante populosas: além de Sorocaba, ou de Itú, ou de Guaratinguetá começa o deserto, a população termina bruscamente, como montanha em talhado. E quando, descobertas as minas, se tratou de povoar os territorios antes tantas vezes talados pelas bandeiras, as villas do Tietê e do Parahiba do Sul ficam exaustas. Os bandeirantes, esquecidos de sua patria e alheios a considerações sentimentaes, procuram de preferencia Bahia e Rio de Janeiro, já prosperos e que mais prosperam ainda com suas correntes que vinham fecundantes; para ahi caminharam os povos de Guaiáz, Cuiabá, Mato Grosso, que não demandaram o deserto do Amazonas.

2) A Bahia, a Bahia de Coutinho e Thomé de Sousa, não a que resultou de tantas anexações e hoje nos é familiar, estende-se primeiro pela praia, do Sul a Norte, á distancia em que os rios dão vau, occupa o rio S. Francisco de Éste a Oéste, de Nordéste a Sudoéste; mas não se limita a uma só margem, abarca logo acima de Paulo Affonso, a que pertence a Pernambuco e vai povoando-as ininterruptamente, enchendo-as de gado, que encontra seu *optimum* no terreno salitrado, nos campos mimosos e por fim se adapta ás catingas, aos agrestes e carrascos. O gado transporta o dono. E pullulam fazendas e nascem estradas e o povoamento quasi continuo se torna ao menos no sentido longitudinal. A população bahiana transborda para Maranhão, Piauí; remonta depois para todos os descobertos auríferos que sem gado teriam perecido no nascedouro.

Desde que recebe o rio Grande pela margem esquerda até fenecer no mar, o S. Francisco não conta affluente perenne, porque as divisorias de aguas se multiplicam, e os quocientes minguem em igual proporção; o mesmo succede aos rios que correm entre o S. Francisco e o Parnahiba. E esta circumstancia, tão prejudicial a outros respeito, teve um lado bom: — o de facilitar a passagem de uma para outra bacia; favorecendo assim a unificação economica.

Os bahianos, não conseguindo vencer o Paraguá, acompanharam-no até as origens. Ahi bifurcaram-se rumo do S. Francisco, onde affluíam as boiadas de Pernaguá em busca de Jacobina, e não tardou muito que as minas de ouro tudo incendiassem; ou

traspassaram para as cabeceiras do rio das Contas, do rio Verde, do Jequitinhonha, demarcando a fimbria occidental da mata litoranea, facilitando sua ruptura para o mar, ligando-se ás estradas mineiras idas do Rio e São Paulo. De Araçuahi ao Rio a distancia é approximadamente a mesma que á Bahia, porém as communicações para esta se faziam com mais commo-
 31) didade, ou menos tempo e obtinham a preferencia.

Pernambuco, a primeira capitania no seculo XVI, adormece sobre os louros colhidos na guerra hollandeza. No S. Francisco vê apenas uma margem, nesta margem vê apenas o trecho desimpedido, à caxoeira de Paulo Affonso amedronta-o. Por isso Alagôas differencia-se, e é symbolico o limite pelo Moxotó, bem junto ao sumidouro. Além do sumidouro abandonou-se tudo aos bahianos, e o limite actual pelo Pau-da-Arára ou Páu da Historia relembra a pungente historia perpetua da justiça immanente das coisas.

Para o Norte, desde a Parahiba a acção pernambucana directa ou indirecta apparece mais efficaz; o nome pernambucano repercute muitas vezes nos territorios de Borburema, Cariri, Ibiapaba: vai-se pelo interior desde Piauí até Recife e Olinda, mas mesmo ahí as communicações com a Bahia se estabeleceram e continuaram sempre, continuam ainda hoje muito reduzidas, embora; e Pernambuco, que algum tempo alcançou de Carinhanha a Amarração, teve de dividir sua herança pelo Ceará, Rio Grande do Norte, Parahiba, Alagôas e Bahia.

Fundado já no seculo XVII, o Maranhão procurou unir-se á Bahia e Pernambuco, e conseguiu-o,

utilizando o Parnahiba e o S. Francisco; mas o seu movimento proprio deu-se no decimo nono seculo, consistiu na procura do rio Tocantins, isto é, de Guaiaz e do Pará. Graças a este esforço pertence-lhe o territorio que vai do Manoel Alves Grande ao Gurupi. Não é muito; mas ao passo que Pernambuco minguava, o Maranhão crescia.

Assim no principio do seculo ultimo estava todo o paiz ligado, imperfeitamente embora, por meio de vias terrestres ou fluviaes. Chegar-se-ia a formar um conjunto, uma nacionalidade? O systema colonial era a divergencia, o particularismo; o centro ficava além mar.

Por circumstancias conhecidas, a côrte portugueza transplantou-se, e ficou intrinseco o centro que estava fóra. Treze annos reinou D. João VI, dez annos reinou D. Pedro I, e tão suave começou a convergencia das partes, e tão naturalmente correu o processo de unificação que, apesar das revoluções profundas realizadas nestes dois reinados, tudo se pautou por uma evolução gradual e legitima. Tão cimentada ficou a obra nacional que desafiou as crises que acompanharam a regencia e ainda entraram pelo segundo reinado.

A cidade de S. Sebastião, mais moderna que São Paulo ou Pernambuco ou Bahia, menos illustre que qualquer dellas, prospera verdadeiramente só depois que os paulistas rasgaram a cintura de matas ambientes, contra a qual os cariocas não se animaram, foi escolhida para a côrte e residencia. Assim decidiu-se a seu favor a questão da primasia que as outras tres com muito mais razão podiam reclamar, questão que

em outras condições seria causa de lutas desesperadas e sanguinolentas, como foi por exemplo no Prata.

Por ter sido uma vez a cabeça continúa ainda e continuará muito tempo ainda, apesar da ameaça guaiana: si não foi aqui que primeiro se concebeu a idéa de uma nação, aqui pelo menos se realizou este sonho que bem perto esteve de esvair-se como sonho.

VII

Os papas Nicolau V, Calixto III, Sixto IV, concederam á Corôa portugueza as terras e ilhas do Atlantico novamente descobertas sob o influxo do infante D. Henrique e dos seus successores immediatos. Com surpresa de Portugal obtiveram os reis catholicos uma concessão do mesmo genero depois de Christovam Colombo tornar de sua primeira viagem; em Maio de 1493 attribuiu-lhes Alexandre VI todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir, situadas cem leguas a Oéste de qualquer das ilhas dos Açores e do Cabo-Verde.

Protestou contra o acto pontificio D. João II, julgando-o lesivo de seus direitos. Depois do protesto estabeleceram negociações os monarchas e, proximos parentes e vizinhos, e afinal concluíram um accordo em Tordesilhas. O convenio assignado em 7 de Junho de 1494, manteve o principio promulgado pelo Papa: a divisão do mundo em dois hemispherios, pertencente um a Portugal, outro á Espanha; modificou, porém, o numero de leguas, elevando-as de cem a trezentas e setenta, e o ponto de partida para a contagem, que seria uma ilha, não especificada, então nem depois, do archipelago do Cabo-Verde. O arreglo foi meramente formal

e theorico; ninguem sabia o que dava ou recebia, si ganhava ou afinal perderia com elle.

O descobrimento do Brasil, cumprido alguns annos depois por Pedralvares Cabral, foi precedido da expedição de Vicente Yañez Pinzon; mas os espanhoes não allegaram prioridade nem duvidaram coubesse a terra dos Papagaios dentro na raia portugueza. Seus interesses estavam ao Norte, não ao Sul da equinocial, que só começou a valer com a armada de D. Nuno Manuel e o descobrimento de Vasco Nunez de Balbôa.

As primeiras duvidas sobre a linha divisoria surgiram no mediterraneo austral-asiatico. Segundo o parecer de Fernão de Magalhães comprehendiam-se nos dominios da Espanha as Molucas, tão cobiçadas por suas especiarias. Para prova-lo empreendeu a viagem em que descobriu o estreito ainda hoje conhecido por seu nome, atravessou o oceano Pacifico, chegou pelo Poente ao Levante, como nebulosamente concebeu e nunca realizou Colombo. Depois de sua morte Sebastian d'Elcano concluiu o periplo incomparavel. Na volta á patria, em Setembro de 1522, manifestou a mesma crença nos direitos de sua nação e a urgencia de reivindica-los.

A côrte espanhola deixou-se convencer. Entre ella e a de Portugal estabeleceu-se uma discussão enfadonha, allegando-se óra a prioridade do descobrimento, óra a legitimidade do dominio no archipelago prestigioso. Do debate resultou a capitulação de Sarragoça, em Abril de 1529. Admittindo que as Molucas pertenciam legitimamente á corôa espanhola, D. João III comprou os direitos de Carlos I, rei da

Espanha, Imperador d'Allemanha, por trezentos e cincoenta mil ducados. Si mais tarde verificassem a não existencia de taes direitos, o imperador-rei restituiria a somma recebida. A linha divisoria passaria naquelle hemispherio duzentas e noventa e sete e meia leguas ao Oriente das Molucas; a legua seria das dezesete e meia o grau no equador.

Um machado de metal levado á península pela armada de D. Nuno Manuel em 1514, do rio por este motivo ainda hoje chamado da prata, as expedições de Solís, Christovam Jaques, Cabot e Garcia, deram realce ás terras platinas, e levantaram a questão de limites no continente americano. Surgiram e arrastaram-se os debates a proposito da expedição de Martim Afonso de Sousa (1530-1533), sempre sob a dupla face de prioridade do descobrimento proclamada por Portugal e de legitimidade de dominio, allegada por Castella. Em Setembro de 32, exprimia D. João III a idéa de distribuir em capitánias hereditarias o territorio situado entre Pernambuco e rio da Prata; nas doações feitas mais tarde, avançou apenas até $28^{\circ} \frac{1}{2}$, á vista das reclamações espanholas? — ou, segundo parece, de observações astronomicas de Martim Afonso? Assim reconheceu *ipso facto* que seus dominios não iam além das terras de Sant'Anna na Laguna. Os espanhoes extendiam, porém, suas pretensões mais para o Norte. Em 1534, Ruy Mosquera estabelecido no Iguape, repelliu com vantagem um ataque de Pero de Góes e saqueou S. Vicente. Diversos documentos officiaes contemporaneos traçam a linha divisoria desde Cananéa e até desde S. Vicente.

Em compensação Magalhães antes de partir deixou um escripto: “ten el cabo de Santa Maria que es en la misma tierra del Brasil, de Portugal estan en treinta e cinco grados de latitud.”

Com a união das duas corôas peninsulares em 1580 decresceu a importancia da fronteira renovada e a atenção concentrou-se na Amazonia. Ante as incipientes incursões de flamengos e inglezes, conhecidas apenas no Pará se estabeleceu Castello Branco em 1616, pareceu acertado confiar as novas conquistas á guarda dos portuguezes, mais proximos e melhor preparados para defende-las.

A criação de um governo separado no Maranhão em 1622 representou o primeiro passo neste sentido.

Ainda mais decisiva foi a criação de duas capitánias hereditarias, sujeitas ambas á corôa portugueza, em terreno indiscutivelmente espanhol pelo espirito e pela letra de Tordesilhas: a de Cameté, concedida a Feliciano Coelho de Carvalho, limitada a Oéste pelo Xingú na margem direita, e a do cabo do Norte na margem esquerda do Amazonas, concedida a Bento Maciel Parente, limitada a Oéste pelo Perú.

Em 1639, Pedro Teixeira voltando de Quito, tomou posse em nome del rei de Portugal das terras situadas entre o rio Aguarico, affluente do Napo, e o mar. Faltava-lhe autoridade para tanto: mas seu acto foi mais tarde e muitas vezes invocado e aceito como titulo de posse.

No Sul, o movimento colonizador se operou com muita lentidão por parte de Portugal, acompanhando o litoral dos actuaes estados do Paraná e de Santa

Catharina, e continuou do mesmo modo ainda depois de 1640, sacudido o jugo espanhol. Por sua parte os espanhoes não curaram de occupar a margem esquerda do Prata. Seus interesses não urgiam no Atlantico, mas além dos Andes, no Pacifico.

Si persistissem as reduções no Guairá fundadas pelos jesuitas avançariam naturalmente para o Oriente e chegariam á marinha. Os jesuitas perseverantes criaram as missões do Uruguai depois que as bandeiras destruidoras talaram as do Paraná e as relações dellas gravitaram para Buenos Aires e Asunción, como estas capitaes só se entendiam com a região transandina.

Autores e cartographos portuguezes discutiam entretanto o meridiano de Tordesilhas, traçando uns pela foz do Prata, outros pelo golpho de S. Mathias, na Patagonia. Taes idéas tornaram-se correntes. Depois de ratificada a paz que reconheceu sua independencia da Espanha, o monarcha de Portugal outorgou uma capitania a um dos netos de Salvador Correa, balizando-a pelo estuario platino. Em 1680 mandou fundar na margem septentrional do Prata, a dez leguas de Buenos Aires, a Colonia do Sacramento.

Apenas se certificou de sua existencia, José Garro, governador espanhol da margem fronteira, atacou-a e tomou-a. A noticia transmittida á Europa quasi desencadeou nova guerra. Procurou-se ainda uma vez com mais véras, apurar o verdadeiro alcance da linha de Tordesilhas. Não se conseguiu. A Espanha condescendeu em reconstruir a fortaleza tomada e restituir provisionalmente o territorio, para afastar

qualquer motivo de irritação do debate, que devia correr no terreno diplomatico.

Ao rebentar a guerra da successão da Espanha, el-rei de Portugal esposou a causa do duque de Anjou, que por isso lhe cedeu o territorio disputado no Prata. Mais tarde mudou de partido e alliou-se á Inglaterra, sem a qual não poderia continuar potencia colonial, a favor do pretendente austriaco. Dahi resultou novo ataque e nova tomada da Colonia do Sacramento, que permaneceu em mãos do inimigo de 1706 a 1715.

Levara até então vida bem singular o estabelecimento portuguez. "A nova colonia do Sacramento por mercê de Deus se conserva, escrevia alguém pouco depois de 1690, por metterem nella um presidio fechado sem mulhero que é o que conserva os homens, porque se não tem visto em parte alguma do mundo fazerem-se novas povoações sem casaes."

Este ninho antes de contrabandistas que de soldados, foi talvez o berço de uma prole sinistra, os gaúchos ou gauderios, originarios da margem esquerda do Prata, segundo parece, famosos durante largas decadas e ainda não assimilados de todo á civilização. A quantidade de meios de sola attestada por Antonil Andreoni exportados do Rio no começo do seculo XVIII, não se explica pela simples producção indigena nem por contrabandos dos portenhos: implica o processo summario dos gaúchos na matança das rezes, resultante da superabundancia e depreciação do gado vaccum, do esbanjamento da cavallhada e do espaço indefinido e livre para as correrias.

O tratado de Utrecht mandou restituir a colonia a Portugal e restitui-la com o seu territorio.

Qual era o seu territorio? Toda a margem esquerda do Prata, pretenderam os portuguezes; o espaço alcançado por um canhão da fortaleza, entendiam os espanhóes. Triumpharam estes. Aquelles tentaram estabelecer-se em Montevidéo, mas seus esforços foram perdidos. Tambem os espanhoes em 1735 tentaram apossar-se da colonia, sujeitando-a a um assedio asperrimo de vinte e dois mezes. Antonio Pedro de Vasconcellos, commandante da praça, resistiu heroicamente e obrigou o inimigo a retirar-se.

A fundação da colonia do Sacramento devia servir de ponto de partida para um povoamento que, começando do Prata, iria ter á beira-mar, plano analogo ao das missões destruidas do Guairá. Este plano fallára; restava o plano contrario: estabelecer-se na marinha, extender-se para o interior até chegar ás aguas platinas, em outros termos, povoar o rio de S. Pedro, mais tarde chamado Rio Grande do Sul. Varias tentativas anteriores de effeitos insignificantes ou nullos são conhecidas.

Em Fevereiro de 1737 entrou José da Silva Paes pelo canal que sangra a lagôa dos Patos e a Mirim. No local que lhe pareceu mais apropriado desembarcou, fortificou-se. A' sombra da fortaleza adensou-se pouco a pouco a população. Dos Açores vieram varias familias e agregaram-se a este nucleo primitivo; as capitancias do Norte por força ou por vontade forneceram não poucos colonos.

A rápida expansão do Brasil pelo Amazonas até o Javari, facilitada pela direcção uniforme da bacia, sempre emparelhada á linha equinoxial no rumo approximado de E.-O., pela ausencia de empecilhos á navegação num rio de profundidade maxima e declive minimo, favorecida pelos ventos que demandam as terras andinas, o avanço vertiginoso decorrente das descobertas de Cuiabá e Mato Grosso até o Guaporé, o incremento vigoroso do Sul, intimaram a necessidade de atacar de frente a questão de limites entre possessões portuguezas e espanholas, no velho e no novo mundo, sempre adiada, sempre renascente, de interpretar autenticamente o convenios de 1494. Com este fim, os dois monarchas da península assignaram um tratado em Madrid, a 13 de Janeiro de 1750.

Ambas as partes contratantes reconheceram nesse documento ter violado a linha de Tordesilhas, uma na Asia, outra na America. Começaram, portanto, abolindo "a demarcação accordada em Tordesilhas, assim porque se não declarou de qual das ilhas do Cabo-Verde se havia de começar a conta das trezentas e setenta leguas, como pela difficuldade de assignalar nas costas da America Meridional os dois pontos ao Sul e ao Norte, donde havia de principiar a linha, como tambem pela impossibilidade moral de estabelecer com certeza pelo meio da mesma America uma linha meridiana". Na mesma occasião aboliram quaesquer outras convenções anteriores referentes a limites, que exclusivamente seriam regidos pelo tratado agora assignado.

A linha meridiana, até então vigente pelo menos nos instrumentos publicos, seria substituida por limites naturaes, tomando por balizas as paragens mais conhecidas para que em tempo nem um se confundissem, nem déssem occasião a disputas, como são a origem e curso dos rios e os montes mais notaveis. Salvo mutuas concessões inspiradas por conveniencias communs para os confins ficarem menos sujeitos a controversia, caberia a cada parte o que actualmente possuísse.

Maior importancia que ás terras se prestou ao aproveitamento dos rios. Estabeleceu-se que a navegação seria commum quando cada um dos reinos tivesse estabelecimentos ribeirinhos; si pertencessem á mesma nação ambas as margens, só ella poderia navegar pelo canal. Para ficar com a navegação exclusiva do Prata, a Espanha trocou a colonia do Sacramento pelas missões do Uruguai. Encarregadas de assentar os limites iriam duas tropas de commissarios, uma pelo Amazonas, outra pelo Prata.

Da commissão do Amazonas foi plenipotenciario e principal commissario portuguez o irmão do Marquez de Pombal, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que já exercia o cargo de capitão general do Maranhão, quando foi nomeado para o trabalho das demarcações.

A 2 de Outubro de 1754 sahiu para o rio Negro, levando em sua companhia setecentas e noventa e seis pessoas, distribuidas em vinte e cinco barcos. Escolheu para residencia a aldeia de Mariuá, chamada mais tarde Barcellos, e nella mandou construir aposentos

para accommodar a partida espanhola. A' frente desta, de estado maior ainda mais pomposo, partiu de Cadiz D. José de Iturriaga, a 13 de Janeiro do mesmo anno, e chegou ao Orinoco aos fins de Julho. Em 1756 fundou S. Fernando de Atabapo, para escala da grande peregrinação e caixa de viveres. Dahi por diante, arcando com o aspero sertão despovoado, taes embarços encontrou, apesar das ordens mais expressas e das facilidades extraordinarias proporcionadas pelo governo absoluto, que gastou annos no caminho.

A partida de Mendonça tinha de se occupar de tres questões principaes: a do rio Negro, a do Japurá e a do Madeira e Javari; a cada qual caberia uma tropa.

O plenipotenciario portuguez tomou as providencias necessarias para organiza-las, e como Iturriaga continuasse ausente voltou em 1756 para Belem com os engenheiros da demarcação. Ali absorveram-no outras preoccupações mais instantes.

Em Janeiro de 1758, recebendo aviso da proxima chegada dos commissarios espanhoes, dirigiu-se novamente para Barcellos. Com effeito, no anno seguinte ali se apresentaram D. José de Iturriaga e seu grandioso sequito de commissarios, mathematicos, engenheiros, desenhistas. Quasi ao mesmo tempo chegou a noticia da substituição de Mendonça na capitania do Pará e no trabalho dos limites, que dahi em diante dirigiria da parte de Portugal por Antonio Rolim de Moura, governador de Mato Grosso, mais tarde vice-rei do Brasil e conde de Azambuja. No mesmo dia e hora da partida de Mendonça Furtado para a capital

os commissarios espanhóes volveram ao Orinoco. Tal é pelo menos a versão referida por Baena. Os escriptores venezolanos e colombianos contestam o encontro dos dois commissarios e, parece, com melhores fundamentos.

Depois de tantos annos e de tantas canseiras nem um passo se dera na Amazonia para realizar o ideal afagado pelo tratado de Madrid. Para os interesses territoriaes de Portugal a solução não foi desvantajosa; estribado no *uti possidetis*, dando-lhe uma extensão difficilmente conciliavel com o tratado de Madrid, poudes agora satisfazer a sua avidez de terras.

No tempo de Mendonça installou-se a capitania de S. José de Javari. Mandára-lhe a corôa assentar a séde da nova fundação proxima dos limites occidentaes; elle achou mais conveniente situa-la no rio Negro, donde os espanhóes estavam muito afastados, como o provára a lenta marcha de Iturriaga. Ahi, portanto, a expansão portugueza se faria sem tropeços. Aléu disso a proximidade relativa de Belém e de Portugal garantia uma superioridade esmagadora. Em seu tempo foram fundados o forte de Marabitanas no rio Negro, e de S. Joaquim na confluencia do Uraricoera e Tacutú, cabeceiras do Branco.

Pelas instrucções dos governos das metropoles, a força de commissarios destinados á demarcação do Sul devia subdividir-se em tres troços: um reconheceria o terreno desde Castilhos Grandes até a barra do Ibicuhi, no Uruguai; outro o Uruguai desde o Ibicuhi até o Pepiriguaçu, e passada sua contravertente, desceria o Iguaçu até marcar a barra do Igurehi, aquelle affluen-

te oriental, este occidental do Paraná; a terceira deveria demarcar o Iguerehi em todo o curso, por seu concabeçante descer para o Paraguai e subir por este até a barra do Jaurú.

As duas ultimas tropas deram conta de sua comissão pacificamente; a primeira andou com menos fortuna. Em troca da colonia do Sacramento para garantir a navegação exclusiva do Prata, a Espanha cederá a Portugal a navegação do Uruguai com os sete povos das missões jesuiticas: S. Nicolau, S. Miguel, S. Luis Gonzaga, S. Borja, S. Lourenço, S. João e Santo Angelo, fundados entre 1687 e 1707, alguns com os restos de redução guairenhas escapos á braveza leonina dos mamalucos.

Ceder terras com seus habitantes sempre se fez e está fazendo; evacuar territorios, deixando os bens de raiz, levando os moradores apenas os moveis e senioventes, reporta á crueza dos Assyrios. Entretanto, as duas côrtes julgaram consumir facilmente este ultraje á humanidade, si os jesuitas as ajudassem, pensando sobre o espirito dos Indios. Os jesuitas acreditaram-se poderosos para tanto, e bem caro pagaram este acesso de fraqueza ou de vaidade: quando os Indios se levantaram desmentindo ou antes engrandecendo seus padres, mostrando que a catechese não fôra méra domesticação e a vida interior vibrava-lhes na consciencia, aos jesuitas foi attribuida a responsabilidade exclusiva em um movimento natural, honesto, humano, por isso mesmo irresistivel.

Os chefes da missão demarcadora do Sul, Gomes Freire de Andrada por parte de Portugal, o marquez

de Valdelirios pela de Espanha, encontraram-se na fronteira marítima do Rio Grande do Sul em começo de Setembro de 1752, e no mez seguinte iniciaram os trabalhos. Em Janeiro, assentado o terceiro marco, Gomes Freire ausentou-se para a colonia do Sacramento e o marquez para Montevidéo. A primeira partida luso-espanhola continuou na tarefa, que deveria levar até a barra do Ibicui; mas ao chegar a Santa Tecla, dependencia do povo de S. Miguel, situado um pouco ao norte do actual cidade de Bagé, defrontou indios armados que se oppuzeram a seu avanço.

Fôra prevista a hypothese e havia ordem dos dois governos para domar a resistencia pelas armas, pois os jesuitas já se haviam convencido de sua impotencia.

Reunidos Gomes Freire e Valdelirios na ilha de Martim Garcia resolveram mandar emissarios ás missões a ver si era possivel conciliar a indiada. Si elles continuassem teimosos, marchariam Adonaegui, governador de Buenos Aires, pelo Uruguai até S. Borja, Gomes Freire pelo rio Pardo até Santo Angelo. Depois de tomadas estas duas reduções proseguiriam até se encontrar. Em Março de 54 Adonaegui poz-se em movimento, mas o mau estado da cavallada e outras causas não menos fortes obrigaram-no a recuar até Daiman, junto á presente cidade do Salto. Ahi os indios atacaram os espanhoes e perderam trezentos homens, dos quaes duzentos e trinta mortos, canhões, armas brancas e cavallada. Menos feliz sahiu Gomes Freire, obrigado a assignar um armisticio com os levantados a 18 de Novembro.

Viu-se que melhor andariam unidos os dois exercitos. Partiu Gomes Freire do rio Pardo, em Sarandi, no rio Negro, juntou-se ás forças de Adonaegui. A 21 de Janeiro de 56 marcharam para as missões. Quasi só encontraram os obstaculos criados pela natureza. Os indios, embora numerosos, mal armados, mal ou antes não dirigidos, pouca resistencia podiam offerecer; de todos os recontros sahiram derrotados. A 17 de Maio entregou-se S. Miguel sem resistencia e os outros povos foram-lhe seguindo o exemplo. Podia-se agora operar a permuta, Gomes Freire empossar-se das sete missões e entregar a colonia do Sacramento. Não se fez isto; dir-se-ia que, como os primitivos, estes mamalucos postumos tinham por movel unico a destruição. Em Janeiro de 59 Gomes Freire embarcou para o Rio, donde não mais voltou.

Entretanto, fallecia Fernando VI, subia ao throno Carlos III, inimigo do tratado de 1750 desde o tempo de seu reinado em Napoles. Um dos primeiros cuidados do novo rei foi annulla-lo pelo pacto firmado no Pardo, a 12 de Fevereiro de 1761. Ficaram outra vez de pé todos os actos reguladores de limites, a principiar pelo de Tordesilhas; tantas vezes desrespeitado por ambas as partes, como de plano haviam reconhecido poucos annos antes. O tratado de Madrid, exactamente porque resolvia uma questão secular, fôra atacado com violencia em ambas as côrtes e a cordialidade dos dois monarchas que o subscreveram não teve éco nos respectivos povos. Agora com razão condemnavam-no os representantes dos dois governos á vista de seus resultados, faceis de evitar, a não ser a

clausula barbara relativa aos sete povos do Uruguai: "estipulado substancial e positivamente para estabelecer uma perfeita harmonia entre as duas corôas e uma inalteravel união entre os vassallos dellas; se viu pelo contrario que desde o anno de 1752 tem dado e daria no futuro muitos e muito frequentes motivos de controversias e contestações oppostas à tão louvaveis fins."

A repugnancia de Portugal a adherir ao pacto de familia, dirigido pelos Bourbons contra a Inglaterra, desencadeou as hostilidades na peninsula e nos dominios da America do Sul. Pedro Cevallos, successor de Adonaegui no governo de Buenos-Aires, poz cerco á colonia do Sacramento em Outubro de 62 e tomou-a sem grande esforço. Dirigiu-se depois ás plagas Rio Grandenses, num passeio militar apossou-se do forte de Santa Thereza proximo ao Chui, da villa capital, da margem septentrional da lagôa dos Patos. Um convenio concluido no povoado de S. Pedro em 6 de Agosto de 1763, declarou o porto privativo do dominio da Espanha, fechado, portanto, ao commercio de qualquer outra nação.

O tratado de Paris, ultimado a 10 de Fevereiro de 1763, mandou voltarem as coisas ao estado anterior á guerra. Cevallos restituiu a colonia do Sacramento, guardou o Rio Grande, deixando os portuguezes reduzidos á fortaleza do rio Pardo, e ás cercanias de Viamão. Mesmo estas nesgas procurou retirar-lhes Vertiz y Salcedo, novo governador de Buenos-Aires, atacando o rio Pardo em 1773, não com tanta felicidade como esperava.

Portugal pareceu aceitar a situação criada por Cevallos, mas foi se preparando manhosamente para modifica-la em seu proveito. Readquiriu, sem combate, S. José do Norte, á entrada da barra; a pouco e pouco mandou forças por terra; uma esquadra entrou pelo canal apesar das fortalezas inimigas; em Março de 76, combinadas as forças de terra e mar atacaram e tomaram as fortificações dos castelhanos. Em Abril a villa de S. Pedro foi evacuada. O dominio espanhol durára treze annos: data d'elle a fortuna do porto dos Casaes, hoje Porto Alegre.

Muitos dos colonos portuguezes transplantados para além do Chui não tornaram mais aos antigos pagos. Muito sangue castelhano misturou-se ao dos que ficaram.

Apenas chegou ao velho mundo a noticia da reconquista do rio de S. Pedro, preparou-se em Espanha uma forte armada para tirar a desforra. Comandava-a Cevallos, nomeado para assumir o vice-reinado do Prata, já então criado. Deveria tomar Santa Catharina, Rio Grande e Sacramento. Santa Catharina entregou-se logo sem resistencia; na Colonia propuzeram a entrega apenas se apresentou o inimigo. O Rio Grande ficou livre de ser accommetido pela banda maritima graças aos ventos contrarios; quando ia ser atacado por via terrestre, chegou da Europa ordem de suspender as hostilidades. Cevallos, como si votasse odio pessoal á colonia do Sacramento, secular pomo de discordia entre os dois povos, não quiz deixar pedra sobre pedra. A 8 de Junho de 77 começou a derrocada pela fortaleza; foram depois destruidas as casas, ob-

struido o porto; as famílias que não quizeram recolher-se ao Brasil, transportadas para Buenos-Aires, distribuíram-se pelo caminho do Perú.

Expirava a este tempo D. José I, extinguiu-se o poderio do truculento Pombal, pela primeira vez uma rainha ascendia ao throno portuguez. Todos esses motivos juntos á estreita consanguinidade das duas dynastias, podem ter influido certa brandura no tratado de limites firmado em Santo Ildefonso a 1 de Julho de 1777, em quasi tudo semelhante ao de Madrid, e mais humano e generoso que este, pois não impunha exodos cruentos.

O *uti possidetis*, reconhecido em 1750, annullado em 761, veiu outra vez a prevalecer. Si não se explicasse pela superioridade relativa das posições portuguezas nas zonas litigiosas, seria uma das ironias da historia averiguar que do mero apego á posse das Philippinas, ultima das colonias que perdeu, procederam todas as concessões consentidas por parte da Espanha.

As modificações mais notaveis apanharam a fronteira meridional. A Espanha não consentiu mais que Portugal tivesse direito a navegar no Uruguai e por isso impoz uma fronteira tal que as possessões portuguezas só abeirassem o rio na foz do Pepiri-guaçú. Desenvolvendo um principio já formulado no tratado de Madrid, cujo artigo 22 não permittia fortificações nem povoações nos cumes das raias, a partir das lagôas Mirim e da Mangueira, o tratado de Santo Ildefonso estabeleceu no artigo 5 "um espaço sufficiente entre os limites de ambas as nações, ainda que não seja de igual largura á das referidas lagôas, no qual não pos-

sam edificar-se povoações por nem uma das duas partes, nem construir-se fortalezas, guardas ou postos de tropas, de modo que os taes espaços sejam neutros, pondo-se marcos e sinaes seguros que façam constar aos vassallos de cada nação o sitio de que não deverão passar, a cujo fim se buscarão os lagos e rios que possam servir de limite fixo e inalteravel, e em sua falta o cume dos montes mais sinalados, ficando estes e as suas faldas por termo natural e divisorio, em que se não possa entrar, povoar, edificar nem fortificar por alguma das duas nações.”

Para o trabalho de demarcar as fronteiras foram criadas quatro divisões: operaria a primeira do Chui ao Iguaçú; a segunda do Iguarehi ao Jaurú; a terceira do Jaurú ao Japurá; a quarta dahi ao rio Negro. Pela parte de Portugal ficaram dependentes do vice-rei no Rio, dos governadores de S. Paulo, Mato Grosso e Pará. O trabalho effectivo limitou-se á fronteira do Chui ao Iguaçú, e á do Javari ao Japurá, isto durante annos de argucias, dilações, inactividade, inercia de que cada nação lançava á outra a culpa exclusiva. As divisões confiadas aos governadores de S. Paulo e Mato Grosso nunca se encontraram com as divisões espanholas. Poder-se-ia dizer que, graças aos demarcadores, progrediu a geographia das respectivas regiões, pois os scientistas exploraram rios, descreveram plantas e animaes, enviaram curiosos especimens dos tres reinos para os estabelecimentos de além-mar... poder-se-ia dizê-lo, si taes trabalhos, ciosamente aferrolhados, fossem dados então á publicidade.

Dois episodios mostraram como as coisas passavam.

O tratado de Madrid nos artigos 5.º e 6.º, repetidos pelo de Santo Ildefonso nos artigos 8.º e 9.º, dispunha que a fronteira desde a barra do Iguaçú proseguiria pelo alveo do Paraná acima, até onde pela parte occidental se lhe ajuntasse o Igurehi, acompanharia este até descer o concabeçante mais proximo, afluente do Paraguai, chamado talvez Corrientes.

Proximo do Iguaçú não desemboca pela margem occidental do Paraná rio chamado Igurehi, proprio a servir de fronteiras, allegou Sá e Faria, portuguez passado agora para o serviço de Castella; rio Corrientes tão pouco se conhecia no Paraguai. Convencionou-se, pois, que a fronteira partiria do Iguatemi, primeiro afluente á direita do Paraná, acima das Sete-Quédas. Mais tarde, o vice-rei do Brasil escreveu ao do Prata que a convenção fôra condicional, para a hypothese de não existir o Igurehi; ora Igurehi existia abaixo das Sete-Quedas. Candido Xavier o descobriu e o seu correspondente no Paraguai era o Jejuhi. Pelo Igurehi e pelo Jejuhi devia passar, portanto, a linha divisoria.

Tem razão o vice-rei do Brasil, respondia Felix de Azara, commissario espanhol; a convenção fôra condicional, e desaparece apurada a existencia do Igurehi; mas o Igurehi existe: é o Iaguarehi, Monici ou Ivinheima, e corresponde-lhe pelo Paraguai outro rio caudaloso, que desemboca aos 22°. “Isto, accrescentava, nos dará as unicas terras não inundadas, daquellas regiões: teremos ervaes, barreiros, salinas, pastos,

aguadas, madeiras; as frotas de Cuiabá e Mato-Grosso cairão em nossas mãos na boca do Taquari ou mais acima; podemos na paz chupar suas riquezas por um commercio que ha de ser-nos vantajoso sem prejuizo; os famosos estabelecimentos de Mato-Grosso, Cuiabá e serra do Paraguai serão precarios a seus illegitimos donos e alfim cairão em nossas mãos com o tempo". "No es posible que no tengamos las minas de Cuiabá y Matogrosso, quando las podemos atacar con fuerzas competentes, llevadas por el mejor rio del mundo, sin que los portugueses puedan susterlas ni llegar a ellas — sino por el embudo obstruido del rio Tacuari, en canoas y con los trabajos que nadie ignora".

Seriam melhores os portuguezes? O caso Chermont-Requena narrado brevemente responderá de modo satisfatorio.

Tinham os commissarios de demarcar a fronteira do Javari á boca mais oriental do Japurá e seguir por esta acima até um rio que resguardasse os estabelecimentos portuguezes do rio Negro. A boca mais occidental do Japurá originou graves discussões, por um chamar boca ao que outrô consideravá furo, isto é, um canal que levava as aguas do Solimões ao Japurá em vez de trazê-las. O rio que devia resguardar as possessões portuguezas do rio Negro seria o Apoporis, o Comiari ou dos Enganos, ou qualquer outro? Nunca se decidiu, á vista dos multiplos varadouros, imaginarios ou verdadeiros, allegados por parte de Portugal. Em todo caso, Tabatinga demorava a Oéste da mais occidental das bocas do Japurá, demorava mesmo a

Oéste do Içá, não compreendido nas pretensões portuguezas mais exageradas; quando, porém, Requena reclamou a posse de Tabatinga, Chermont negou-se a assumir responsabilidade tão grave e declinou da sua para a competencia de João Pereira Caldas, chefe daquella divisão. Este se declarou prestes a fazer a entrega de Tabatinga si os espanhoes lhe entregassem S. Carlos, forte do alto rio Negro, fundado na expedição de D. José de Iturriaga, mallogrado commissario da primeira demarcação.

Nestes dares e tomares consumiu Requena um decennio. Afinal conseguiu de seu rei licença de voltar para a Europa, e o de Portugal permittiu-lhe que descesse até o Pará. “De ordem do governador do rio Negro o acompanhou o tenente-coronel engenheiro José Simões de Carvalho com a recommendação secreta de dirigir a viagem de maneira que elle não visse povoação alguma, nem pudesse tomar nota topographica de qualquer ponto do Amazonas. Destinou o governador do Pará para a sua morada a fazenda de Val de Cães. Ali o teve como em custodia até proseguir a viagem, permittindo-lhe vir á cidade de Belém só de noite, e acompanhado de um official de tropa regular quando intentava fazer-lhe visitaçào, na qual tambem era recebido pelos cidadãos mais qualificados, que segundo a disposição do governador o esperavam em grande cerimonia”.

Em summa, valiam-se bem os commissarios das duas altas partes contratantes. Teria razão, ou talvez não tenha quem duvidava de sua boa fé; entretanto, uma ou outra opinião seria unilateral.

Os termos dos tratados prestavam-se ás vezes a mais de uma interpretação; os mappas trazidos do reino, muitos feitos a olho e sobre informes infide dignos applicaram-se mal aos terrenos; nem destes nem daquelles resultava uma hermeneutica insophismavel. Cada funcionario procurava ostentar zelo, isto é, adiantar sua carreira. E em nome destes seres heteronomos ainda hoje nossos vizinhos propagam e instillam o odio ao Brasil desde os bancos escolares! Felizmente; no Brasil já não somos prisioneiros destas paixões inferiores de colonos fossilizados.

Portugal sahiu mais favorecido da sorte por ter criado a capitania independente de Mato-Grosso logo depois do tratado de 1750 e a capitania subordinada do Rio-Negro em seguida. De Villa-Bella via-se bem claro que o problema se decompunha em duas partes: absorver a navegação do Madeira, paralyzando as hostilidades das vizinhas aldeias dos Moxos e dos Chiquitos, — e isto fez principalmente o conde de Azambuja; passar além dos Xaraes, até onde o Paraguai não transborda do leito, limitando assim as possibilidades de ataques e surpresas, garantindo ao mesmo tempo a navegação de S. Paulo, — isto fizeram Luis de Albuquerque com a fundação de Corumbá e Coimbra, Caetano Pinto com a de Miranda.

Na capitania subalterna de S. José, Mendonça Furtado sentiu a importancia singular do rio Negro e do rio Branco, escolhendo Barcellos para capital, assignalou nitidamente o rumo a seguir pelos successores. Tanto em Mato-Grosso como no Rio-Negro houve pequenos conflictos sem importancia, de que os

espanhoes não tiraram o melhor partido, e os portuguezes puderam continuar na sua maneira original de entender e applicar o *uti possidetis*.

Os debates inanes das demarcações ainda continuavam em 1801 ao rebentar a guerra entre Portugal e Espanha. Ipso facto, caducaram os tratados. José Borges do Canto, desertor do regimento dos dragões, e Manoel dos Santos Pedroso, sem ordem de ninguém, congregaram troços de aventureiros e atiraram-se contra os sete povos do Uruguai. Foram, viram, venceram. Voltou novamente a ser lindeiro o rio Ibicuihi. Nas outras fronteiras nada occorreu de notavel. Um ataque contra o forte de Coimbra começou por ameaças formidaveis e deu em retirada clandestina.

Depois disto não houve mais questões sobre limites americanos entre as duas metropoles peninsulares. Com seus herdeiros o Brasil as tem liquidado pacificamente. Só no Uruguai mais de uma vez rebentaram conflictos, hoje de todo serenados e esquecidos. Na sangrenta guerra do Paraguai não influiram ambições territoriaes.

O historico dos limites com a França conta-se em poucas palavras.

A capitania do cabo do Norte, doada a Bento Maciel Parente, era limitada á beira mar pelo rio Vicente Pinzon, cuja denominação indigena é Oyapok. Apenas se fixaram em Caienna, os francezes lançaram vistas cobiçosas sobre o Amazonas, e reclamaram-no como limite.

Para affirmar seus direitos, em 1697, tomaram os fortes portuguezes de Araguari, Toheré e Macapá, logo retomados. Um tratado provisional concluido em 1701 neutralizou o territorio, mas o de Utrecht restituiu-o aos portuguezes. Pelo inequivoco artigo 8, Sua Magestade Christianissima desistiu “pelos termos mais fortes e mais autenticos e com todas as clausulas que se requerem, assim em seu nome como de seus descendentes, successores e herdeiros de todo e qualquer direito e pretensão que pôde ou poderá ter sobre a propriedade das terras chamadas do cabo do Norte, e situadas sobre o rio das Amazonas e o de Japoc ou de Vicente Pinsão, sem reservar ou reter porção alguma das ditas terras, para que ellas sejam possuidas daqui em diante por Sua Magestade Portugueza” etc.

A disposição por sua clareza não permittia duvidas; os francezes acharam meio de perpetuá-las descobrindo mais de um rio Vicente Pinzon e mais de um Oyapok, de modo a approximarem-se o mais possivel do Amazonas, e nelle estabeleceram seu verdadeiro e constante objectivo. Isto lograram durante o revolução franceza e o imperio. O tratado de Paris, de 23 de Thermidor V, traçou o limite pelo Calçoene até as cabeceiras e destas por uma recta até o rio Branco. O de Badajoz de 6 de Junho de 1801 transportou-o para o Araguari, desde a foz mais apartada do cabo do Norte até as cabeceiras e dahi até o rio Branco. O de Madrid, de 29 de Setembro do mesmo anno, fixou-o no Carapanatuba desde a foz até as cabeceiras, donde acompanharia as inflexões de serraia divisoria das aguas até o ponto mais proximo do rio Branco cerca

de 2º 1/3 Norte. O de Amiens, de 27 de Março de 1802, trouxe-o novamente para o Araguari.

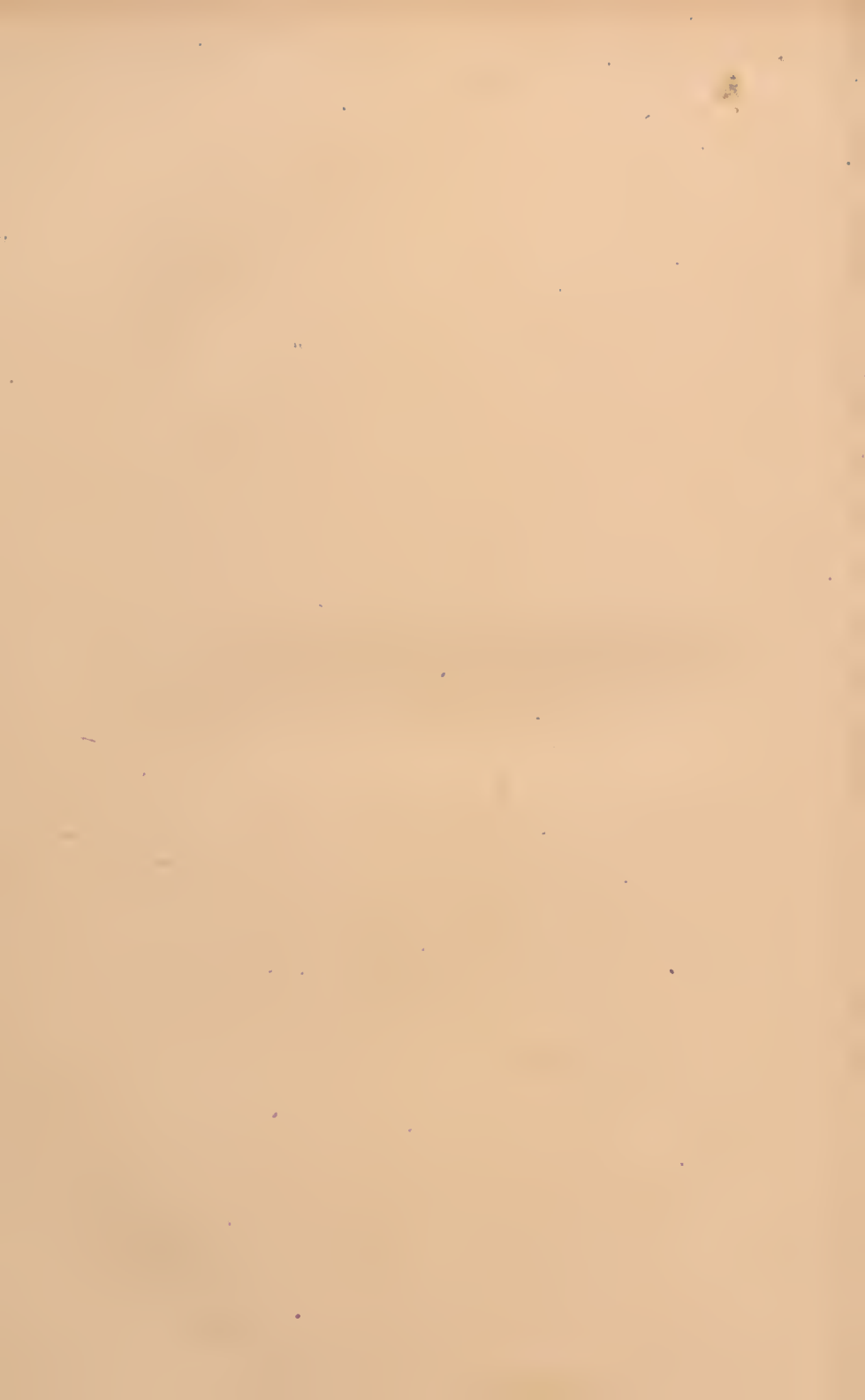
Todos esses tratados caducaram com o de Fontainebleau, que desmembrou Portugal e produziu a transladação da côrte portugueza para o Brasil. Os portuguezes conquistaram então a Guiana Franceza, administraram-na alguns annos com certa habilidade, para restitui-la pelo tratado de Vienna. Os esforços dos francezes mangraram por igual. Depois de accidentes varios o Brasil, já no regime republicano, por sentença arbitral do governo suisso, ficou com a fronteira do Oyapok ou Vicente Pinzon.

Depois de na era de 1850 terem passado do rio Branco para o Repununi, os portuguezes se apropriaram das possessões hollandezas. Nunca travaram conflicto com ellas, nem convenção alguma interveiu entre as duas metropoles.

Ultimamente pelo tratado firmado no Rio a 5 de Maio de 1906 a fronteira fixou-se pela divisa das aguas.

Com as guerras decorrentes do imperio napoleonico, a Inglaterra conseguiu afinal tomar pé no continente da America do Sul, incorporando parte das possessões neerlandezas. O conhecimento da situação de sua conquista despertou na alma britanica o desejo de possuir terra na bacia amazonica. Um laudo arbitral favoravel outorgou-lhe esta Byrsa, recatado fóco de contrabando por óra, mais tarde, quem sabe mais?

O paragrapho VII é reproducção do Capitulo X dos "*Capitulos de Historia Colonial*", revisto e augmentado pelo autor.



OS PRIMEIROS DESCOBRIDORES
DE MINAS

Estudo reproduzido da "*Revista do Archivo Publico Mineiro*",
vol. VI, 1901, e pela primeira vez publicado na gazeta fluminense —
"*A Semana*", em 1887, sob a epigrapha: "*Notas para a nossa historia*".

ADVERTENCIA (*)

A illustrada Redacção da *Revista do Archivo Mineiro* desencavou da saudosa *Semana* estes artigos, escriptos ainda no seculo passado. Seu fim unico era chamar a attenção para factos geralmente descurados, insistir sobre documentos ineditos uns, outros quasi ignorados, mostrar que eram passíveis de interpretação, apresentar uma interpretação provisoria. Saem agora como os publicou a *Semana*, com ligeiras modificações de fórma apenas. Longe do Rio, não seria facil revê-los á vista dos textos originaes; nem seria necessario ou util, porque seu fim já foi preenchido.

Do mesmo assumpto occupou-se recentemente com maior desenvolvimento e mais completos conhecimentos topographicos, meu amigo Dr. Orville A. Derby, da commissão geologica de S. Paulo. Os resultados a que chegou são os seguintes:

1.º A expedição Navarro-Espinhosa entrou por Caravellas, alcançou as cercanias de Theophilo Ottoni, desceu pelo campestre até a serra do Frio, na Cordilheira do Espinhaço, que aqui corre de Norte e tem picos de quartzito branco, facéis de se confundir com o marmore. Ao Norte de Diamantina, onde um rio

(*) Advertencia dada como Conclusão na "*Revista do Archivo Publico Mineiro*" (vol. VI, 1901).

Caeté-mirim conserva talvez a tradição da tribu Cati-guçu (Caté guaçu?) acompanhou o valle do Itacambira e passando para o outro lado chegou ao S. Francisco, na barra de algum rio maior, fronteiro á secção serrana, isto é, o Jequitahi ou o rio das Velhas. Dos dois rios correntes do lado de cá da serra, o Grande é o Jequitinhonha, o das Urinas é o Araçuahi ⁽¹⁾. Sobre o *Monayl* não se manifesta.

2.º A expedição de Martim Carvalho seguiu o caminho da anterior até Theophilo Ottoni ou Minas Novas; talvez chegasse á serra do Frio no alto Jequitinhonha: tomou pelo Cricaré ou S. Matheus.

3.º Provavelmente, Sebastião Fernandes Tourinho fez mais de uma expedição. Na primeira entraria pelo Cricaré, descobrindo a lagôa de Juparaná, e o trecho do rio Doce, entre esta lagôa e o mar. Na segunda explorou o rio Doce, seu affluente Sassuhi até as cabeceiras nas proximidades da actual cidade do Serro, e a secção da serra do Espinhaço, que depois ficou celebre com o nome de Serro do Frio. As serras de pedra verde entre as quaes andou trinta leguas, poderiam ser as do districto diamantino, onde de facto se encontram pedras verdoengas (quartzitos com mica verde) e o mineral lazulito ou Klaprotina, que facilmente se confunde com a turqueza. Póde-se tambem interpretar a expedição como tendo Tourinho subido pelo Urupuca, affluente do Sassuhi, em cujas pontas

(1) A identificação do rio das Urinas parece inaceitavel; do Araçuahi, affluente do Jequitinhonha, não se póde dizer que vai sahir ao mar, entre Ilhéos e Porto-Seguro.

está a lagôa de Agua Preta, que é a *Vupabuçu* de Marcos de Azeredo e outros, e descendo pelo rio Itamarandiba até tomar o Araçuahi. Explorações ao sul do rio Doce duvida Orville Derby que realmente houvesse, mesmo com os detalhes da tomada do Sol e o reconhecimento da serra dos Orgãos. O primeiro pôde facilmente ser um erro de observação ou um exaggero de quem contou a historia, e o segundo é simplesmente impossivel para quem nunca tinha visto a serra dos Orgãos, pelo lado de traz. Serras dentadas que de algum modo se assemelham em aspecto á dos Orgãos, abundam em toda a região explorada, e é de presumir que a que foi assim denominada ficasse bastante afastada da bahia do Rio de Janeiro. Si realmente houve alguma exploração no Sul do rio Doce, esta provavelmente foi uma entrada pelo rio Manhuaçu acima, até avistar uma serra que erradamente se identificou com a serra dos Orgãos.

As difficuldades na interpretação das viagens de Tourinho procedem, como muito bém diz Derby, de erros ou omissões nas copias de Gabriel Soares, cujo original não é conhecido, no confuso das informações colhidas, e talvez na fusão desta com a expedição de Adorno, que veio logo em seguida.

Deixando a viagem de Adorno para outra occasião, reuno aqui os documentos sobre estes primeiros tentamens de chegar ás terras de Minas Geraes.

Às margens do Parahiba, agosto de 1901.

OS PRIMEIROS DESCOBRIDORES DE MINAS

Nas *Cartas avulsas dos Jesuitas* (impresas, mas ainda não publicadas, pag. 84), fala-nos o padre Antonio Blasquez em um Espinhoso, grande lingua, que em 1557 gosava de muita autoridade entre os indios do Brasil.

Quem era elle? a que nacionalidade pertencia? seu appellido era de familia, ou simples traducção de alcunha dada pelos Indios, como Moreia, com que mais tarde se ataviaram alguns dos descendentes de Caramurú?

Documento recentemente descoberto permite responder a algumas destas perguntas: uma carta de mercê, passada por Men de Sá a 24 de dezembro de 1560. Fala-se ahi em Francisco Bruza de Espinhosa, "castelhano, grande lingua e homem de bem e de verdade e de grandes espiritos". Na verdade, Espinhosa e Espinhoso não são exactamente o mesmo nome; mas da carta de Antonio Blasquez, como da de Men de Sá, temos apenas copias; a differença de uma letra não milita, pois, contra a identificação, a favor da qual, como se verá, ha muitos argumentos.

Segundo o documento a que me refiro, Francisco Bruza de Espinhosa offereceu-se a Thomé de Sousa

para penetrar pelo sertão em procura de minas. Mais de uma vez lhe recommendara D. João III esta empresa, de que o Governador tanto se preocupara que, em julho de 1551, quando Nobrega foi para Pernambuco, já conseguira deste promessa de um padre para acompanhar a gente que fosse descobrir ouro⁽²⁾. Por isso a proposta de Espinhosa foi aceita; mas era nos ultimos tempos de Thomé de Sousa, e a empresa só chegou a realizar-se no governo de Duarte da Costa, iniciado a 13 de Julho de 1553.

As condições propostas eram que ouro, prata, aljofar e pedras preciosas e quaesquer outros metaes que descobrissem fossem “o que trouxessem em saldo para elles e para seus filhos, herdeiros, ou para os que elles quizessem dar e deixar, sem das ditas cousas pagarem dizimos, sisa, quarto, quinto, nem outro nem um direito por qualquer outro nome que seja chamado ou denominado.”

Partindo para a expedição com doze companheiros, Espinhosa “achou muitas informações de haver entre o gentio ouro e prata, e não foi mais pela terra dentro que duzentas e tantas leguas e não acabou de descobrir.”

E' isto o que se contem na carta de mercê de Men

(2) O governador Thomé de Sousa me pediu um Padre para ir com certa gente que Vossa Alteza manda a descobrir ouro; eu lho prometti, porque também nos releva descobri-lo para o thesouro de Jesu Christo nosso Senhor, e ser cousa de que tanto proveito resultará a gloria do mesmo Senhor e bem a todo o Reino e consolação a Vossa Alteza e porque ha muitas novas delle e parecem certas e parece-me que irão. (NOBREGA, ed. Valle Cabral, pg. 92-93).

de Sá com referencia a Espinhosa; mas, approximada de uma carta do padre João de Aspilcueta Navarro⁽³⁾, o facto apparece á nova luz. O padre Navarro refere-se a uma entrada que fez ao sertão nos primeiros tempos de Duarte da Costa (pois a 24 de Junho de 1555 já passava de anno e meio) com doze portuguezes, e em que andou pela terra 350 leguas. Como se vê, excepto no numero das leguas, aliás sem importancia para o caso porque nem Espinhosa nem Navarro fizeram mais que as estimar arbitrariamente, a identidade parece completa entre as duas expedições.

Para que completa seja realmente, é preciso, porém, outra condição: Navarro partiu para Porto Seguro em Março de 1552 e só tornou á Bahia em fins de 1555 ou começo de 1556; a entrada em que tomou parte deve ter sahido, portanto, de Porto Seguro. Partiria igualmente dahi a de Espinhosa? A presença deste na Bahia em 1557 não é argumento em contrario, porque tambem Navarro estava na Bahia; mas isto seria simples presumpção. Ha documento, felizmente, que permite affirma-lo.

E' sabido que em fins de 1552 ou principio de 1553, Thomé de Sousa sahiu da Bahia com Manuel da Nobrega, Pero de Góes, Antonio Cardoso de Barros e outros a visitar a capitania do Sul. Em uma collecção de ordem de pagamento do tempo, que existia na thesouraria da fazenda da Bahia e hoje está na Bibliotheca Nacional, encontra-se sob numero de 1262:

(3) Traduzida na *Historia Geral* de Varnhagen, 1.^a ed. vol. I, pg. 406-462.

“A 8 de Março de 1553, passou o Provedor Mór (A. C. de Barros) dous mandados para Pero de Pinna, feitor da Capitania de Porto Seguro, que dêsse ao Espinhosa emegero (?) castelhano, na dita Capitania morador, todo o resgate que houvesse mister para ir pelo certão a descobrir por mandado do Governador Thomé de Sousa...”

Na mesma collecção de ordens, encontra-se ainda adiante o seguinte que provavelmente se relaciona com o nosso Espinhosa:

“A doze do dito mez (Junho de 552) passou o Provedor-Mór mandado para o dito Thesoureiro (João de Araujo) que entregasse a Pero de Pina, feitor e almoxarife de Porto Seguro, os resgates e mercadorias seguintes: quarenta e cinco covados e tres quartos de pano vermelho de trezentos e cincoenta reis covado, quarenta duzias de tezouras de duzentas e quarenta reis duzia, vinte massos de mata-mundo de cem reis o masso, trinta duzias de pente de dez a real, trinta milheiros de trez a real, quarenta milheiros de quatro a real, doze chapéos de cento e quarenta reis chapéo, tres barris de páo para ir o dito resgate...”

Não ha, pois, motivo algum que o Espinhoso de Blasquez é o Espinhosa de Men de Sá, e que é sua expedição a descripta na carta do padre Aspilcueta Navarro. Por meio desta, pode-se até certo ponto determinar o roteiro da entrada ao sertão.

Partirám de Porto Seguro, e, como em paiz desconhecido seguir um rio é meio de não se perder, provavelmente foram seguindo algum. Navarro fala-nos tantas vezes no Grande, actualmente conhecido pelo

nome de Jequitinhonha, que bem póde dizer-se que os expedicionarios o foram margeando. Depois de muito andar, chegaram a uma serra aonde estão as cabeceiras deste e de um outro chamado das Ourinas (Pardo? affluente do Jequitinhonha?). Esta serra corre de norte para sul, e deve ser uma das conhecidas pelo nome de Almas, Grão Mogol e Itacambira. Dahi partiram e foram ter a um rio muito caudal, chamado Pará, que segundo os Indios lhes informaram, era o de S. Francisco, ou mais provavelmente o rio das Velhas. Foi, portanto, para o districto em que mais tarde se tornaram tão celebres as minas de Diamantina, do Serro, de Araçuahi e outras que se encaminhou a expedição.

E que viagem! “Sempre por caminhos pouco descobertos, diz Navarro, por serras mui fragosas que não têm conta e tantos rios que em partes, no espaço de quatro ou cinco leguas, passamos cincoenta vezes contadas por agua, e muitas vezes, se me não soccorreram, me houvera afogado. Mais de trez mezes fomos por terras mui humidas e frias por causa dos muitos arvoredos e das arvores mui grossas e altas, de folha que sempre está verde. Chovia muitas vezes, e muitas noites dormiamos molhados, especialmente em logares despovoados, e assim todos em cuja companhia eu ia, estiveram quasi a morte de enfermidades, uns nas aldeias, outros em despovoados, e sem ter outra medicina que sangrar-se de pé, forçando a necessidade a caminhar.”

A carta de mercê de Men de Sá, de 24 de Dezembro de 1560, foi passada em favor de D. Vasco Rodrigo

(sic) de Caldas. Era este homem notavel, habitava a cidade do Salvador havia muitos annos, e distinguira-se muito nas guerras que em tempo do mesmo Governador houve contra os Indios. No anno de 1552 serviu de vereador da Camara da cidade.

Offereceu-se ao Governador para levar avante a empresa iniciada por Espinhosa, e, como um dos motivos a que se attribuia o mallogro daquelle era a pouca gente que levava, comprometteu-se elle a levar cem homens. O seu offerecimento foi aceito nas mesmas condições que tinham sido concedidas a Espinhosa. Era-lhe além disso recommendado que não sahisse em outro logar que o Brasil (o que indica a crença na proximidade immediata de possessões espanholas), e, que fizesse um roteiro da jornada.

Chegou esta a realizar-se? E' o que não diz o documento de Men de Sá, mas o que por casualidade nos informa o padre Leonardo do Valle em uma das *Cartas avulsas dos Jesuitas*, escripta da Bahia a 26 de Junho de 1562.

Leonardo do Valle fala de uma entrada com atoadas de ouro, feita no anno anterior. Quem a dirigiu não nos diz elle, que designa o capitão simplesmente como "um dos honrados da terra". Sabendo-se, porém, que Vasco Rodrigues de Caldas obtivera a licença nos ultimos dias de 1560, no tempo do Natal e das festas que se lhe seguem, não é de admittir que elle fizesse a entrada sinão em 1561, o que está de accordo com a data do padre Leonardo.

Nem é de crer que o Governador dêsse ao mesmo tempo licença igual a pessoa diversa, quando Vasco

Rodrigues de Caldas tantos serviços prestara á sua administração, e já devia ter feito os amplos preparativos que necessitava o sustento dos cem homens com que planejava o commettimento. Não hesito, pois, em identificar o homem honrado do padre Leonardo com o caudilho de Men de Sá.

Tambem a sua tentativa não surtiu effeito. Elle seguiu pelo rio Paraguaçu, mas não penetrou mais de 60 ou 70 leguas pelo sertão. Ahi appareceram os Indios Tupinaens, os antigos moradores da Bahia quando os Tupinambás ainda não a tinham senhoreado, e obrigaram a expedição a tornar.

Entre os Indios ficou um crucifixo de que Leonardo do Valle conta maravilhas. "Foram umas velhas para o tirar da caixa para os seus lhe quebrarem a cabeça a seu modo e supitamente cahiram mortas. E irando-se alguns mancebos valentes disso, tomaram seus arcos e flechas para ás flechadas o matarem e querendo o pôr por obra, aconteceu o mesmo que ás outras."

Depois do desbarato de sua empresa, Vasco Rodrigues de Caldas, se foi elle como parece, fez uma viagem ao reino, como consta de um documento publicado por Valle Cabral. (Nobrega, *Cartas do Brasil*, pag. 182).

São estas, pois, as duas mais antigas entradas em busca de minas que se deram no Brasil. Ambas eram desconhecidas, em suas particularidades, e continuariam provavelmente a sê-lo sem as cartas de Men de Sá e dos Jesuitas.

II

Pero Magalhães de Gandavo publicou em Lisboa em 1576 uma *Historia da provincia Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*. Dedicou-a a D. Leonis Pereira, governador que fôra de Malaca. Luis de Camões juntou-lhe uma elegia para introduccão. E sendo este o primeiro livro em Portugal impresso sobre o assumpto, foi muito lido, algumas idéas nelle apresentadas pela primeira vez passaram a outras obras, e a *Historia* tornou-se tão rara por fim que, da primeira edição, se conhecem apenas dois exemplares, um dos quaes em nossa Bibliotheca Nacional.

Antes da *Historia*, por 1568, escreveu elle um *Tratado da terra do Brasil* só vulgarizado mais tarde, em 1826, na *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*. E' dedicado ao cardeal D. Henrique, e no prologo assegura-nos o autor que, nos dias passados, offecera outro a D. Sebastião.

Não se conhece este; mas em compensação possuímos um de que antes não havia noticia. E' dedicado á rainha D. Catharina, existe manuscripto e anonymo em Londres, no *British Museum*, e dahi, graças ao zelo e dedicação incansavel do sr. conselheiro Silva Paranhos (o benemerito Barão do Rio Branco), veio uma copia para esta Côrte.

A comparação entre o trabalho dedicado a D. Henrique e o dedicado a d. Catharina mostra que as duas obras são exactamente a mesma. A copia de Londres, é, porém, mais fiel e apresenta algumas variantes apreciaveis. Para qualquer reimpressão deve ser preferida á que serviu para a edição de Lisboa de 1826. Provavelmente o livro dedicado a D. Sebastião não passava de outra copia com ligeiras variantes, e a sua perda não é desfalque para nossa literatura historica.

Mas em um ponto a edição de Lisboa leva grande vantagem á copia de Londres: contém um capitulo, o ultimo, que faltava inteiramente nesta. Como explicar esta omissão? Não é porque o assumpto fosse menos interessante que os que occupam outras paginas; veremos o contrario. Talvez o motivo fosse que o facto a que se refere o autor chegou a seu conhecimento no intervallo entre a apresentação da copia a D. Catharina e a apresentação da copia a D. Henrique. E' por isso que vem na ultima pagina, como accrescimo de ultima hora.

O facto que Magalhães de Gandavo narra é o seguinte:

Chegaram a Porto Seguro uns Indios do sertão a dar novas de certas pedras verdes que existiam numa serra alongada para o interior. Trouxeram consigo algumas, que foram reconhecidas como esmeraldas, mas não de muito preço. Sabendo disto os habitantes da capitania, reuniram-se em numero de cincoenta a sessenta e, acompanhados de alguns Indios, penetraram pelo sertão. Ia por chefe um Martim Carvalho, que depois se mudou para Bahia(talvez o senhor de enge-

nho de que fala G. Soares a p. 137) e, com elle andaram umas duzentas e trinta leguas, por espaço de oito mezes. Passaram muitas serranias de crystal, outras de terra azulada em que se desconfia haver ouro, até que num riacho encontraram alguns grãos miudos, amarellos, muito pesados, que apalpados nos dentes se acharam brandos mas não se desfaziam. Apanharam delles um punhado, julgando que fosse o precioso metal e seguiram para adiante; mas a falta de mantimentos, o receio dos inimigos, as doenças que assollavam a gente exigiram a volta, e elles tornaram-se outra vez em almadias por um rio que se chamava Cricaré, onde se perdeu numa caxoeira a canoa em que vinham os suppostos grãos de ouro que traziam para mostras.

E' o que diz Gandavo no capitulo IX da segunda parte de seu *Tratado*.

Si as considerações antes formuladas têm algum fundamento, a expedição deve ter tido logar antes de 1567 ou 1568. E' portanto esta a terceira expedição conhecida que do Éste do Brasil penetrou no sertão a cata de minas. Tem alguns pontos de contacto com a de Espinhosa, mas parece ter ido mais para o Sul, pois desceu pelo Cricaré, actualmente chamado rio de São Matheus.

Ainda de Porto Seguro partiram duas expedições commandadas por Sebastião Fernandes Tourinho, parente dos donatarios da capitania. Apenas se sabe que são anteriores a Luis de Brito e Almeida, que chegou ao Brasil em 1573. E devem ser posteriores á de Martin Carvalho sinão Gandavo as teria mencionado de preferencia, pela posição social do agente. De ambas

dá razão Gabriel Soares (*Tratado descriptivo do Brasil*, ps. 60, 61, 69 e 70, da edição de 1851), seu contemporaneo, que passamos a aproveitar.

Como elle não nos diz qual das duas expedições se realizou primeiro, e narra uma a proposito do Jequitinhonha e outra a proposito do rio Doce, seguí-lo-ei por agora, deixando para depois examinar em que ordem chronologica succederañr.

Sebastião Fernandes Tourinho, diz-nos elle em resumo, morador de Porto Seguro, entrou pelo sertão com alguns companheiros e andou por elle alguns mezes á ventura sem saber por onde caminhavam, até que chegaram em direito do Rio de Janeiro, como conheceram pela altura do sol e pela serra dos Orgãos. Retrocedendo, chegaram a um campo grande onde acharam lagoas e riachos que corriam para o rio Grande, e indo com o rosto ao Noroeste, caminhadas umas trinta leguas por serras de pedras, tomando a Léste encontraram um rio chamado Razo-Aguipe. Por elle andaram oitenta leguas ao Norte em canôas, com o rosto até o Grande em que vem desaguar, e entrados neste vieram ter ao mar, depois de uma navegação de vinte e quatro dias vindo sempre com a proa ao loeste.

Não é facil com tão poucos elementos determinar os pontos descriptos neste roteiro. Nelle ha evidentemente erros, como no logar em que diz que as canôas chegaram ao mar navegando com a proa ao loeste, isto é, ná direcção opposta á em que o mar se acha. Embora Gabriel Soares nos assegure que Sebastião Tourinho sabia muito bem tomar a altura do sol, não abona muito a sua sciencia o facto de elle ter chegado

ao Rio de Janeiro, sem o sentir. Mas ha um ponto que nos auxilia nesta investigação: o rio Razo-Aguipe.

A que rio corresponde este? Varnhagen nos commentarios com que adornou o *Tratado* de Gabriel Soares, na edição publicada ás expensas do Instituto Historico, nada diz a tal respeito, nem tambem nas duas edições da sua *Historia Geral*. Nem, depois d'elle, se occupou alguém com este ponto. Póde-se, portanto, permittir uma hypothese que quem mais tarde e com melhores documentos estudar o mesmo assumpto, rectificará facilmente.

Comecemos por tirar da palavra Razo-Aguipe a ultima syllaba, *-pe*, que é uma posposição da lingua geral, significando *em*.

E' muito usada nos rios do Norte, mas para o Sul é menos, como vemos em Jaguaripe na Bahia e Jaguari em Minas Geraes. Notemos em seguida que o Z não é som tupi e que deve estar em logar do S, o qual por estar isolado no manuscrito, sujeitaram á lei da prosodia portugueza. Lembremos ainda que o R em tupi é sempre brando, qualquer que seja a posição que occupe, e que em portuguez é sempre forte no principio das palavras: dahi o factó interessante dos Brasileiros juntarem-lhes um A inicial para, pondo o R entre duas vogaes, conservarem-lhe o som primitivo: é o que se vê em *Araripe*, por exemplo, cuja forma antiga é Rari, como se lê num documento conservado em Purchas. Com todas as alterações que procuramos restituir temos que o rio deve chamar-se Araso-Agui.

Si, por fim, notarmos que a forma antiga de Piauihi era Piaugui, e muitos factos congêneres poderíamos invocar, temos um precedente que, junto a outros, permite affirmar que, linguisticamente, o Razo-Aguipe de Gabriel Soares é o Araçuahi dos novos mappas.

Geographicamente não ha obstaculo a esta identificação, porque aquelle era um affluente do Jequitinhonha exactamente como este. E' pena que os nossos mappas da zona percorrida sejam em tão pequena escala e as indicações de Gabriel Soares tão tenues que se não possa levar mais adiante a identificação. Mas deixemô-la assentada aqui porque depois ha de servir.

Na segunda expedição, Sebastião Tourinho subiu o rio Doce, até um seu affluente chamado Mandi, nome que os viajantes e mappas modernos converteram em Guandú. Entrando nelle e desembarcando com sua gente, seguiu por terra umas vinte leguas em rumo de O. S. O. até uma lagôa donde sae um rio em rumo de E., que perlongaram por mais de 30 leguas; depois caminharãr umas setenta leguas, durante quarenta dias, em rumo de Oéste, até chegar no rio Doce novamente. Neste rio fizeram canoas de cascas e foram-no subindo até um seu affluente chamado Aceci, pelo qual entraram quatro leguas e desembarcando caminharãr em rumo de NO onze dias, e atravessaram o Aceci, e andaram muitas leguas, descobrindo afinal as pedras verdoengas, e azues, etc.

No meio destas indicações e contra-indicações, fielmente resumidas de Gabriel Soares, é impossivel uma pessoa entender-se. Ha quem identifique o Aceci com o Suaçuhi e ha quem o identifique com o Santo

Antonio. Com a mesma razão poderia identificar-se com outros. Para nós importam apenas os tres seguintes factos: primeiro, que Sebastião Tórinho com os companheiros navegou o rio Doce até onde suas margens são elevadas, mas onde as caxoeiras não lhe obstruem ainda o leito; segundo que, portanto, o Mandi de Gabriel Soares é o Mandú dos geographos posteriores, ultimamente convertido em Guandú; terceiro que, depois de margear este e outros rios elles vieram sahir novamente no Doce, em região navegavel, em que não se fala de caxoeiras, portanto junto ao Cuité.

Só dahi seguiram para o Norte, isto é, para a margem esquerda do rio Doce, onde afinal encontraram as pedras que procuravam. E digo que o rio Acci fica na margem esquerda do rio Doce, porque, segundo Gabriel Soares informa, a viagem de Antonio Dias Adorno foi feita pelas indicações fornecidas por Tourinho, e Dias Adorno entrou no sertão pelo rio das Caravellas, isto é, procurando o Norte do rio Doce.

Expostos os factos e sabido que foram anteriores a 1573, vejamos qual das duas expedições é chronologicamente a primeira, — si a da volta pelo Jequitinhonha, si a da subida pelo Doce.

III

O *Tratado* de Gandavo refere-se á fundação do collegio dos Jesuitas no Rio de Janeiro, iniciada em 1567; é-lhe, portanto, posterior. A entrada de Martim Carvalho deve ter sido antes, não só porque Gandavo já a dá por terminada, como por dizer que o chefe se mudara para a Bahia, o que presuppõe certo prazo entre os dois factos. Que tal prazo effectivamente interveio leva-nos a concluir o silencio de Gabriel Soares. Chegando á Bahia por 1567, elle teria mencionado o feito si tivesse occorrido em seu tempo, como fez a proposito de Sebastião Fernandes Tourinho e Antonio Dias Adorno.

Poder-se-á perguntar si a entrada de Martim Carvalho não coincidiu com alguma das de Tourinho? A' primeira vista assim parece, porém exame mais detido revela particularidades que não permitem identifica-las.

Bem estudada, a facção de Martim Carvalho reveste dois caracteristicos: primeiro, que não foram encontradas as pedras verdes, a cuja procura partiu a expedição; segundo, que a volta fôï pelo rio Cricaré.

Ora, Tourinho em uma das suas expedições, não encontrou as pedras verdes, mas nesta fez a volta pelo Jequitinhonha. Em outra não se dizendo por onde tor-

nou, deve ter sido, sinão pelo Cricaré, ao menos por algum dos rios concorrentes; infelizmente para a hypothese, desta vez elle descobriu as pedras verdes. Portanto a identificação é impossivel.

Antes de saber qual das duas entradas de Sebastião Fernandes Tourinho foi a primeira, conviria talvez discutir a affirmativa de Varnhagen, que reduz as duas entradas a uma só. Apesar de seu grande peso, esta affirmativa não importa ao caso: em primeiro lugar, porque o autor não a fundamenta e póde ser antes um descuido que uma convicção; em segundo lugar, porque o exame do texto de Gabriel Soares, unico documento de que elle e nós dispomos, torna bem claro que é impossivel reduzir a viagem que só teve por theatro a bacia do rio Doce á que se estendeu até o Rio de Janeiro.

Qual teria, pois, sido a primeira das duas expedições?

Note-se o seguinte: em uma, Tourinho anda á ventura pelo sertão, sem saber onde se acha, até chegar á serra dos Orgãos que não procurava, tanto que apenas a avistou, immediatamente se retirou para o Norte; em outra, elle não sae da bacia do rio Doce: penetra um pouco para o Sul e para Oéste, mas depois torna de novo ao rio, passa a sua margem esquerda, circumscrevendo o seu campo de acção.

Não é evidente que em um caso se trata de uma viagem empreendida sobre informações vagas, por quem não adquirira ainda a experiencia do sertão, ou não entendera as explicações pouco precisas de seus guias; em outro, por quem já adquirira experiencia e

sentira limitado o campo de exploração? A viagem do Jequitinhonha deve, pois, ter sido a primeira.

Circumstancia notavel da narrativa de Gabriel Soares, é que de uma viagem elle diz por onde voltaram, de outra diz apenas por onde partiram. Talvez que as seguintes considerações suppram até certo ponto esta lacuna.

Na primeira viagem foi ponto de partida para Tourinho a capitania de Porto Seguro, donde já o tinham precedido Espinhosa e Carvalho. E' muito natural pois que o caminho preferido fosse o Jequitinhonha.

Si Tourinho o tivesse seguido fielmente como era costume, não se teria perdido, porque não ha fio de Ariadne comparavel a um rio; por conseguinte a sua marcha á ventura deixa concluir que elle se apartou deste caminho natural, talvez nas zonas em que as caixoeiras amiudadas tornavam difficil a navegação. Dahi elle foi marchando talvez á procura do rio São Francisco, cuja bacia percorreu por grande espaço para o Sul até chegar a algum affluente do Parahiba, nascido da Mantiqueira, que o levasse á vista da serra dos Orgãos.

Póde-se, portanto, caracterizar esta viagem como a mais occidental.

A admittir-se a suggestão aqui apresentada, comprehende-se o motivo por que Sebastião Tourinho escolheu na segunda viagem o rio Doce por ponto de partida. Não devia ser agradavel para quem gosava da fama de saber muito bem marcar a altura do sol, andar largos mezes pelo sertão, não achar as pedras a

cuja procura entrara, transviar-se até chegar ao Rio de Janeiro, e depois de tantos esforços conseguir apenas voltar por um affluente ao mesmo rio por que subira.

Quanto á segunda viagem, conhece-se a ida; a volta pode-se até certo ponto calcular. Sabemos que o rio Aceci (Suaçuhi) ficava na margem esquerda do Doce, que já deviam ser familiares a Tourinho as cercanias do Araçuahi que lhe ficavam proximas; que a serra das Esmeraldas é um dos bracejos da dos Aimorés; que Tourinho encontrou as esmeraldas. Portanto o seu roteiro deve ter sido por qualquer dos rios que manam dahi. Qual? não é possivel dizer com precisão; mas o facto d'elle ter indicado o rio das Caravelas a Antonio Dias Adorno como o melhor ponto de penetrar no local das pedras verdes, o facto de Antonio Dias Adorno havê-las descoberto novamente, inclinam a crer que o rio preferido não ficava muito longe deste.

DOCUMENTOS HISTORICOS

I


CARTA DO P. JOÃO DE ASPILCUETA

(Ultima na collecção de 1555)

A graça e o amor de N. S. J. C. seja sempre em nossas almas.

Carissimos irmãos. Passa de anno e meio que por mandado de nosso P. Manuel da Nobrega ando em companhia de dose homens christãos, que por mandado do Capitão entrarão pola terra dentro a descubrir se havia alguma nação de mais qualidade, ou se havia na terra coisa porque viessem mais christãos a povoal-a, o que summamente importa para a conversão destes gentios. Esta não he senão para lhes dar conta como depois do tempo que disse voltei com todos os doze companheiros, pela graça do Senhor, salvos e em paz que era o para que o padre me enviara com elles.

Dar-lhes conta do caminho em particular, seria nunca acabar: mas como sei que com isso lhes vou dar consolação, direi em geral alguma coisa do que passamos e vimos. Saberão, irmãos carissimos, que entrámos pola terra dentro 350 leguas, sempre por caminhos pouco descubertos, por serras mui fragosas que não teem conto, e tantos rios que em partes no espaço de quatro ou cinco leguas passamos cincoenta vezes contadas por agua, e muitas vezes se me não soccorreram me houvera afogado.



Mais de tres mezes fomos por terras mui humidas e frias por cousa das muitas arvores mui grossas e altas, de folha que sempre está verde. Chovia muitas vezes; e muitas noites dormiamos molhados, especialmente em logares despovoados; assi todos em cuja companhia eu ia, estiveram quasi á morte de enfermidades, uns nas aldeas, outros em despovoados, e sem ter outra medicina que sangrar-se de pé, forçando a necessidade a caminhar; e sem ter outro mantimento as mais das vezes que farinha e agua não perigou nenhum; porque nos soccoreu N. S. com sua misericordia, livrando-nos tambem de muitos perigos de indios contrarios que algumas vezes determinaram matar-nos; principalmente em uma aldea grande onde estavam seus feiticeiros fazendo feitiçarias, aos quaes, porque andam de uma parte para outra, fazem os indios grandes recebimentos, concertando os caminhos por onde hão de vir e fazendo grandes festas de comer e beber.

Estava pois nesta aldea muita gente de outras aldeas que era vinda ás festas dos feiticeiros: logo que nos chegamos houve entre elles algum alboroto; mas um indio principal que ia connosco mui bom homem, começou a fazer-lhes uma pratica a seu modo, com que socegaram. Apesar disso não quizemos ahi demorarmos mais que aquella noite que foi para mim mui triste e mui comprida; porque vi cousas que fiquei espantado. — No meio de uma praça tinham feito uma casa grande, e nella outra mui pequena, na qual tinham uma cabaça figurada como cabeça humana mui ataviada a seu modo, e disiam que era o seu santo, e lhe chamavam “Amabozarai”, que quer dizer pessoa que dança e folga, que tinha a virtude de fazer que os velhos se tornassem moços. Os Indios andavam pintados com tinta, ainda nos rostos, e emplumados de pennas de diversas cores, bailando, e fazendo muitos

gestos, torcendo as bocas e dando uivos como perros: cada um trazia na mão uma cabaça⁽¹⁾ pintada, dizendo que aquelles eram os seus sanctos, os quaes mandavam aos Indios que não trabalhassem por que os mantimentos nasceriam por si, e que as frechas iriam ao campo matar a caça; estas e outras muitas coisãs que eram para chorar muitas lagrimas vi. No outro dia nos fomos e passamos muitos despovoados especialmente um de vinte e tres jôrnadas por entre os Indios que chamam Tapuyas, que é uma geração de Indios bestial e feros; porque andam pelos bosques, como manadas de veados, nús; com os cabellos compridos como mulheres: a sua fala é mui barbara e elles mui carniceiros: trazem frechas ervadas e dão cabo de um homem num momento. Para passar por entre elles juntamos muitos dos que estão em paz connosco, e passamos com espias adiante com grande perigo. Um Indio que vinha connosco, e era para muito, passou adiante um tiro de bésta dos brancos, e de subito veio uma manada dos Tapuyas, que despedaçando-o, o levaram em quartos, e com este receio nem os brancos, nem os Indios ousaram d'então por diante apartar-se do caminho, pelo qual soffreram muita necessidade ate de agua. Os dias aqui eram calorosos e as noites frias, as quaes passavamos sem mais cobertura que a do ceu. Neste ermo passámos uma serra mui grande, que corre do norte para o meio dia e nella achamos rochas mui altas de pedra marmore. Desta serra nascem muitos rios caudaes: dois delles passamos que vão sahir ao mar entre Porto Seguro e Ilheos; chama-se

(1) Fizeram uma cabana seguindo o seu costume, onde puzeram uma cabaça feita a modo de rosto humano ataviada de pennãs; aos feitiçeiros que isto fazem chamam "Pagés" etc. Anchieta, *ibi*. Era o "maracá". — (Nota de Varnhagen).

um Rio Grande, e o outro Rio das Orinas. Daqui fomos dar com uma nação de gentios que se chama "Cathiguçú". Dahi partimos e fomos ate um rio mui caudal, por nome "Pará", que segundo os Indios nos informaram é o rio de S. Francisco e é mui largo. Da parte donde estavamos são os Indios que deixei; da outra se chamam Tamoyos, inimigos delles; e por todas as outras partes Tapuyas.

Vendo-nos, pois, neste aperto, pareceu a todos que ordenassemos barcos em que fossemos pelo rio; e assim começou cada um a fazer o que entendia porque não tinhamos carpinteiros; e assim nos assentamos em uma aldea junto da qual passa um rio por nome "Monayl", que vai dar no outro, e isto para não sermos sentidos dos contrarios que estariam dahi tres legoas. Fizemos logo uma cruz grande e a pozemos na entrada da aldea, e junto della fizemos uma hermidã onde fazia praticas de N. Sor. aos companheiros, e com licença de todos comecei a ir pelas aldeas, e logo na terceira onde fui achei as suas miseraveis festas, pois tinham na praça uma menina pequena atada com umas cordas para a matar, ao que se havia juntado muita gente das outras aldeas; cheguei-me a ella, falei-lhe na lingua dos nossos Indios, mas não me entendeu porque era filha de Tapuyas, que são os salvagens de que atraz disse. Aqui vi cerimonias que nunca tinha visto neste acto de matar. Daqui fui bastante triste para outras aldeas, onde tambem lhe disse cousas de N. Sor.; e folgavam de as ouvir, mas logo se esquecem, mudando o sentido nos seus vinhos e guerras. Tornei-me aos christãos baptizando alguns meninos que acertaram de morrer. Em uma aldea destas achei uma coisa como pez, que cae de umas arvores que estão nos campos, e estillando assi pela arvore, como pelas folhas faz uma pasta dura na terra: levei uma

porção para os barcos e quando cheguei achei dois quasi acabados; e os companheiros enviaram por mais pez para calafetar estes dois barcos que estavam quasi feitos; corremos mui grão perigo, porque os Indios que estão de outra banda do Rio souberam de nós, e passaram a nos impedir a viagem; e foi o perigo tão grande que me metti na hermidia e me puz diante de um Crucifixo que levava comigo. Foi N. Sor. servido que ainda que alguns foram maltratados nenhum perigou, e eu os curava com mel silvestre e os Indios foram maltratados; pelo que nos embarcamos com muito cuidado, e fomos pelo rio abaixo; mas não podemos continuar a navegação e assi foi necessario tomar conselho de novo acerca de nosso caminho por ser toda a terra povoada em derredor de diversissimas gerações de Indios muy barbaros e crueis. As terras que cercam este rio em trinta leguas ou mais são mui planas e fermosas; parece-me que nascerá nellas bem quanto lhes plantarem ou semezarem; porque do mantimento que usam os Indios e de diversas fructas ha grandissima copia; o pescado não tem conto, assi neste rio como noutros mais pequenos, e em lagoas. Quando os Indios tem delle necessidade juntam-se os de uma aldea ou de duas e vão embebedal-o; e assi tomam tanto que vem depois a feder-lhes em casa: e desta maneira tem pouca necessidade de anzóes, e principalmente no Rio Grande nunca pescam com elles se não são de ferro e de grandes cadeas de um palmo ou dois; porque ha um peixe que se chama "Piray", que corta um ausol com os dentes como com uma navalha, o que vi com meus olhos, pois de outra maneira apenas o crêra. Sahidos do Rio fizemos nosso caminho por terra voltando-nos. Achamos na terra que andamos que communmente não tem superior, o que é causa de todos os males: tem tal lei entre si que recebendo o menor delles

uma injuria dos christãos, se juntam todos a vingal-a. São pobrissimos; nem tem coisa propria, nem particular, antes comem em commum o que cada dia pescam ou caçam. Se mostram algum amor aos christãos é por cobiça que tem das suas coisas, e é tanta que quando não lhes veem outra cousa lhes tiram os vestidos, e depois lhes dão de comer com a condição de que arranquem as pestanas e barbas como elles, e vão pescar juntos. Os tempos são mui temperados, fóra de alguns annos seccos. Ha muita caça assi de animaes, como de aves: ha uns animaes que se chamam Antas pouco menores que mulas, e parecem-se com ellas senão que tem os pés como de boi. Tambem ha muitos porcos montezez e outros animaes que tem uma capa por cima á maneira de cavallo armado; ha rapozas, lebres e coelhos, como nessa terra. Ha muitas castas de macacos: entre os quaes uns pardos com barbas como homens: ha veados, gatos montezez, onças, tigres e muitas cobras, entre as quaes ha umas que tem no rabo uma coisa á maneira de cascavel, e tambem soa; e quando topam alguma pessoa bolem e fazem soido com elle, e se acerta de se não apartar morde, e poucos escapam dos mordidos que não morrem. Ha umas aves que são como perdizes, outras como faisões, com outras muitas diversidades, tambem vi em poder d'Indios dois abestruzes. O fructo solido desta terra parece que será quando se for povoando de christãos. Ds. N. Sor. por sua misericordia tire estes miseraveis das abominações em que estão, e a nós outros dê sua graça, para que sempre façamos sua santa vontade. De Porto Seguro, dia de S. João. Anno de 1555.

(Copia extrahida das Notas e Provas do 1.º Tomo, 1.ª Edição, da obra "Historia Geral do Brasil" — por Varnhagen, paginas 460-462.)

II

COPIA. — CARTA DE MERCE, QUE O SNR. GOVOR. MEN DE SÁ FES A VASCO ROIZ DE CALDAS E A 100 HOMENS QUE VÃO COM ELLE A DESCOBRIR MINAS.

Men de Sá do Conselho d'El Rey Nosso Senhor Capitão da Cide. do Salvador, e Governador Gl. em todas as Capitánias, e terras de toda esta Costa do Brazil pelo d°. Snr. &. Faço saber, que por eu ser informado e saber de certo, que El Rey Nosso Senhor, que está em gloria mandára a Tome de Souza do Meu Conselho digo de seu Conselho Capitão que foi da da. Cide, e Govor. das ds. terras do Brazil, e lhe escrevera por vezes, que devia de mandar alguns homens pelo Certão dentro a descobrir algumas minas, e saber se havia ahy ouro, ou prata, ou alguns outros metaes, o que elle practicara por vezes com algumas pessoas, que lhe parecia, que deste negocio podiam entender, e lhe dar alguma informação; e por ser certo que nenhuma daquellas pessoas, que naquelle tempo moravam nestas Partes, e Capitánias do Brazil, podiam fazer melhor este negocio, que Francisco Bruza de Espinhoza Castelhana, por ser grande Lingua, e homem de bem, e de verdade, e de bons espiritos, falara e se concertara com elle para ir descobrir as ditas Minas, e neste tempo succedeo ir-se para o Reino, e veio D. Duarte da Costa por Capitão da da. Cide., e Govor. Gl. destas Partes do Brazil, o qual outrosim por esta cauza mandara ao d°. Frac°. Bruza de Espinhoza com doze homens para terra dentro, o qual achara muitas informações boas de haver entre o gentio ouro, e prata, e por ser a gente pouca não fora mais pela terra a dentro, que duzentas e tantas Legoas, e a não acabaram de descobrir: E hora Vasco Roiz de Caldas morador na da.

Cide. do Salvador por fazer serviço a S. A. se offereceu a ir com cem homens, e algum gentio pela terra a dentro a descobrir as ditas minas, e saber, se havia nellas ouro, ou prata, ou alguns outros metaes, tudo a sua custa, e dos seus companheiros, e por elle ser homem, que tem muitas qualides., e assim de esforço de sua pessoa, como de muita experiencia com o gentio por haver muitos annos, que os tracta na Paz, e na Guerra, como fes em muitas guerras, que o mandei por Capitão, nas quaes depois de Deos, por sua industria, e valentia houve muitas victorias; e por me parecer, que dará boa conta de tudo o que lhe fôr encarregado, me concertei com elle para que fosse com os ditos cem homens pela terra dentro a descobrir as ditas minas; e por elle Vasco Roiz de Caldas, e os ditos seus cem companheiros irem a este negocio a sua propria custa, sem interesse, nem premio algum de S. A., e me pedirem, que o ouro, ou prata, aljofar, pedras preciosas, e quaesquer outros metaes que ora vão descobrir fosse o que trouxessem em soldo para elles, e para seus filhos, herdros., ou para quem os elles quizessem dar, e deixar; e visto, o seu pedir lhes concedo em Nome de S. A. o que assim trouxerem de ouro, ou prata, ou das outras cousas acima ditas para elles, e para seus herdeiros; ou para com quem os elles quizessem dar, e deixar, sem das ditas couzas que assim trouxerem, nem de nenhua dellas pagarem Dizimos, Siza, quarto, quinto, nem outro Nenhú Dirtº. por qualquer outro Nome, que seja chamado, nomeado, posto que nos Reinos de Portugal, e nestas Partes do Brazil pelas Ordenaçoens e costumes delles, sejam obrigados a pagar quaesquer Direitos; porquanto hey por livre e desembargado o dº. Vasco Roiz de Caldas e aos ditos seus companheiros dos dos. Direitos, os quaes cem homens serão os que se acharem escriptos por seus

proprios Nomes, sobrenomes, e alcunhas e misteres de que uzam, por hum auto, que disse mandei fazer, que ficara em poder do Provedor mor de S. A.; e o dito Vasco Roiz de Caldas, e os seus cem companheiros, quando com a ajuda de Nosso Senhor forem a descobrir as ditas minas, serão obrigados a mostrar tudo o que trouxerem assim ouro, como prata, ou, quaesquer outras couzas de qualqr. qualidade, que forê ao Capm. e Officiaes da Fazenda do d.º Sñr., da Capitania onde primeiro chegarem; porque não irão primeiro a nenhua outra parte que a cada hua das Capitancias desta Costa do Brazil do d.º Sñr, e servirão onde eu ou o Governador destas Partes estiver; e assim entregarão aos Offes., o roteiro, que são obrigados a fazer, segundo forma do seu Regimento, e cúprindo tudo isto da maneira que dito he, e este meu Alvará se cumprirá, e além disto S. A. lhes fará as mercez e honras, segundo o negocio lhes succedêr, e segundo elle Vasco Roiz de Caldas, e seus companheiros a fizerem, e este Alvará se registará no L.º de S. A. nesta Capitania da Ba. do Salvador, a qual concessão, e Alvará, lhe fiz, por ver outras semelhantes Provizoes passadas ao dito Francisco Bruza de Espinhoza pelo dito D. Duarte da Costa, e nella referir assim, e lha ter passado Thomé de Souza sendo Governador hoje 24 dias de Dezbr.º. Vicente Monteiro a fez de 1560 annos.

O traslado da qual Provizão eu Manoel de Oliva Escrivão aqui registei e vai na verdade.

(Copia extrahida a 16 de Setembro de 1901, da "*Copia do Livro 1.º do Registo de Provimientos Seculares e Ecdlesiasticos da Cidade da Bahia e Terras do Brazil feita por determinação do Illmo. e Exmo. Senhor D. Fernando José de Portugal, Governor. e Capm. General da Capitania da Bahia. Anno de 1800*" (fls. 186 e 187), existente na Secção dos Manuscritos da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro.)

III

TRECHOS DE UMA CARTA DO PADRE ANTONIO BLASQUEZ
(DE ALGUMAS COUSAS QUE IAM EM A NAU QUE SE
PERDEU DO BISPO, PARA NOSSO PADRE IGNACIO)

Quasi em este tempo chegou o Padre Navarro de Porto Seguro, com cuja vinda nos allegrámos *in Domino*, assim por haver mais de doze annos que não n'ó viramos, como por nos constar muitos trabalhos que, por amor do Senhor e do proximo, tinha padecido, dos quaes não farei menção porque elle os tem já escripto; sómente direi o que aconteceu depois de sua chegada, que foi a maneira que se teve em que estes gentios denta Bahia não comessem carne humana. Desejando nossos padres que se tirasse este bestial costume, muitas vezes accommetteram alguns dizendo-lhe que, pois o Senhor lhe tinha dado victoria contra estes gentios, seria bem que os obrigasse a que não comesse carne humana, allegando-lhe muitas razões, *scilicet*, como agora a terra estava disposta para se fazer algum fructo, e os indios com o medo sujeitos e obedientes para cumprir quantas leis lhe puzessem. Determinou-se o Governador de pôr a mão em este negocio, d'onde tanta honra resultava ao Senhor, e assim mandou um grande lingua que se chama Espinhoso, homem que entre elles tem grande auctoridade, a que tentasse estes gentios, e visse se por temor se podia acabar com elles a que deixassem tão abominavel costume.

.

“Todo este tempo até que amanheceu, lhes pregou o Padre Navarro a cada um por si, e João Gon-

çalves, fazendo o mesmo com Balthazer, e Espinhoso por sua parte tambem trabalhava e ajudava. . .”

(Extr. da Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., vol. 49, parte 1.ª, pags. 7-8, 12.)

IV

EXTRAHIDO DO CAP. 9.º DO “TRATADO DA TERRA DO BRASIL”, DE PERO DE MAGALHÃES GANDAVO

A esta Capitania de Porto Seguro chegarão certos indios do Sertão a dar novas de umas pedras verdes, que havia numa serra muitas legoas para terra dentro e trazião algumas dellas por amostra, as quaes eram esmeraldas, mas não de muito preço. E os mesmos indios dizião que daquellas havia muitas, e que esta serra era mui fermosa e resplandescente. Tanto que os moradores desta Capitania disto forão certificados, fizeram-se prestes cincoenta ou sessenta Portuguezes com alguns Indios da terra e partirão pelo Sertão dentro, com determinação de chegar a esta serra onde estas pedras estavam. Ia por capitão desta gente hum Martim Carvalho, que agora he morador da Bahia de todos os Santos; entrarão pela terra algumas duzentas e vinte legoas, onde as mais das serras que acharão e virão erão de mui fino cristal, e toda a terra em si mui fragosa, e outras muitas serras de huma terra azulada, nas quaes affirmarão haver muito ouro, porque indo elles por entre duas serras, desta maneira forão dar num ribeirão que pelo pé de uma dellas descia, na qual acharão entre a areia, uns grãos miudos amarellos, os quaes alguns homens apalparão com os dentes, e acharão-nos brandos, mas não se desfazião. Finalmente que todos assentarão ser aquillo ouro nem podia ser outro metal, pois o mesmo ouro nasce desta

maneira nas partes onde o ha. Apanharão destes grãos entre a areia do ribeirão quantidade de um punhado, os quaes acharam muito pesados, que tambem era prova de ser ouro, deste não fizeram mais experiencia por ser aquillo no deserto e haver muitos dias que padecião grande fome nem comião outra cousa senão somente de hervas, e alguma cobra que matavão; passarão adiante determinando a vinda por ali apercebidos de mantimentos, para buscar a serra mais devagar, donde aquelle ouro descia ao ribeirão. Acharão pelos matos muita canafistola, e por este caminho acharão muitos metaes que não conhecerão, nem podião esperar pelas guerras dos indios que se lavantavão contra elles. Alguns indios lhes derão noticias, segundo a menção que fazião, que podião estar cem legoas das pedras verdes que ião buscar, e que não havia muito dali ao Perú, finalmente que com os imigos que recrescião e pela gente que adoecia tornarão-se outra vez em almadias por hum rio que se chama Cricaré, onde se perdeu numa cachoeira a canoa em que vinhão os grãos douro que trazião pera amostra. Nesta viagem gastarão oito mezes, e assi desbaratados chegarão a esta Capitania de Porto Seguro.

V

CAPITULO XIV DA "HISTORIA DA PROVINCIA SÃTA CRUZ", POR PERO DE MAGALHÃES GANDAVO

Das grandes riquezas que se esperam da terra do sertam

Esta provincia — Santa Cruz, alem de ser tam fertil como digo, e abastada de todos os mantimentos necessarios pera a vida do homem, he certo ser tam-

bem mui rica, e aver nela muito ouro e pedraria, de que se tem grandes esperanças.

E a maneira de como isto se veio a denunciar e ter por cousa averiguada, foi por via dos Indios da terra. Os quaes como nam tenham fazendas que os detenham em suas patrias, e seu intento nam seja outro senão buscar sempre terras novas, afim de lhes parecer que achárão nellas immortalidade e descanso perpetuo, aconteceu levantarem-se huns poucos de suas terras, e meterem-se pelo sertam dentro: onde depois de terem entrado algumas jornadas, forão dar com outros Indios seus contrarios, e ali tiveram com elles grande guerra. E por serem muitos a lhes darem nas costas, nam se puderam tornar outra vez as suas terras: por onde lhes foi forçado entrar pela terra dentro muitas legoas. E pelo trabalho e má vida que neste caminho passárão morrerão muitos delles: e os que escaparão forão dar em humã terra onde avia algumas povoações mui grãdes e de muitos vezinhos, os quaes possuem tanta riqueza, que afirmárão aver ruas mui compridas entre elles, nas quaes se nam fazia outra cousa se nam lavrar peças douro e pedrarias. Aqui se detivérão alguns dias com estes moradores: os quaes vendo-lhes algumas ferramentas que elles levavão consigo, perguntaran-lhes de quem as avião ou porque meynos lhes vinhão ter ás mãos. Responderão-lhes que huma certa gente habitava ao longo da costa do banda do Oriente, que tinha barba e outro parecer differente, de que as alcançavão que sam os Portugueses. Os mesmos sinaes lhes derão estoutros dos Castelhanos do Perú, dizendo-lhes, que tambem de outra banda tinham noticia aver gente semelhante, então lhes derão certas rodellas todas chapadas douro, e esmaltadas de esmeraldas: e lhes pediram que as levassem pera que se acaso fossem ter com elles a suas terras, lhes dices-

sem, que se a troco daquellas peças e outras semelhantes lhes querião levar ferramentas e ter communicação com elles, o fizessem que estavam prestes pera os receberem com muito boa vontade.

Depois disto partirão-se dahi e forão dar em um rio das Amazonas, onde se embarcarão em algumas canoas que fizeram: e a cabo de terem navegado por elle acima dois annos, chegarão a provincia do Quito, terra do Perú, povoada de Castelhanos. Os quaes vendo esta nova gente, espantarão-se muito, e nam sabião determinar donde erão, nem a que vinhão.

Mas logo foram conhecidos por gentios da provincia de Sancta Cruz de alguns Portugueses que entam na mesma tera se acharão. E perguntado por elles a causa da sua vinda contarão-lhes o caso meudamente fazendo-os sabedores de tudo o que lhes avia succedido. E isto veio-nos á noticia, assi por via dos Castelhanos do Perú, onde estas rodellas forão vendidas por grande preço, como pela dos mesmos Portugueses que lá estavam quando isto aconteceu; com os quaes falarão alguns homens deste Reino, pessoas de autoridade e dignas de credito, que testificação ouvirem-lhes afirmar tudo isto por extenso da maneira que digo. E sabe-se de certo que está toda esta riqueza nas terras da conquista del Rey de Portugal, e mais perto sem comparaçam das povoações dos Portugueses que dos Castelhanos. Isto se mostra claramente no pouco tempo que puseram estes Indios em chegar a ella, e no muito que despenderão em passarem dahi aõ Perú, que foram dois annos, como já disse.

Alem da certeza que por esta via temos, ha outros muitos Indios na terra, que tambem affirmão aver no sertam muito ouro: os quaes posto que sam gente de pouca fee e verdade, dá-se-lhes credito nesta parte, porque acerca disto os mais delles são contestes, e

falam em diversas partes por huma boca. Principalmente he publica fama entre elles, que ha huma lagoa mui grande no interior da terra, donde procede o rio de Sam Francisco, de que já tratei⁽²⁾: dentro da qual dizem haver algumas ilhas, e nellas edificadas muitas povoações, e outras arredor dellas mui grandes, onde tambem ha muito ouro, e mais quantidade (segundo se afirma) que em nenhuma outra parte desta Provincia. Tambem pela terra dentro nam muito longe do rio da Prata descobrirão os Castelhanos uma mina de metal, da qual se tem levado ouro ao Perú, e de cada quintal delle dizem que se tirou quinhentos e setenta cruzados, e de ouro trezentos e tantos: o demais que della se tira he cobre infinito.

Tambem descobrirão outras minas de humas certas pedras brancas e verdes, e de outras cores diversas: as quaes sam todas de cinco seis quinas cada huma á maneira de diamantes, e tambem lavradas da natureza, como se per industria humana o fôra.

(2) Outro mui notavel sae pela banda do Oriente ao mesmo Oceano, a que chamão de Sam Francisco: cuja boca está em dez graos e hum terço, e será meya legoa de largo. Este rio entra tam soberbo no mar e com tanta furia, que nam chega a maré á boca, somente faz algum tanto represar suas agoas, e dahi tres legoas ao mar se acha agoa doce. Corre da boca do Sul para o Norte: dentro he muito fundo e limpo, e pode-se navegar por elle até sessenta legoas como já se navegou. E dahi por diante se nam pode navegar por respeito de huma cachoeira mui grande que ha neste passo onde cae o peso da agoa de mui alto. E acima desta cachoeira se mete o mesmo rio debaixo da terra e vem sahir dahi huma legoa: e quando ha cheias arrebenta por cima e arrasa toda a terra. Este rio procede de hum lago mui grande que está no intimo da terra, onde afirmão que ha muitas povoações, cujos moradores (segundo fama) possuem grandes averes de ouro, e pedraria.

(Extr. do Cap. II da *Historia da Provincia Sãta Cruz*).

Estas pedras nascem em hum vaso como coquo, o qual he todo oco com mais de quatrocentas pedras arredor, todas enxeridas na pedreira com as pontas pera fora. Alguns destes pedernaes se achão ainda imperfeitos, porque dizem que quando sam de vez, que por si arrebentam, com tanto estrondo, como se disparasem hum exercito de arcabuzes: e assi acharão muitas, que com a furia (segundo dizem) se metem pela terra hum e dois estadios. Do preço dellas nam trato aqui, porque ao presente o nam pude saber: mas sei que assi destas como doutras ha nesta provincia muitas e mui finas, e muitos metaes, donde se pode conseguir infinita riqueza, a qual permittirá Deos, que ainda em nossos dias se descubra toda pera que com ella se augmente muito a Corôa destes Reinos: aos quaes desta maneira esperamos (mediante o favor divino) ver muito cedo postas em feliz e prospero estado, que mais se nam possa desejar.

SCHEMA DAS BANDEIRAS

Schema de Capistrano de Abreu, revelado por Paulo Prado, no
"Retrato do Brasil", 1928, (pgs. 67-68, nota 1).

SCHEMA DAS BANDEIRAS

- (a) Bandeiras paulistas, ligando o Paraná ao Paraguai, e pelo Guaporé, Madeira, Tapajoz e Tocantins attingindo o Amazonas (o Xingú, pelas más condições de navegabilidade, nunca foi frequentado); bandeiras paulistas, ligando o Parahiba ao S. Francisco, ao Parnahiba e Itapicurú até o Piauí e Maranhão por um lado; ligando o S. Francisco, o Doce, o Parahibuna, ao Parahiba do Sul, galgando a serra dos Orgãos, para terminar na Guanabara; bandeiras paulistas, entre a serra do Mar e o Paraná, todas ellas atravessando o Uruguai para o Rio Grande do Sul;
- (b) Bandeiras Bahianas, ligando o S. Francisco ao Parnahiba e chegando ao Maranhão pelo Itapicurú; bandeiras bahianas, ligando o S. Francisco ao Tocantins; bandeiras bahianas, que indo do Serro e Minas Novas, procuravam o Rio pelo caminho da terra do ouro;
- (c) Bandeiras pernambucanas entre o Capibaribe e a serra de Ibiapaba, muito menos im-

portantes que as duas anteriores, traçadas a menor distancia do litoral, pelo sertão “de fóra”, recebendo muita gente directamente do litoral, subindo os rios que nelle desembocam;

- (d) Bandeiras maranhenses, de pouco alcance, ligando o Itapicurú ao Parnahiba e S. Francisco, e o Parnahiba ás terras aquem de Ibiapaba;
- (e) Bandeiras amazonicas, que pelo Madeira se ligaram ás de São Paulo; alcançaram os limites do Javari e occuparam a Guiana.

A BANDEIRA DE FRANCISCO DE MELLO
PALHETA AO MADEIRA
E O
DOCUMENTO DA NARRAÇÃO DA
VIAGEM

Publicação feita nos ns. 19 e 20, anno I, de 11 de Outubro e 24 de Novembro de 1884, da *Gazeta Litteraria* (Rio de Janeiro), em que pela primeira vez foi impresso o documento da narração da viagem de Palheta ao rio da Madeira.

A BANDEIRA DE FRANCISCO DE MELLO
PALHETA AO MADEIRA EM 1722/23,
SEGUNDO UM DOS SEUS COM-
PANHEIROS

A bandeira de Palheta ao Madeira, embora noticiada por muitos escriptores, não era conhecida em suas particularidades. Dahi a importancia do seguinte documento que não consta haver sido publicado.

Figurou elle na Exposição de Historia e Geographia do Brasil sob n.º 19621. Faz parte de uma collecção de manuscritos offerecidos á Bibliotheca Nacional pelo Sr. João Ribeiro Martins, e foi copiado do tomo I dos *Papeis varios* existentes no armario de mss. da Torre do Tombo. Traz o seguinte titulo: *Narração da viagem e descobrimento que fez o sargento mór Francisco de Mello Palheta no Rio da Madeira e suas vertentes... desde 11 de Novembro de 1722 thé 12 de Setembro de 1723.*

Quem o escreveu não o declara a cópia, e não é facil concluir do contexto. E', porém, evidente que era pessoa de poucas habilitações literarias, pois são muitos os erros e a orthographia é extraordinariamente caprichosa. Não era esta a primeira expedição em que tomára parte: estivera no rio Tapajoz e provavelmente no Cuiabá, cujas minas já descobrira Paschoal Moreira Cabral com seus companheiros.

Fôra para desejar que se achassem outros documentos sobre esta e outras bandeiras de Palheta, que tornem afinal possível escrever a biographia do introductor do café no Brasil. Este é o material para um capitulo.

C. DE A.

* * *

“Partiu a tropa da cidade de Belém, praça do Grão Pará, a 11 de Novembro, em que veiu o mesmo general despedir ao sargento mór e Cabo, acompanhado da nobreza da terra: e já despedidos, demos uma sálva geral, e emproando as proas ao Norte que seguíamos Leste-oeste, nos fomos despedir de Nossa Senhora do Monte do Carmo, a quem nos encommendamos e a tomamos por estrella e nossa advogada, para com seu patrocínio vencermos este impossivel e um descobrimento de todos tão desejado.

A continuar nossa derrota se seguia a galera *Santa Eufrozina e São Ignacio*, em que vai o Cabo, que esta é a nossa capitaina; seguia-se-lhe a galeota do Padre Capellão com a invocação de *Sancta Ritta e Almas*, e a esta a canoa *São Joseph e Almas*, que serve de armazem em que vai o maior computo de soldados; a esta se seguia a galeota *Menino Deus*, em que vai o sargento com a mais infantaria, e por ultimo a galeota *Sancta Rosa*, em que vai o capitão de infantaria da mesma tropa servindo de almirante.

Fomos buscando o rio Mojú, e seguindo por elle a nossa jornada até o estreito do Iguarapé merim, que desemboca no rio dos Tocantins, onde está fundada a villa de Camutá, em dois graus ao sul; nesta dita villa estivemos tres dias, á espera da infantaria volante que d’ella nos acompanhou e levamos de guarnição; e d’aqui demos ordem a partir buscando o rumo que

havemos de seguir pelo grande rio das Amazonas, o qual é um dos maiores que nos mundo se tem descoberto, que corre de leste a oeste; e o seguimos até embocarmos pelo famoso rio da Madeira (ou rio Venes, como é chamado *Beni* pelos Hispanhoes das Indias de Hispanha no Reino do Perú), que nelle agora descobrimos, e corre este de norte a sul, pelo qual fizemos entrada a 2 de Fevereiro de 1723 e gastámos dias de boa marcha 17 até aonde nos aposentámos a fazer arraial em uma tapéra do gëntio Iumas, sitio admiravel em tudo, assim para a nossa segurança, como em o necessario, no qual mandou o Cabo se lhe puzesse por invocação Sancta Cruz de Iriumar, onde fizemos igreja, armazem, corpo da guarda e casas necessarias; aquí mandou o cabo repartir a infantaria em duas esquadras, d'onde actualmente havia uma sentinella que guardava munições e fazenda real e de noite uma ronda para rondar a sentinella, canoas e todo o arraial.

Depois de tudo acima disposto, ordenou o Cabo se fizessem seis galeotas para se poder nellas passar as cachoeiras; o que fez pela informação que teve se não podia fazer entrada com as grandes com que nos achavamos pela terribilidade das pedras.

Feitas as ditas galeotas as preparamos de todo o necessario e de quantidade de cabos para as puxarmos pelas cachoeiras; neste tempo se esperava já pelo soccorro da cidade, o qual chegou a 4 de Junho, e havia muito tempo que os miseraveis soldados, indios e inda o Cabo, depois das fructas do matto acabadas, comiam unicamente carne de lagartos, cameleões e capivaras, por não haver outro mantimento, pois não tinhamos outra cousa a que nos tornassemos.

Com o dito soccorro tambem veiu o reverendo padre mestre João de São Paio em sua galeota, e tanto que o Cabo se viu soccorrido de nosso excellentissimo General, tratou logo de se pôr a caminho, o que fez a

10 do dito mez de Junho com 10 canoas pequenas, que são as seis que se fizeram e quatro que tínhamos.

Antes de embarcar encarregou a Lourenço de Mello o govêrno do arraial encomendando-lhe muito a paz, união e conservação da gente que lhe deixava, assim soldados como indios, deixando-lhe as disposições por escripto firmado do seu nome.

Fomos seguindo nossa viagem por aquelle temerario e horrivel rio e o padre mestre João de São Paio nos accompanhou um dia de viagem, d'onde se despediu de nós tornando para a sua missão, e nós fomos seguindo nossa derrota até a ilha nova da Praia de Sancto Antonio, onde tivemos missa no dia do dito Sancto, razão porque assim o invocámos. Aqui mandou o Cabo tirar a somma da gente com que se submettia ao seguimento d'aquelle rio e de suas vertentes e achamos por conta 118 pessoas, 30 armas de fogo e 88 indios de frechar, e com este numero de gente proseguimos a viagem.

Chegámos ao rio Iamary com 10 dias de viagem, e continuando para cima aos 22 do mez chegámos a cachoeira chamada Maguary, e na passagem della se alagou Damaso Botelho em uma galeota, na qual perdeu o Cabo a sua capa, o que deu por bem empregado por ser em serviço de Sua Magestade, que Deus guarde.

D'aqui fomos á cachoeira chamada dos Iaguerites, aonde chegamos vespera de S. João e nella vimos sem encarecimento uma figura do Inferno; porque tendo eu visto grandes cachoeiras, como são as horri-veis e celebradas do rio dos Tapajoz todas e do rio dos Tocantins, a Itaboca e as mais que se seguem pelo rio de Araguaya e por elle até a cachoeira do Padre Raposo chamada Otitimbora, pois nenhuma eguala nem tem paridade a esta do rio da Madeira na sua gran-

deza e despenhadeiros de pedras e rochedos tão altos que nos pareceu impossivel a passagem, como na realidade, pois para a passarmos foi necessario fazer-se caminho cortando uma ponta de terra onde fizemos fachinas, sendo o Cabo o primeiro no trabalho e dar-nos exemplo, e fizemos uma boa grade de madeira por onde se puxaram as galeotas, no dito dia ainda se puxaram quatro supposto que com muita fadiga e já acabamos tarde, e no outro dia que foi o do nascimento de S. João, se puxaram as mais e se carregaram outra vez com farinhas e munições, que as fomos comboiar mais de meia legua de caminho por terra.

D'aqui continuámos nossa jornada passando cachoeiras umas atraz das outras e chegamos á quinta cachoeira, a que chamam Mamiu, que gastamos tres dias em passar nella as galeotas á corda, não havendo excepção de pessoa neste grande trabalho, e com tal perseguição de pragas de Piuns, que cada mordedura é uma sangria, e ficamos em uma ponta aonde foi julgada que humanamente se não podia passar; e passamos as galeotas a outra banda do rio para haver de melhor passar, e o Cabo mandou puxar a sua galeota por cima das lagens e as duas mais pequenas que servem de espia. e foi esperar pelas mais canoas á ilha chamada das Capivaras, e pela tardança deram bem cuidado ao Cabo até 9 horas da noite, que nos ajunctamos; e logo que amanheceu fomos seguindo nossa viagem á cachoeira chamada Apama vespera de São Pedro; e fazendo fachinas egualmente soldados e indios, rompemos as mattas pela terra a dentro dois quartos de legua, em que gastamos dois dias em fazer caminho e grade, rompendo a golpe de machado e alavancas grandes pedras e afastando outras aos nossos hombros com bem risco de vida.

Esta cachoeira assignalada dos Apamas é tão terrivel e tão monstruosa e horrivel, que aos mesmos na-

turaes de cachoeiras mette horror e faz desanimar, porque de continuo está no mais violento curso de sua desatada corrente, o que não encareço por não ser suspeito, porém deixo á consideração e representação dos experientes, pois por muito que dissera não dizia nem ainda a terça parte do que é, o que se póde perguntar egualmente assim ao Cabo e capitão como a todos os mais da companhia.

Aqui demos ordem a puxar as galeotas, e se puxaram tres a meio caminho, porque uma galeota botou o beque fora cercio, desfazendo a amura e as conchas que foi necessario pôr-se-lhes rodella, ao outro dia se puxaram as mais; e a 2 de Julho, depois das galeotas concertadas e breadas que se acabaram pelas 10 do dia, partimos e fomos seguindo a nossa jornada todo aquelle dia, se acharmos porto capaz até ás 8 da noite, porque este rio em si está a cahir toda a beirada continuamente e de tal sorte cahem pedaços de terra, que deixa uma enseada feita, e fomos dormir a uma ilha de pedras d'onde achamos boa ressaca para as galeotas se amarrarem seguras; e logo que amanheceu seguimos viagem ao porto dos Montes, onde disse o guia vira um caminho que descia ao porto que era do Gentio, que habitava naquelle logar, mas não se viu trilhas nem caminhos, por estar já deserto; neste dito porto fomos visitados de uma praga de abelhas, assim a quantidade das grandes, como a machina das pequenas tão espessas como nuvens, buscando-nos olhos, e ouvidos e bocca, e todos enguliram bastantes, porque si as enxotassemos das rações ficaríamos destituídos de toda a limitação que temos de farinha, que é tão limitada a medida em que se dá, que apenas é para dois bocados de bocca, e fechada cabe em uma mão toda; logo tambem o que vamos comendo, são cameloões e uns animaes a que chamam capivaras, e alguns por se

não atrever a estas poucas carnes comem só os ovos dos ditos lagartos. Peixe de nenhuma casta nem sorte se acha, que das pobres espingardas é que vamos passando a remediar a vida.

O Cabo que nos rege não dorme nem socega antecedendo o futuro e por isso é tão previsto e assim vamos com muita regra com a farinha; e tornando á nossa derrota fomos caminhando até á noite que aportamos na beirada de uma cachoeira e determinamos passal-a no seguinte dia.

Neste lugar deu parte o Principal Joseph Aranha ao Cabo haver visto uma mui grande aboiada, que affirmam todos os que a viram teria de comprimento pouco menos de 40 passos e de grossura julgaram ter 15 a 17 pés; grandes monstruosidades de animaes semelhantes tem este rio, porque com esta são duas que se tem visto nesta viagem, e outras maiores immundices se póde ver nelle, porque não ha duvida que estas vehemencias de pedras (nas concavidades que têm) muito mais póde criar.

E assim que amanheceu fomos seguindo nossa jornada até ser horas de parar e tomámos porto pelas 11 do dia.

Aos 7 do mez de Julho, indo gente a descobrir campo, viram trilha nova de gentio e logares frescos, o que logo deram a saber ao Cabo, que no mesmo instante mandou gente bastante para ter encontro a qualquer invasão, ordenando ao soldado Vicente Bocado os seguisse e os mandasse practicar para que viesse o principal á sua presença, declarando-lhe os não mandava fazer mortes ou amarrações nem outro genero de aggravo.

Haveria espaço de duas horas qua tinha partido o dito soldado, quando chegaram as mais galeotas da conserva, que de retarguarda vinham, mandou logo o

Cabo ao ajudante Manuel Freire com grosso poder, fazendo-lhe a mesma advertencia e que declarasse logo pazes com o dito gentio pelos meios mais suaves de dadas.

Partiu o ajudante a incorporar-se com o soldado Bicudo, e por ser já tarde dormiram no matto e depois que o dito ajudante partiu, ordenou mais o Cabo a Damaso Botelho engenhasse uma picada em fórma de trincheira, o que logo se fez com tres guaritas, em que ficamos seguros como já para ter encontro ao inimigo, e assim que amanheceu foi um soldado com dois indios nossos (de licença do Cabo) a buscar a vida, quando nas mesmas horas voltou a dar parte tinha ouvido rumor de gentio e chorar de criança, o que ouvido pelo nosso Cabo mandou logo ao Capitão fosse mandar praticar ao dito gentio, mas este, como nunca tinha visto brancos, se puzeram de fugida debaixo de suas armas, e despedido o Capitão para a diligencia, mandou o nosso Cabo guarnecer as guaritas, e os poucos Indios com que nos achavamos a defilada pela coartina, já para ter mão ao que pudesse succeder, mas tudo se acabou com a chegada do capitão apresentando por preza a um velho que no pé esquerdo não tinha dedos, tres Indias e tres crianças.

Chegou logo o ajudante com um lote de gente onde vinha o Principal, Indio moço e mui arrogante, e é certo que chegou com mui pouca vontade porque dizem se atracára com um Indio nosso, mas que vendo o nosso poder aplacára da furia, e assim solto o trouxeram á presença do nosso Cabo; acompanhava a este dito Principal, dois mocetões, seus filhos, de pouco mais que 15 a 12 annos e duas Indias, mães dos ditos e mulheres do Principal, com mais um rapaz e uma rapariga e todos faziam computo de treze cabeças.

Fez o Cabo o possível por um lingua para os mandar practicar, mas não se achou quem os entendesse, porque fallando o nossa lingua, batiam com as mãos nos ouvidos, mostrando ter sentimento de não ouvir a nossa practica, mas com grandiosos mimos e dadivas ficaram mui contentes e satisfeitos no que mostravam.

Aqui Nossa Senhora do Carmo, que não falta a seus devotos, espiritou ao lingua em fallar-lhes em lingua de outro gentio seus conhamenas, logo respondeu o Principal gentio com um agrado ao que lhe propunha o nosso lingua por cuja giria foi continuando a practica, e sobre e por razão da paz firme e valiosa que com elles pretendiamos fazer, e na mudança de vida para virem ao gremio da igreja, avassallando-se como os mais gentios fizeram, a que respondeu estava contente e certo nas clausulas e firmeza da paz, e dizendo ao Cabo que o esperasse que o queria vir visitar da sua provincia e trazer-lhe algumas cousas em reconhecimento do bom tracto e mimos que lhe havia dado, se queria recolher; ao que o Cabo respondeu mandando-lhe dizer que tudo agradecia e que se fosse em paz, que sua vonde era seguir para cima o rio, fazendo pazes e descobrimento, que não vinha fazer escravos, sinão amigavel paz com todos; e aquelles que lhe quizeram impedir sua jornada tomando armas para elle, que a este sim lhe declararia guerra.

Foi o Principal gentio em paz para a sua provincia, o qual na estatura e presença muito bem parecido e os enfeites que trazia era uma colleira de miudas contas de fructa do matto, muito negras, e o cabello atado atraz em molho e nelle um penacho, e por diante trazia o cabello cortado, de orelha a orelha, os beiços tintos de vermelho de uma casca de pau que mordida; as Indias cobriam o que a natureza occultar ensina

com uma franja de fio tecido, e cingiam no cinto uma enfiada de contas das ditas fructas do matto: era para ver como festejavam os nossos avellorios: é este genio muito pobre; as suas redes são de casca de pau aqui chamados embira.

Despedidos elles, ficamos de aposento até ao outro dia ao amanhecer, que fomos seguindo a viagem, e sendo por horas de vespuras chegamos á paragem em que o rio estava tapado com uma grande cachoeira e andamos buscando canal com excessivo trabalho. Começamos a passar a 9 de Julho e a 12 do dito é que sahimos della, e logo avistamos o apartamento do rio que vai ao Sul, para onde seguíamos a nossa jornada, deixando o famoso rio da Madeira a Oeste, entramos pelo dito a que os Hispanhoes chamam Mamuré, e neste mesmo dia passamos d'elle a primeira cachoeira.

Sendo pela manhã do dia seguinte depois de missa partimos a passar a dita temeridade da cachoeira, e posta a galeota do Cabo para ser a primeira na passagem, não foi possível, porque assim que fomos puchando por ella, para subir um degrau, que só teria seis palmos de altura, por ser muito direita a queda que fazia a' agua com a velocidade que despenha a furia da correnteza, logo sem mais tempo nem dar tempo se foi a pique largando toda a pobreza que levava dentro em si, sem dar tempo a que lhe pudéssemos acudir, porque inda que fossem as amarras do mais fino linho não poderiam ter mão a estas grandiosas correntes.

Ficou o nosso Cabo nesta alagação destituído de tudo, que uma viagem com dois naufragios é grande perdição, e sem poder neste certão remediar-se do preciso; aqui ia morrendo um soldado afogado se lhe não acudissem; vendo o Principal José Aranha que a primeira se afundava nem por isso deixou de se submet-

ter ao perigo, e querendo passar a sua, lhe disse o Cabo repetidas vezes: quantos hoje hão de ficar orphãos; e indo-se já puchando por duas grossas cordas, tornou a repetir o Cabo aos Indios que na galeota iam, que tirassem as camisas para as não perderem; não tinha bem acabado de dizer, quando logo se foi a galeota a pique arrebetando as duas cordas, e por grande diligencia do Cabo, a tiramos do fundo do mar, que já estava captiva das temerarias pedras e soberbas ondas que faz, levantando outra vez ao alto a correnteza que vai de riba.

Aqui obrou Nossa Senhora do Carmo um grande milagre, porque um Indio nosso chamado Martinho por enfermo dos olhos estava em uma rede debaixo dos paioes da canôa e escapou sem molestia quando a canôa se subverteu, de sorte que o susto bastava para molestar. Estivemos dois dias concertando as duas galeotas e no terceiro dia fomos seguindo viagem, sempre levando por proa aquella machina de pedras e com o trabalho de ir puxando as nossas galeotas até o porto do gentio chamado Cavaripunna, e como os espias deram com um caminho seguido de gentio, mandou o Cabo uma escolta boa procurando ao Principal d'aquella nação, e se recolheu a dita escolta com seis pessoas, a saber, um Indio de meia idade com dois filhos maiores, duas crianças e a India mãe d'esta familia. E vindo estes taes á presença do Cabo lhes mandou perguntar si entre elles vinha algum Principal, ao que respondeu o Indio pae da familia que não, e que temido dos brancos pelos não captivar viviam separados, cara um por seu norte distinguidos e de sua nação, solitario elle vivia n'aquellas brenhas, mas que sabia que o Principal Capejú que da outra banda do rio vivia desejava muito de ter falla de brancos para se commerciar; ouvido pelo Cabo e certificado de seu

dizer lhe perguntou que dias se gastaria a chamar o dito Principal Capejú; disse que quatro dias e que elle mesmo o iria chamar e que esperassemos depois de passada a ultima cachoeira, e que por firmeza de sua palavra deixaria na nossa companhia sua mulher e filhos; despediu o Cabo ao Indio (com dois Indios mais nossos que lhe fallavam a giria) com bastantes mimos, de ferramentas, facas e avellorio aos 18 de Julho.

Logo que amanheceu o seguinte dia nos fomos aposentar na espera do gentio, onde estivemos dez dias, e como não vieram proseguimos nossa derrota até as boccas dos rios de agua branca e de agua preta, onde chegamos no 1.º de Agosto.

Este caudaloso rio d'agua preta se aparta do rio Branco, correndo na bocca a Sueste quarta de Sul, a cujo rio chamam os Hispanhoes Itennis, e o dito rio Branco parte a Sudueste quarta de Oeste, na entrada a que tambem os Hispanhoes chamam Mamuré. Entre estes dois rios nos aposentamos em uma longa praia de arêa e d'aqui seguimos o rio Branco por nos parecer mais pequeno (como é) e este declarar signaes de habitado, porque não ha estalagem de gente que nelle cursa que não tenha cruz, doutrina seguida em aquella povoação já seguimos (com estes vestigios) a nossa fatal viagem com a esperanza de aproveitar com fructo tanto trabalho e perigos de vida. E sendo a 6 de Agosto o sentinella que fazia o quarto da lua fallou a uma canôa que vinha rio abaixo com dez Indios Hispanhoes, foi o Cabo em pessoa na sua galeota tomar-lhes o encontro e fallar com elles, e trazendo-os para a praia d'onde estavamos se informou o nosso Cabo cabalmente e tomamos um guia para nós levar seguros ao porto da grande povoação de Sancta Cruz de Cajuáva, e no seguinte dia por horas de vespervas encontramos cinco canoas, que iam d'este rio Mamuré

para o de Itannis, e assim que nos avistaram levantaram uma cruz por bandeira, e perguntando-nos si eramos christãos lhes responderam que sim e Portuguezes, a que surrindo-se e benzendo-se todos a um tempo: christãos portuguezes? nós o somos de S. Pedro, e fallando com o Cabo tomamos terra, onde jantamos.

Estiveram connosco este gentio pouco mais de uma hora, e neste limitado prazo tiveram elles e tivemos nós um grande contentamento, de sorte que ficou apagando todos os trabalhos de antes; despediram-se para baixo e nós proseguimos; e já daqui se não vê mattos sinão tudo campos geraes assim de uma como de outra parte do rio e pela terra a dentro.

Pelas 4 horas da tarde ouvimos zurros de gado vaccum, e ordenou o Cabo fosse o Sargento Damaso Botelho a dar a entrada e lhe recommendou a força da diligencia e manifestação ao regedor. D'aqui dizia o guia não chegaremos á povoação sinão amanhã, e como logo ouvido isto, mandou o Cabo se marchasse toda a noite, e senão parasse sinão junctos da dita povoação, aonde esperaria pelo Ajudante, que enviou adeante com a embaixada de sua vinda, o qual chegado pelas 7 horas da manhã, o levaram pela povoação dentro os Indios, della com tal amor e cortezia que fazia admirar, e chegando á praça fallou aos Padres que estavam naquelle collegio, os quaes o receberam com repiques de sinos e grande alvoroço d'aquelle povo, mostrando com instrumentos de orgão, cravo e musicas e com clarins e charamellas o como nos festejavam alegres.

A saudação que os ditos Padres fizeram ao Ajudante, foi beijando-lhe a mão com o nome da Sanctissima Trindade, Padre Filho e Espirito Sancto, e o levou para dentro d'onde estavam mais dois religiosos, dos quaes foi abraçado e o levaram para dentro por-

que se não entendiam nem se podia ouvir a falla de uma pessoa a outra pelo grande rumor da muita gente que a rodeava.

Chegado com os ditos Padres o Ajudante ao sobrado, onde em uma capellinha estava uma imagem do Senhor Crucificado em um grave nicho, que de uma e outra parte tinha janellas rasgadas que cahiam sobre o Jardim: aqui ajoelhou o Ajudante com uma devida reverencia, dando graças a Deus de haver chegado á terra de Christandade com tão bom successo depois de tantos trabalhos.

Acabada a oração lhe offereceram os Padres assento e pondo-se em silencia interrompeu o nosso enviado dizendo:

“Reverendissimos Padres, nós somos vassallos do senhor Rei Dom João Quinto de Portugal que Deus guarde e por noticias e signaes que se viu neste rio de muitas cruces se resolveu o senhor João de Maya da Gama, a nosso excellentissimo Governador e Capitão General, a mandar dez galeotas armadas em guerra com infantaria cravineiros a fazer descobrimento, e trazemos um Sargento Mór por Cabo da tropa, o qual me envia a dizer a Vossas Reverendissimas que se não alterem, nem a gente d’este povo, pois que vem com todo o socego, paz e quietação até chegar aqui, e por razão de estado me enviou a dar parte a Vossas Reverendissimas e ao regedor deste povo, para que assim se não assustem com a sua entrada.”

Respondeu o Padre Miguel Sanches de Arquino que já havia muitos annos esperavam a vinda dos senhores Portuguezes a aquellas Indias, e perguntando que gente traziamos, lhe deu por conta o nosso Ajudante que 118 pessoas; perguntou si era o Cabo cavalleiro e lhe foi respondido com a verdade de que era dos principaes da terra na capitania do Pará; pergun-

tou mais si traziamos Missionario e de que religião, foi-lhe dito que só um clérigo levavamos por capellão; perguntou mais pelos nomes, o que tudo se lhe disse, principalmente do Cabo, Capitão, Capellão e Ajudante.

Então disse o Padre Miguel Sanches de Arquino que mandava ao Padre Irmão Oliberio Nogua com Sua Mercê a receber o Cabo, e que estimava muito a sua boa vinda a aquella povoação e que não só lhe mandava beijar os pés, mas offerecer-se para lhe obedecer em tudo, e que entrassem na hora de Deus, que tudo estava socegado e nem a cortezia dos honrados e valorosos Portuguezes podia em nada alterar os corações e que o seu estava aberto para nelle e nos braços o receber com grande gosto; que só tinha o pezar de ser esta vinda em anno tão esteril epla innundação do passado: tornaram a abraçar todos ao nosso Ajudante com demonstrações de muito contentamento e debaixo de um chapéu de sol a uso da terra, o qual é feito de pennas de avestruz, acompanhado do Padre Irmão se foram buscando o porto do desembarque em busca do Cabo, que o estava esperando da outra parte do rio.

Embarcou-se o Ajudante e junctamente o Padre Irmão e Capitães e Alcaides e si a galera pudera com mais gente, muito mais iriam nella a receber o Cabo, porém nas que se achavam no porto também se embarcaram para acompanhar ao Ajudante e dando este a senha com um tiro respoudeu a tropa juncta com uma descarga ao recebimento do Padre Irmão, e ao salvarem-se com o Cabo outra e ultimamente a tres vivas dos Reis tres cargas, abalando-se as galeotas da tropa com o mesmo concerto e desfilada (seguinto ao nosso Cabo), os mais fomos aporçar á povoação, e já no porto estariam duas mil pessoas á nossa espera para nos cortejarem, e assim com este acompanhamento entramos pela povoação, e chegando o nosso Cabo

áquella grande praça do Collegio, vieram os mais Padres a recebel-o; estavam as tres portas da Igreja todas abertas e os sinos se desfaziam com repiques, charamellas, clarins, órgão e todos os mais instrumentos e musica, que fazia uma grande entoação.

O altar mór da Igreja estava ornada e com seis vellas de libra accesas, e fazendo oração o nosso Cabo e os mais da sua guarda em acção de graças entoamos a salva de Nossa Senhora com a sua ladainha e tivemos missa logo, d'onde ao levantar a Deus entoamos o *Tantum Ergo* e no fim d'ella o Bemdito, o que tudo acabado, Vieram os Padres e levaram ao nosso Cabo em braços para uma grande casa, que parece é quarto feito naquelle Collegio para hospedar pessoas grandes, onde estava ornado um grande e famoso bofête cheio de flores e outras delicias d'aquellas Indias, e a um e outro lado da grande casa tamborettes, catre e rede, á usança da terra, armario com o necessario, e se puzeram os Padres a practicar com o nosso Cabo no que a cada um tocava, e sendo horas de jantar se poz a mesa onde jantou o nosso Cabo e o Padre Capellão, e os guisados que lhe puzeram passaram de trinta iguarias e não vinha vianda alguma que não viesse coberta de flores, e assim que o nosso Cabo se poz á mesa começaram dois Indios a tocar harpa e rabeca que certamente enlevavam: os Indios é que serviram a mesa sem haver descuido algum nem falta do necessario e com boa compostura e limpeza: acabado o Cabo de jantar, se jantou na propria mesa que acabado de comer a infantaria vieram os Padres pedir mil perdões ao nosso Cabo do pouco com que se achavam para receber a sua pessoa e tiveram meia hora de conversa os Padres com o nosso Cabo, e se foram recolher até que ás 2 horas que tornaram a vir. A cortezia e o modo e affagos que nos fizeram, foi mais de muito

e naquelas mesmas horas que nós chegamos se avisaram todas aquellas povoações por terra a cavallo e assim.

Logo a outro dia pelas 9 horas chegou o Padre João Baptista de Bosson, sobrinho do Duque de Banhos, o qual é missionario da povoação de Sancta Anna, veiu a cavallo e o acompanhavam seis cavalleiros Indios; o modo e o carinho d'esta grande pessoa foi a maior cousa que vi; logo no outro dia chegou mais o Padre Gaspar dos Prados; este Padre veiu em canôa da missão de São Miguel de Moxoquinos; neste mesmo dia chegou mais o Padre Nicolau de Vargas da povoação de São Pedro dos Moxos, e si mais dias estiveramos mais Padres creio chegariam, que a todos os grandes desejos de ver Portuguezes, os fazia vir tão promptos e prestes, e finalmente disse o Padre Nicolau de Vargas que si nos não topasse alli havia ir rio abaixo só para nos ver e fallar; mas este o que devia ao sangue Portuguez é que o fazia ter este grande desejo. No dia de São Lourenço, 10 de Agosto, cantou o nosso Capellão a missa da terça neste Sancto Collegio de Sancta Cruz de Cajuvava, Cuja povoação está situada em 14 graus e meio ao Sul e a cidade de Sancta Cruz de Lacerda (*sic*) em 17 graus. O Governador d'esta grande cidade se chama Dom Luiz Alvares Gatto, e o Bispo se chama Dom Leonardo de Valdimia Arcaya; este Bispo de tres em tres annos visita todos os povos que estão situados nos rios que declara o mappa incluso d'este seu bispado.

Da cidade de Sancta Cruz de Lacerda se seguem estradas ao Reino do Perú, porto de mar, cuja cidade tem vice-rei, a quem chamam Dom Thomaz de Espago, tem Arcebispo e Bispo; está logo a grande cidade de Lima e a cidade Joam cavelica episcopal, esta outra cidade chamada Guamanga, tambem episcopal,

e outra que lhe chamam Cusco, côrte antiga das Indias, mais a cidade de La Pás, episcopal: cuja verdadeira noticia nos deu o Padre Mestre João Baptista de Bossou, e além do que tenho escripto, me deu a saber o rio Sará, que fica Leste Oeste com a cidade de Lima, e que a agua d'aquelle rio é tão grossa que coalha e faz formar tijolos e que em fôrmas as deixam congelar da sorte que querem, e que tomava a côr parda, muito forte para limpar ferro e muito leve no pêso.

E perguntando-lhe si seria esta a que cá lhe chamamos pedra pomes, me disse que a pedra pomes era uma serraria ou montes que todos os annos arde e arrebenta com a força do incendio, o qual se achava em um lago d'onde acaba o rio Nagú, donde com a cheia vinham pelo rio abiaxo, mas que esta pedra que da dita agua se congela servia para edificios e portaes; tambem me disse que pelo grande rio de Xiriguannas ha viboras, que engolem uma besta inteira e que o gentio d'elle lhe fazem guerra com tropas de cavallo: tambem me affirmou que o anno de 1722 com uma inundação se fôra a pique uma ilha chamada Chamayca (sic) com 200 navios que estavam ao redor d'ella ancorados e que esta tal ilha era povoada da nação ingleza.

Os canaviaes em Sancta Cruz de La Cerda e nestas povoações duram 60 annos e até aqui onde chegamos duram 20 e 30 annos, cujas kannas são todas umas no comprimento e grossura, e a calda mui forte que tudo é assucar, como o experimentamos por ver: estas terras dão açafraão, que é o contracto d'estes Indios, cera branca, pannos acolchoados e bordados que fazem, e ha Indios que têm 100 bestas suas e mui bem ensinadas para vaquejar 3 e 4 mil cabeças de gado que cada um tem e ha outros Indios que têm muito mais.

Estes Indios de natureza são mui curiosos, tocam muitos harpa, orgão, rabecas e cantam missa, são musicos de côro, e varios sabem ler, e são pintores e com boas acções e melhor sombra, o oleo com que pintam é leite de vacas, são bordadores imminentissimos, que nos suspenderam admirados ver tres casullas, uma capa de asperge, dalmaticas, estollas e manipulas, bolsas, palas, veu, frontaes, pannos de pulpito, tudo bordado com as mais galhardas flores e ramos, tudo em sua ordem e tão bem matizado que não é possivel encarecer.

Tambem vimos um tapete muito grande, que estendido do altar mór chegava aos degraus abaixo confronteiro as portas da sacristia, com tão admiraveis labores que enlevavam os olhos.

Do altar mór para cima, obra d'elles, uma estante dourada, um missal com chapadura de prata todo aberto ao buril por matiz e capa de velludo carmezim, um calix dourado, uma patena fatal e as galhetas que teriam um coito de altura, uma salva que serve de prato d'elles e todas estas tres peças de prata dourada, a sacra e o Evangelho de S. João com molduras douradas, seis castiças de prata de boa altura, logo o throno ou camarim dourado por dentro com uma invenção para encerrar, casa boa (?), o retabulo obra miuda, mas inda não estava dourado.

O governo d'este povo é na forma seguinte: tem dois regedores e estes dois capitães e os capitães têm dois alcaides, e quando quer um d'aquelles Indios colher as suas sementeiras ou plantar as suas roças vai á casa do regedor dizer-lhe que tem este ou aquelle trabalho que fazer, este manda ao capitão lhe dê gente e o alcaide os vai avisar aquella que é necessario para fazer aquelle trabalho e lhe assignam dia certo, no qual não faltam á porta do lavrador, e acabado o traba-

lho se paga a todos os que ajudaram e assim observam geralmente, por isso todos têm e são ricos: os padres que alli assistem são como vigarios d'este povo, e lhes pagam os moradores, fóra as primicias das novidades, e elles não fazem mais que administrar-lhes os sacramentos.

Em tudo o que é necessario para a igreja concorre o povo, uns com dinheiro, outros com tapetes, gados, cera branca, arroz, milho, fio, pannos e tudo remetem por carregação á cidade de Sancta Cruz de Lacerda, aonde tudo se lhes vende e lhes vem o necessario. Esta povoação tem quatro sinos grandes e dois pequenos, fóra garridas e rodas de campainhas, e são estes Indios tributarios a seu rei.

Depois das tres badalladas da madrugada se ajunctam todos á porta da Igreja para ouvirem missa, onde resam o rosario de Nossa Senhora com tal devoção que, nomeando o nome de Jesus, dão junctos um ai, batendo no peito: ao levantar da hostia tocam orgão e cantam o *Te Deum laudamus* e no fim da missa tocam charamellas e com baixões entoam o bemdicto; e acabado cada um vai para o seu trabalho. Ao meio dia nas badalladas resam de joelhos, de manhã, dizem: "Sanctos dias dê Deus a Vossa Mercê"; á tarde dizem: "Santas tardes lhe dê Deus". Pelas 4 da tarde se ajunctam todos, assim homens como mulheres, rapazes, raparigas e meninos, ao redor da cruz que está na praça a resar o rosario de Nossa Senhora em voz alta, e tanto que o Padre vê terão acabado os mysterios decorosos, antes dos gloriosos, se chega e ajoelha com o povo junctamente e offerece; no fim resam o Acto da contricção e alli mesmo resam as trindades; vi neste povo todo o genero de officios.

Sendo aos 11 do mez de Agosto nos despedimos, porque o nosso Cabo disse aos Padres que lhe não per-

mittia mais o seu regimento que tres dias de hospede, bem contra a vontade dos religiosos, que seus desejos mostravam que estivessemos mais alguns dias com elles: antes d'esta despedida havia ordenado o nosso Cabo que todos geralmente se confessassem, pois tornavamos a vir passar as terribilidades e riscos de vida nas cachoeiras: o que todos assim fizeram.

Pelas 3 horas da tarde nos ajunctamos todos na igreja por ordem do Cabo, para depois de orarmos, beijarmos o sancto lenho e alcançarmos a benção papal, que aquelles Padres, com grandes indulgencias, concedem por privilegio particular: o que feito nos despedimos d'aquella boa companhia, que até ao embarcar do Cabo nos estiveram abraçando e pedindo muitos perdões e mostrando-se mais agradecidos á cortezia, urbanidade e tracto do Cabo, pois tão cabalmente se soube haver com elles.

Propoz de novo o nosso Cabo a estes Padres publicamente, recommendando e requerendo da parte do nosso excellentissimo General, e em virtude do tractado feito entre os nossos reis e pela conservação dos povos, que lhe assignalava de hoje por deante não passassem para baixo da bocca dos rios Mamuré e Itenis, nem interessassem d'ahi para baixo gentilidade alguma, por estes pertencerem ao serenissimo senhor nosso Rei de Portugal, pois de 1639 que senhoriava o rio das Amazonas até a laguna onde se achavam os marcos pertencentes á corôa de Portugal e 400 leguas da bocca do rio Madeira até o dito marco, como diz o Padre Acuña no seu livro Maranhão, e quando exceedam, fazendo o contrario do requerimento, que inda Sua Magestade que Deus guarde tinha poderes neste Estado para fâzer entregar e repôr tudo o que tocasse a seus dominios e senhorios; e com estas mesmas clausulas fariamos de nossa parte, o que ouvido pelos ditos

Padres prometteram cumprir e guardar tudo acima requerido.

D'esta povoação partimos buscando o rumo do norte e gastamos rio abaixo dois dias e duas noites ás boccas dos ditos rios consignados, e no dia seguinte embocamos o rio Itennis. Este corre de leste a oeste, aonde faz o seu apartamento, e vai caminhando para as grandes povoações dos Baures e Moxos. Seguimos este rio seis dias acima e demos nos curraes da criação de infinito gado e bestas; e fallamos com Indios da nação Itennis, pertencentes á povoação de São Miguel; disse o Cabo lhe não permittia o seu regimento a que se estendesse mais, d'onde fizemos a volta para baixo: e vespera de S. Bartholomeu levantamos ferro já de rota batida, deixando aquelles deliciosos ares e climas mui differentes e terra tão abundante de toda a criação e plantas ferteis e campos apraziveis.

Chegamos á paragem dos nossos enviados indios da chamada do Principal Capejú a 25 de Agosto, e avistamos que no meio do rio nos vinham a encontrar 3 Tapuyos em uma limitada casca de pau, chegaram á galeota do Cabo, a quem disseram que alli estavam promptos como se lhe tinha mandado, e que suas vontades era serem compadres e amigos dos brancos com a lealdade de vassallos á corôa de Portugal; estimou muito o Cabo esta resolução para a mudança de vida e sujeição ao gremio da igreja, fazendo serviço a Deus e a Sua Magestade que Deus guarde.

Pediram todos se queriam baptizar, ao que o nosso Cabo lhes disse, aprendessem primeiro a doutrina christã, para o que lhes deixava um indio catechista; isso sim, se baptizaram os filhos menores por serem crianças, e o mesmo Sargento Mór que é o dito nosso Cabo e o Capitão foram padrinhos d'aquelles innocentes.

Este gentio fica descido e domestico e são da nação Cavaripunnas, e dois dias que estivemos na sua aposentadoria, sitio que o Cabo lhes consignou para aldea, só a dormir se apartavam de nós, satisfaziã-se olhando para nós e vendo o nosso tracto; ás tardes, quando resavamos as ladainhas de Nossa Senhora (que temos por devoção), se ajunctava toda aquella familia e nos rodeava de joelhos até acabarmos de resar, porque o que vêm fazer, fazem. O indio a quem o Cabo encarregou lhes ensinasse a doutrina, se chama Manuel Camacho, o qual é de boas praticas e niuito fiel aos brancos, a quem deixamos com este gentio e com ferramentas bastantes para ensinar tambem a fazer roças e plantar, na fórmula dos indios de baixo e em toda a America se practica.

Tambem fica practicado para si descerem os da nação Apamas e a Matiris, cujas povoações são cunhamenas d'esta nação Cavaripunnas e agora já estarão junctos e descidos, para roçarem sobre o rio, que são confinantes umas ás outras, a quem tambem o nosso Cabo mandou dar ferramentas e outros mimos.

Chegámos ao nosso arraial em 9 de Setembro com feliz successo, sem nos adoecer ninguem da companhia, nem nos morrer nenhum graças ao bemdicto Deus e á sua Sanctissima Mãe N. S. do Carmo, é certo que com grandes perdas pelas alagações que tivemos, como fica dito.

Vinte e tres cachoeiras se contam no rio da Madeira, das quaes dez se não podem passar, por nenhum meio, porque são impossiveis, e as passamos cortando pontas de terras e fazendo grades de madeira, não pelo rio sinão por terra em secco, cujos caminhos ficam feitos para quem vier atraz.

Neste nosso arraial achámos a falta de tres soldados volantes ou aventureiros, que trouxemos na companhia, os quaes desertaram atraz de nós, e finalmente chegámos a esta cidade em Setembro de 1723.”

NOTA — Os documentos sobre *Roberio Dias e as Minas de Prata* publicados na Revista da Secção da Sociedade de Geographia de Lisbôa no Brasil (Setembro e Outubro de 1885) deixam de ser reproduzidos neste livro por já terem divulgação em outras publicações.

SOBRE UMA HISTORIA DO CEARÁ

Artigo publicado na "*Revista Trimensal do Instituto Historico do Ceará*" (anno XIII, 1.º e 2.º trimestres de 1899) sobre o livro "*Dactas e Factos para a Historia do Ceará*" do Sr. barão de Studart, e inserto neste volume porque se refere directamente aos caminhos antigos e povoamento do Ceará.

SOBRE UMA HISTORIA DO CEARA'

I

Apenas Portugal teve idéa da topographia de seus dominios americanos, traçou-lhes por limites o Amazonas e o Prata, e na realização deste programma nem um momento esperdiçou durante tres seculos. "Os limites não são linhas ou paredes simples, mas os instrumentos cheios de vida de um dos mais grandiosos phenomenos vitaes que a terra conhece. . . São um orgão peripherico do organismo de estado. . . E' da natureza deste corpo, pelo facto de ser organico, romper as barreiras inorganicas dos limites politicos, si assim o exige sua actividade vital." (1)

A actividade vital exigiu-o, e por isso na America do Sul o tratado de Tordesilhas e os que seguiram sempre foram letra morta. A união de Portugal e Espanha facilitou os planos dos Portuguezes, porque pôde adiar-se a questão do Prata e tratar sem demora do Amazonas.

Em 1580 a colonização alcançava pouco adiante de Itamaracá, em 1586 já se affirmava na Parahiba,

(1) Fr. Ratzel. Der Staat und sein Boden geographische betrachtet, 626, Leipzig, 1896.

em 1597 começava no Rio Grande do Norte: o Ceará não podia continuar immune por muito tempo na marcha accelerada por o rio-mar.

Em 1603, Pero Coelho parte da Parahiba, desembarca em plagas cearenses, mas em pouco é obrigado a retirar-se vencido e arruinado. Não são mais felizes os padres Francisco Pinto e Luis Figueira em sua tentativa de 1607. Emfim, Martim Soares Moreno, companheiro de Pero Coelho, conhecedor da lingua dos Indios, nomeado capitão-mór do Rio Grande do Norte, consegue as sympathias dos indigenas vizinhos, e improvisa um fortim, principio de colonização da capitania, a que seu nome se conserva indissolúvelmente associado.

Ignora-se o anno exacto do estabelecimento de Martim Soares Moreno; o de 1610, que em geral se dá, é approximadamente certo. Em 1613 o fundador do Ceará é mandado ao Maranhão a colher informações sobre o estado da terra e os estrangeiros que a estão occupando; em 1615 Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura assentam o poder portuguez no Maranhão em bases solidas, expulsando de uma vez os Francezes; começa-se Belém do Pará em 1616. Duas datas patenteiam a rapidez com que foi occupado o Amazonas: em 1637 foi doada a Bento Maciel Parente a capitania do cabo do Norte, de que ainda hoje os Francezes nos querem espoliar; no mesmo anno deu-se a memoravel viagem de Pedro Teixeira, Amazonas acima, até além dos limites com o actual Equador.

Com a occupação do Amazonas, perdeu o Ceará o pouco valor que lhe reconheciam. Não era mais base

de operação; convinha apenas conservar alguns fortins por causa da navegação perigosa daquelle trecho do litoral; houve até a idéa de evacua-lo; annexo ao estado do Maranhão, logo que este foi criado, não podia communicar-se com elle durante parte do anno, por causa dos ventos que sopram numa só direcção; pelo mesmo motivo não podia communicar-se com Pernambuco, noutra temporada.

Martim Soares Moreno, que até a invasão hollandeza synthetiza e symboliza toda a historia daquelle região, obteve concessões de terras, nas quaes pretendia plantar canna e levantar engenho. Parece que desde logo se tratou de criar gado. Os generos de commercio eram ambar, pau violete, talvez algodão. Falava-se vagamente que existiam minas abundantes.

Sabendo da presença dos Hollandezes em Pernambuco, os Indios, com quem já não estava Martim Soares Moreno chamado a outros combates mais sanguinolentos, convidaram-nos a vir tomar conta da terra! Os Hollandezes accederam ao convite, sem difficuldade esmagaram a pouca resistencia que os affrontou e, com ligeiras interrupções, até a capitulação de Taborda em 1654, conservaram seu dominio. Ainda hoje no Ceará é vivaz a lembrança dos Flamengos. Letreiros, pedras de sino, marcos apagados pelo tempo, de tudo a imaginação lhes attribue a autoria, aliás sem razão: o maior serviço que prestaram consistiu em trafegarem as salinas do Cocó ou Pajehú, nas immedições da Fortaleza.

Depois de vencidos os Hollandezes, foi o Ceará incorporado a Pernambuco sem grande proveito. A

zona da marinha, sem propriamente ser infensa á criação de gados, era mais propria á cultura de cereaes, o que difficilmente poderia prosperar com a população diminuta. Grande acontecimento considerava-se a chegada clandestina de navio estrangeiro com que se podia fazer algum contrabando, de que os proprios capitães-móres participavam. As raras embarcações que vinham de Pernambuco escassa animação traziam, porque a pouco mais se prestavam que ao transporte da misera guarnição, cujos soldados os capitães-móres tinham o cuidado de pagar em generos.

Em Agosto de 1696 escrevia Pedro Lelou, capitão-mór, que no principio só havia gentio domestico e soldados da guarnição da fortaleza; que agora já havia mais de 200 moradores, o que tornava necessarios ministros e officiaes, que lhes decidissem as duvidas e sentenciassem as causas⁽²⁾; o mesmo capitão-mór informava pelo mesmo tempo que o povo daquella capitania não tinha matriz, nem curato, nem mais igreja fóra das aldeias que a capella da fortaleza, na qual o capellão fazia o officio de vigario⁽³⁾.

Em 1700 é criada a primeira villa da capitania, antes em desvantagem della, já pelas continuas transferencias a que andou sujeita, de Iguape para a barra do Ceará, desta para Aquiraz, de Aquiraz para Fortaleza, já pelos germens de odio que disseminou entre

(2) Barão de Studart, "*Daetas e Factos para a Historia do Ceará*", pag. 106.

(3) Barão de Studart, "*Daetas e Factos para a Historia do Ceará*", pag. 115.

a população, até que em 1725 o governo portuguez resolveu que houvesse duas villas: a de Aquiraz e a de Fortaleza.

Emquanto isto se notava na marinha, ia o sertão sendo povoado. Entre o Parnahiba, o Tocantins e o S. Francisco corre uma série de serranias, geralmente de mediocre altitude, de cimo quasi horizontal, de faldas fertéis, apresentando depressões mais ou menos consideraveis a que o povo chama boqueirões. Por estas serras, que entre outros nomes locais têm as de Cariris, Borburema, Dois Irmãos, Chapada das Mangabeiras, através dos boqueirões, especialmente na região limitada pela curva que o S. Francisco descreve entre o Pontal e o Pajehu e que tem por centro Cabrobó, passou quasi toda a população do sertão do Norte e com ella a primeira estrada que ligou a Bahia ao Maranhão.

Geographicamente esta região pertence em grande parte a Pernambuco, mas a historia prende-a á Bahia. Foram Bahianos que, procurando terrenos apropriados á criação do gado, passaram á serra do Espinhaço, e, favorecidos pelas catingas deciduas, chegaram ao rio de S. Francisco, espontaram todos os vistosos rios seccos que retalham Pernambuco, Parahiba, Rio Grande do Norte, Ceará, chegando á grande bacia do Parnahiba. E como esta desde a éra de 1670 fôra explorada por Vital Maciel Parente, e conhecia-se que no lugar onde agora existe Caxias, o Itapicurú e o Parnahiba ficavam á pequena distancia, e não se encontravam obstaculos á navegação do Itapicurú até sua foz na Bahia de S. José, a E. da Ilha do Mara-

nhão, deu-se mais um passo no programma geographico da dominação do Amazonas. Os vaqueiros obscuros, os mocambeiros, os capitães de entrada traduziram em formas rijas e mais duradouras o pensamento que além do cabo de S. Roque impellira Pero Coelho, Francisco Pinto e Luis Figueira, Martim Soares Moreno, Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura:

“Duas cousas difficultam ao Maranhão o commercio com o Brasil, escrevia em 1693 o padre João de Sousa Ferreira, autor da *America abreviada*: primeira, não terem frete, com que voltem; segunda, ventos e aguas pouco favoraveis, excepto de Maio até Agosto, em que ha bons terraes, mas rompendo-se a primeira se facilitaria a segunda.”⁽⁴⁾

A nova estrada, zombando dos ventos e correntes, resolvia o problema das communicações pela unica maneira efficaz antes de descoberta a navegação a vapor; resolvia-o ainda por outro modo; proporcionando logo fretes, isto é, movimento, vida e animação, como adiante se verá.

Ao mesmo tempo que assim se lançava um novo grilhão ao Amazonas, a actividade vital, que leva á ruptura dos limites politicos inorganicos em favor dos limites naturaes, atirava os Portuguezes ao Prata, onde se fundava a colonia do Sacramento, de tão dramatica memoria.

(4) *Rev. do Inst. Historico*, tomo 57, parte 1.^a, ps. 34.

II

Fôra grave omissão calar que tambem os Paulistas concorreram para o povoamento do Ceará. Cansados da vida aleatoria de bandeirantes, tinham-se transformado no correr do seculo XVII em conquistadores, isto é, organizaram-se em partidas obedientes a um chefe, o qual contratava com o governo pacificar uma região determinada, recebendo em paga parte dos prisioneiros feitos ou terrenos que ficavam devolutos, ou postos, pensões e commendas. Dois destes conquistadores podem servir de exemplo: Estevam Ribeiro Bayão Parente, que pacificou os sertões do Paraguaçu e Ilhéos, onde a obscura e decadente villa de João Amaro, nome de seu filho, vagamente conserva sua memoria, e Domingos Jorge, que derrocou o poder quasi secular dos negros dos Palmares.

Os dois conquistadores mais conhecidos que estiveram no Ceará foram Mathias Cardoso, algum tempo companheiro de Fernão Dias Paes, na jornada das esmeraldas, de que decorreu o conhecimento das riquezas auríferas de Minas Geraes, e Moraes Navarro.

Sahiam de S. Paulo, beirando o Parahiba até Lorena ou Cruzeiro, onde transpunham a serra da Mantiqueira, e contornando as aguas do alto Paraná, procuravam as do S. Francisco, que seguiam até seu destino. Os que chegaram por este caminho ao Ceará provavelmente acostaram-se ao Pajehú, de onde, transposta a Borburema, rendidos os indios do Piancó, Seridó e outros affluentes do Piranhas, se passaram ás

aguas do baixo Jaguaribe. Por ahi corre até nossos dias um dos caminhos que ligam Ceará a Pernambuco.

Findo o seculo XVII, estava todo o Ceará devassado, os indios uns reduzidos a aldeias, outros vivendo em paz, ao lado dos colonos. A criação de gados era a principal occupação dos habitantes; a agricultura rudimentar reduzia-se á producção dos generos de consumo local, pois outros não pagariam as despesas de transporte.

O facto de uma colonia ser ou não pastoril traz uma serie de consequencias a que até hoje não se tem attendido devidamente; apenas as indicou o autor do *Roteiro do Maranhão a Goyaz pela Capitania do Piauí*, livro cujo titulo não dá idéa das vastas questões que debate, impresso apenas em 1814 no rarissimo jornal *Patriota*, e por isso pouco menos que inedito.⁽⁵⁾

O autor desconhecido, que deve ser João Pereira Caldas, successivamente governador do Piauí, do Maranhão, do Pará e de Mato-Grosso, era um admiravel conhecedor dos sertões pastoris e pôde dizer-se que nos dá a philosophia do gado e dos vaqueiros.

A criação do gado influe sobre o modo por que se forma a população. "Nos sertões da Bahia, Pernambuco e Ceará, diz elle, principalmente pelas vizinhanças do rio S. Francisco, abundam mulatos, mestiços e pretos forros [devia accrescentar indios mais ou

(5) Publicado depois na *Rev. do Inst. Historico*, t. 62, parte 1.ª.

menos mansos]. Esta gente perversa, ociosa e inutil pela aversão que tem ao trabalho da agricultura, é muito differentemente empregada nas fazendas de gado. Tem a este exercicio uma tal inclinação que procura com empenho ser nelle occupada, constituindo toda a sua maior felicidade em merecer algum dia o nome de vaqueiro.”

Os terrenos proprios á criação do gado são aquelles que mais depressa se povôam, demonstra Pereira Caldas. “Não ha nelles aquelle horroroso trabalho de deitar grossas matas abáixo e romper as terras á força de braço, como succede nos engenhos do Brasil, nas roças das Minas e por este mesmo estado do Pará e do Maranhão, na cultura dos seus generos. Nelles pouco se muda a superficie da terra, tudo se conserva quasi no primeiro estado; levantada uma casa, coberta pela maior parte de palha, estão povoadas tres leguas de terra.”

Lembra-nos elle ainda, que, sendo os vaqueiros pagos, não em dinheiro, mas em gado [de 4 bezerros 1, como ainda hoje se usa em muitos pontos] de uma só fazenda formam-se outras em pouco tempo; mas ao presente assumpto só aproveita mais uma citação: “Os gados que criam as outras capitánias e povoações do interior *não necessitam de quem os carregue*; elles são sós os que sentem nas longas marchas todo o peso de seu corpo, e apenas se faz necessario que haja quem os encaminhe.” Em outros termos, equivale isto ao que foi dito acima: ao contrario da via maritima, o caminho terrestre da Bahia ao Maranhão trazia logo consigo o frete e o meio de transporte.

No regimen pastoril do Ceará percebem-se facilmente duas phases. A primeira caracteriza-se pelo absenteismo, isto é: homens ricos, moradores em outras capitánias, requerem e obtêm sesmarias para onde mandaram vaqueiros com algumas sementes de gado; elles, porém, em geral bahianos, não visitam suas propriedades, contentes com o embolso do preço das boiadas. Na segunda phase os fazendeiros vão se estabelecer em suas terras, ou porque o avultado dos interesses exija sua presença, ou por incita-los ao espirito de liberdade que, segundo o illustre Martius,⁽⁶⁾ foi o propulsor do povoamento dos sertões do Norte, ao contrario dos do Sul, em que a ambição de lucro foi a grande alavanca.

Apresenta-se então novo problema: que receberão agora os fazendeiros, domiciliados no interior do Ceará, em troco de suas boiadas? Evidentemente só generos de valor, que não se estraguem facilmente, que não occupem muito espaço, ou se transportem por si: "nos miseros escravos, lembra Pereira Caldas, dá-se a mesma razão que se acaba de ponderar nos gados", isto é, "elles são sós os que sentem nas longas marchas todo o peso de seu corpo, e apenas se faz necessario que haja quem os encaminhe."

Explica-nos isto a aparente anomalia de no Ceará ter havido mais escravos no sertão, onde não havia agricultura, do que no agreste da marinha, e o luxo

(6) Martius, *Reise in Brasilien*, Munich, 1828.

desconnexo de que se encontram ainda noticias ou vestigios vagos, de fazendas finas, bacias de prata, collares de ouro medidos á vara, etc., em casas que agora são verdadeiras tapéras.

Entre os fazendeiros, cada qual querendo mostrar-se mais rico e ostentar maior luxo, a paz não podia durar muito tempo, e não durou. E' celebre a longa luta que houve entre as duas familias de Montes e Feitosa; é conhecido o duello entre os Ferros e Aços; e na memoria popular conservam-se muitas outras noticias congengeres que devem ser apanhadas antes que o tempo as haja de todo delido.

O periodo destas lutas póde approximadamente fixar-se entre 1730 e 1750. Depois veio a decadencia. A secca foi uma grande rasoira, que em poucos mezes desbaratava as maiores fortunas. O gado desenvolvendo-se, em circumstancias normaes, de modo espantoso, foi chegando quasi até a marinha. Os fazendeiros, que a principio só faziam remessa para a Bahia, dirigiram-se depois para o Recife, e até para o Aracati e Fortaleza. Caminhos ligaram o sertão e o litoral, appareceram autoridades que não recuavam ante os arreganhos dos potentados, com os meios de acção efficazes que o progresso ia proporcionando.

A marinha á primeira vista era o scenario acanhado de lutas ridiculas entre os capitães-móres e camaras, ouvidores e governadores, vigarios e freguezes. De tudo isto nos dá conta minuciosa o Dr. Stuard, e faz muito bem, porque esta é a verdadeira historia, real e quotidiana, pouco heroica, de certo, mas profundamente humana; entretanto, no meio destes

sobresaltos e, apesar do fervilhar das intrigas, a marinha ia se desenvolvendo. A expulsão dos Jesuitas deixára os indios aldeados sem protecção, e como suas aldeias occupavam sempre terrenos fertes e escolhidos por pessoas experientes, constituiram objecto de cobiça, e foram occupados por homens sem escrupulo, que ahi estabeleceram lavoura propria. Talvez primitivamente, no Aracati tiveram a idéa de exportar para Pernambuco e outros logares carne secca ou xarque, ainda hoje chamada carne do Ceará, no Norte. Por fim o Ceará poude commerciar directamente com Portugal e foi declarado capitania independente de Pernambuco.

O livro de Guilherme Studart alcança ao reconhecimento da independencia no Ceará. Tão longe não irá o nosso passeio; ficará o mais para os volumes que faltam, tratando do Ceará provincia e do Ceará estado.

Póde-se desde já antecipar que grande parte delles será preenchida pela luta entre a marinha e o sertão. E' este um facto commum a todas antigas capitancias, occupadas na criação do gado, e povoadas por gentes idas do rio de S. Francisco, isto é, do interior para o litoral. Talvez Parahiba e Rio Grande do Norte constituam excepção, devido á sua menor extensão territorial, ou á maior facilidade de repressão. Em Piaui, o sertão foi vencido só depois de mudada a capital de Oeiras para Theresina e regularizada a navegação do Parnahiba. Na Bahia, ainda em 1875 se discutia a conveniencia de constituir em provincia separada os terrenos marginaes do S. Francisco. Em Pernambuco

muito deram que fazer Pajehu de Flores e adjacências.

Como no Ceará o sertão investiu contra o litoral, chegando a domina-lo na Confederação do Equador; como o litoral resistiu ao sertão e por fim domou-o; como estes dois elementos unidos se amalgamaram e conciliaram, formando hoje uma população homogênea e entusiasta de sua terra, é a historia que nos contará Studart, velho amigo e companheiro de collegio, com quem um momento me imagino transportado ás terras dos verdes mares, "verdes mares que brilhaes como liquida esmeralda aos raios do sol nascente, perlongando as alvas praias ensombradas de coqueiros."

TRICENTENARIO DO CEARÁ

Estudo publicado primeiro na "A Noticia", do Rio de Janeiro, de 28 de Setembro e 16 de Dezembro de 1903, transcripto pela "Revista do Instituto do Ceará", tomo XVIII, de 1904, e reproduzido neste volume com algumas modificações feitas pelo autor, de accordo com documentos apparecidos na "Correspondencia de Diogo Botelho" estampada na "Revista do Instituto Historico", tomo 73, parte V.^a, 1910.

TRICENTENARIO DO CEARÁ

Do que se apura de documentos mais recentemente revelados, Diogo de Campos Moreno, tio de Martim Soares, veio para o Brasil em 1602, em companhia do governador Diogo Botelho, para servir como sargento-mór do Estado.

Para o sobrinho aprender a lingua da terra, mandou-o em 1603 para o Ceará com Pero Coelho, na expedição agora commemorada, que procurava chegar por terra ao Maranhão. No Ceará demorou tres annos, familiarizou-se com o tupi, deixou amizades entre os Indios, principalmente com Jacaúna. Parece que se retirou antes do descalabro da segunda empresa, na mesma caravela em que Pero Coelho levou a familia para a Parahiba, em meados de 1606.

Em 1607 foi a viagem dos jesuitas Pinto e Figueira, de que Figueira voltou só, por ter sido trucidado seu companheiro. Que fez Martim Soares neste e no segundo anno, ignora-se ainda. Em 1609 encontramo-lo como tenente da cãpitania do Rio-Grande.

A vizinhança incitou-o a novamente visitar as terras cearenses. Fez a viagem tres vezes, e por tal modo soube captar a confiança dos naturaes, que afinal consentiram que se estabelecesse na terra.

Em 1611 Martim Soares Moreno pisou no Ceará pela quinta vez, desta como capitão. Fundou o forte de que a futura capital tirou e guarda o nome, tomou tres náus de corsarios que queriam negociar em Igua-pe e Mucuripe, gaba-se de ter degollado mais de duzentos francezes e flamengos, combatendo nú, de arco, flecha, barba raspada, negro de genipapo.

Em 1613, mandado ao Maranhão para informar-se da terra, fez pazes com os Tremembés da Parna-hiba, índios tapuias, da tribu dos Carirís, amantes e plantadores de cajueiros; desde o Preá foi pelas aguas interiores até a bahia de S. José. Ahi o titulo de filho de Jacaúna lhe proporcionou bôa recepção dos natu-raes, conforme nos affirma. Yves d'Évreux diz, entretanto, o contrario, e que no Maranhão só foi auxiliado por *Cannibaliens*, isto é, Tremembés. Sentido pelos francezes, conseguiu escapar-se delles bem contra a sua vontade (car l'on eust sceu toutes les intentions des Portugois, diz o chronista capuchinho), e foi aportar a S. Domingos, nas Antilhas¹. Em Abril de 1614 encontramo-lo em Sevilha, donde seu piloto Sebastião Martins foi levar ao governador, em Pernambuco, as esperadas noticias do Maranhão. Chegaram ainda a tempo, e Sebastião Martins poudé acompanhar Jeronymo de Albuquerque e Diogo de Campos na armada de 1614, destinada a expulsar os francezes.

Segunda vez, no anno de 1615, encontrámos Martim Soares em terras do Maranhão. Quando e como foi para lá? Diz Varnhagen, aliás numa das paginas mais confusas de seu livro, que tornou em companhia de Alexandre de Moura e de Diogo de Campos. O Ba-

rão de Studart aceita a mesma opinião, contra a qual duas difficuldades invenciveis saltam dos documentos agora divulgados. A primeira é dizer que Martim Soares serviu de sargento-mór na ausencia de Diogo de Campos. A segunda é dizer que Martim Soares “chegando o capitão-mór Alexandre de Moura áquella conquista, elle dito, estava entre os Francezes como refens, donde logo se foi em busca do dito capitão-mór e lhe deu relação do que passava entre os francezes”, etc.

Podemos accrescentar outra razão não menos decisiva: a 15 de Julho de 615, assigna com mais sessenta e oito companheiros uma petição a Francisco Caldeira, para que fique como collega e adjunto de Jeronymo de Albuquerque, segundo documento existente na Secretaria do Exterior.

Uma explicação que escapa a estas difficuldades seria a seguinte: Diogo de Campos sahio de S. Luis com o capitão Matheus Malhard a 4 de Janeiro de 1615 e chegou a Lisboa a 5 de Março. Logo em seguida partiu de Lisboa para o Maranhão com munições e pólvora e mais cousas necessarias um patacho que tocou no Ceará, nos primeiros dias de Junho, pois a 14 de Junho de 1615, quando Francisco Caldeira ali chegou, já havia alguns dias que seguira para seu destino. Si de commandante deste patacho viesse Martim Soares ficaria explicado como foi sargento-mór na *ausencia* de seu tio, pois Diogo de Campos estava então no reino; ficaria explicado como estava de refens entre os Francezes quando Diogo de Campos e Alexandre de Moura chegaram ao Maranhão no fim do anno; ficaria ainda explicado por que na armada de Francisco Caldeira, que

precedeu a destes, e em que podia ter embarcado, elle que já commandára durante annos uma fortaleza em condições graves, e a quem, em summa, se devia o successo da empresa de expulsar os Francezes, não foi contemplado si quer com o commando de um navio. Assim pôde se asseverar que Martim Soares foi, em 1615, pela sexta vez ao Ceará, para lá partindo directamente da Europa.

Ultimada a conquista do Maranhão e expulsos definitivamente os Francezes, Martim Soares foi mandado pacificar os indios de Tapuitapera e Cumá: o regimento que lhe foi dado em 2 de Janeiro de 1616, tambem existe e por cópia na Secretaria do Exterior. Alexandre de Moura quiz escolhe-lo para ir ao Pará. Suas enfermidades levaram-no a declinar da incumbencia, que tocou a Francisco Caldeira. Embarcou depois em navio muito velho para tornar á sua capitania ou ao reino, não é certo qual; e ainda uma vez o capricho dos ventos o levou a S. Domingos. Estava a partir uma frota; della foi feito cabo. Um temporal dispersou os navios e "em poucos dias de viagem encontrou com um navio francez pirata com o qual pelejou muito tempo, até que lhe mataram toda a gente, ficando só tres homens com elle supplicante, todos feridos, donde elle supplicante escapou com 23 feridas e uma mão de menos e uma cutilada no rosto."

Levado a Dieppe, foi condemnado a morte no juizo do almirantado, por queixa das familias dos Francezes mortos no Ceará e no Maranhão. Graças á intervenção do embaixador espanhol a pena deixou de ser executada. Desde 1618 encontramos-lo de novo no

reino, reclamando premio dos serviços prestados no decurso de dezeseis annos. A esta circumstancia deve-se terem sido escriptos os apontamentos auto-biographicos, tão interessantes, só agora trazidos á luz pela diligencia do Barão de Studart.

Em Maio de 1619 foi nomeado capitão do Ceará por dez annos, com quatrocentos cruzados de vencimentos. Pediu tambem concessão de dez leguas quadradas de terra, mas conseguiu apenas duas. Fazendo este pedido, parece ter em vista fixar-se permanentemente, levando sua casa, isto é, sua familia. Eram ramos desta os Veiga Cabral, nome posteriormente e mais de uma vez representado com brilhantismo nas paginas de nossa historia.

Indo ainda directamente da Europa, chegou ao Ceará, pela sexta e ultima vez, a 23 de Setembro de 1621 e começou a executar os planos de fortificação, de catechese e cultura material que tinha em vista. Com os escassos recursos de que dispunha não pôde fazer muito.

O primeiro governador do Estado do Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, que esteve no Ceará em Julho e Agosto de 1626, descreve a fortaleza como fraca e desbaratada, apenas com uma peça de artilheria, ameaçada pelo gentio, revolto com as noticias da invasão hollandeza, cercada de terras proprias apenas para gados, pelos pastos largos e melhores da costá do Brasil. Além desta conveniencia só uma lhe pareceu apresentar a capitania: servir de escala a quem tivesse de ir para o Maranhão.

Por um abuso de Francisco Coelho, segundo informa Soares Moreno, o Ceará foi incorporado ao governo do estado do Maranhão, em vez de continuar pertencendo ao Brasil. Procurou restituí-lo ao Brasil, sabedor por experiencia propria da difficuldade de navegar do Maranhão para as terras de barlavento. Algumas das pessoas, pelo governo da metropole consultadas a este respeito, deram razão a Martim Soares, mas afinal triumphou a opinião contraria de Bento Maciel Parente, já então famoso pelas suas expedições contra os indios e futuro donatario dessa Capitania do Norte, cobiçosamente pretendida pela França até a decisão definitiva de Berne.

Apenas teve noticia da invasão hollandeza, em Pernambuco, Martim Soares deixou sua Capitania e veiu bater-se com os seus irmãos de lingua e crença. Desde então desligou-se da historia particular do Ceará para collaborar na grande luta de vinte e quatro annos. Em 1630 contava quarenta e quatro annos de idade, pois em depoimento prestado no Maranhão, a 8 de Janeiro de 1616, dá-se com trinta annos pouco mais ou menos.

O espaço não permite que tratemos da monographia do Barão de Studart sobre os padres Francisco Pinto e Luis Figueira. Notaremos apenas de passagem um ponto em que não tocou. A serra dos *Corvos*, que os jesuitas passaram depois do Parásinho para ir a Ibiapaba pelo rio Aracati-açú, conserva ainda hoje o mesmo nome em lingua geral: é a serra de Uruburetama.

2.º

A ilha e as cercanias de Tamaracá desde os primeiros annos do descobrimento receberam colonização européa. Ali fundou Christovam Jaques uma feitoria, cerca de 1521; dali já se exportava assucar em 1526; um dos troços da capitania de Pero Lopes de Sousa teve por cabeça a villa da Conceição, assente na ilha; fronteiro, no continente, demorava Igaracú, primeira povoação da capitania de Duarte Coelho.

Este avanço não trouxe vantagem consideravel áquelle territorio. Em Setembro de 1544, frei Pablo de Torres, vedor da segunda e desastrosa expedição de Orellana, dizia que entrè os cabos de Santo Agostinho e o de S. Roque "francezes y quien quiere va alli por brasil sin impedimento alguno". Com igual acerto poderia dizer-se o mesmo quarenta annos mais tarde, substituindo apenas Tamaracá a Santo Agostinho.

Por que tamanha lentidão na investida colonizadora para o Norte?

Um motivo poderoso foi a posição da colonia, afastada e segregada de qualquer limite natural naquelle rumo. Caso semelhante occorreu ao Sul. Fundada Itanhaen, passou muito tempo antes de surgir Cananéa; S. Francisco e Desterro fizeram-se esperar bastante; S. Pedro do Sul data do segundo quartel do seculo XVIII: a colonia do Sacramento, limite natural, mais alongada embora, precedeu S. Pedro de meio seculo, no rio da Prata.

Outro motivo de igual força constituíam as correntes aereas e maritimas da costa do N. E., difficúl-

tando as communicações para barlavento, durante a maior parte do anno. Com as estradas terrestres se logrou mais tarde ladear taes embarços; mas este expediente não podia preceder a occupação, devia proceder della, — verdadeiro circulo vicioso só pela navegação a vapor tornado figura sumetrica.

Emfim, por incidentes embuçados no limbo da historia, dos dois grandes grupos inimigos em que se repartiram os Indios que falavam a lingua geral, um, o dos tupiniquins, foi alliado quasi constante dos Portuguezes ou *Perós*, outro, o dos Tupinambás, identificou sua causa com a dos Francezes, ou *Mairs*. Ora, os Tupinambás, sob diversos nomes, como Petegoares etc., se prolongavam do Norte de Pernambuco até quasi o Jaguaribe, com grandes reservas acampadas no sertão; dominavam no Maranhão, desde a ilha que deu o nome á terra até quasi a embocadura do Amazonas; os Tupiniquins (Tabajaras), em todo este territorio, ficavam afastados do mar e só na Ibiapaba se apresentavam em massa compacta. Assim, enquanto os Francezes defrontavam desde logo seus alliados naturaes, quasi por toda a parte os Portuguezes tinham de ir busca-los ao interior, — novo circulo vicioso.

Este conjunto de circumstancias explica a avancada lenta: o cabo Branco só foi definitivamente vencido em 1586; o de S. Roque resistiu quasi até o fim do seculo; o Mucuripe foi incorporado a partir de 1611; a ilha do Maranhão só foi definitivamente povoada em 1615: os pequenos cabos de N. E. resistiram quasi tanto como o Bojador e Boa Esperança em Africa. Em compensação dahi para diante, para o

limite natural, a marcha foi acelerada, na margem direita do Amazonas; a margem esquerda ainda é disputada, sinão na foz, na maior parte de seu curso médio, até o Solimões.

Um dos episodios mais pungentes da avançada figura a expedição dos padres Francisco Pinto e Luis Figueira, mandados pelo territorio cearense em 1607 ao Maranhão. Conhecia-se, ou antes, julgava-se conhece-lo, em seus traços geraes, pois agora vemos que as amplificações e divagações occupavam o logar da verdade singela e verdadeira. Devemo-lo ao tão infatigavel como erudito Barão de Studart. Sabia-se vagamente que Luis Figueira fizera a narrativa da viagem e da paixão de Francisco Pinto. O Barão de Studart acreditou que depoimento de tal preço não podia ter desaparecido. A fé move montanhas. De um recesso do Limburgo Hollandez acaba finalmente de resuscitar o mais antigo documento existente sobre a historia do Ceará, a informação de Luis Figueira datada de 26 de Março de 1608.

Como costuma, o Barão de Studart precedeu a publicação deste documento de longo e succulento estudo, discutindo com sua competencia e profundeza conhecidas questões proxima ou remotamente annexas ao objecto principal; a biographia de Francisco Pinto fica esclarecida em suas linhas geraes; a de Luis Figueira apanha uma contribuição generosa; pontos da historia de Pernambuco são resolvidos; chronistas antigos e escriptores modernos comparecem ante um tribunal inexoravel; do debate sac fundamente, fundamentalmente ferido, o chronista José de Moraes, jesuita cuja

veracidade está pedindo meças á mendacidade do beneditino frei Gaspar da Madre de Deus, o beijinho dos Paulistas.

A expedição póde dividir-se em cinco periodos: de Pernambuco ao Jaguaribe, viagem em navio; de Jaguaribe ao Parásinho, viagem á beira-mar; de Parásinho por Uruburetama a Ibiapaba e desta á beira-mar, viagem pelo sertão; outra vez viagem por beira-mar, até vir do Rio Grande do Norte o navio que restituiu á civilização Luis Figueira e seus companheiros indigenas. O primeiro e ultimo dispensam commentarios; qualquer dos outros os pediria muito longos, tantos os problemas historicos, ethnologicos e geographicos nelles contidos. A tão famosa residencia de Anchieta em Iperoig, exaltada enthusasticamente em prosa e verso, em nada excede as provações arrostandas por seu irmão de Ordem, autor da segunda grammatica da lingua geral, de que Anchieta escreveu a primeira.

Nesta noticia só cabem alguns ligeiros apontamentos ethnographicos.

O Ceará estava occupado por Tupinambás ou Petiguares, ao Sul, chegados recentemente do Rio Grande do Norte, e por Tupiniquins ou Tabajáras, espalhados pela Ibiapaba, e residentes ahi desde muitos annos, senão seculos, pois constituíam setenta aldeias.

Eram numerosos os Tapuias, geralmente Carirís, primeiros habitadores do litoral, já então recalcados para o interior, excepto ao Norte, onde os Tremembés, tambem do tronco Carirí, dominavam as praias que vão do Camocim até além da Parahiba. A

palavra Ceará (Siará) é legitimamente carirí, e as explicações até agora tentadas pelo tupi só satisfazem aos proprios inventores

Viviam estes grupos em lutas continuas. O meio de trato com os Tapuias consistia no fumo e, facto notavel, ainda hoje no Ceará existe a palavra carirí *bãsé*, (provavelmente origem de Pacé; nome de uma localidade da Bahia), para designar uma especie desta droga. O *caipora* do Ceará, exigindo fumo de quem penetrava em seus dominios, é talvez reminiscencia dos Carirís. Dos costumes destes pouco nos conta Figueira, que com elles não teve contacto directo; conta-nos apenas o que já sabiamos de outras fontes, que comiam os mortos queridos, pulverizando os ossos, isto por uma razão de ordem sentimental que era não ficarem com medo nem saudade delles, outra de ordem philosophica: só se deve confiar á terra o que póde renascer.

Em compensação, muito confirma ou acrescenta Figueira ao que sabiamos dos Indios da lingua geral.

Não comiam certa qualidade de veados para não ficar medrosos. Queimavam os campos no verão por causa das cobras. Muitos tinham para si que eram immortaes, e ficavam pasmados ouvindo que haviam de morrer. — “Estando nós um dia, á noite, em nossa casa, ouvimos um que tossia com grande efficacia, e escarrava, procurando vomitar, fazendo grande estrondo; mandamos saber que era aquillo, vieram-nos dizer que estava um menino doente e um feiticeiro que o curava, e a cura era chupa-lo como costumavam, dizendo que lhe tiram o mal de dentro e, para fingir melhor o engano, mettem na bocca um pergo, ou cou-

sa semelhante, e com aquelle seu escarrar fingem que o chuparam e o tiraram ao doente e que aquillo era o que lhe fazia o mal.”

“Outro dia, á noite, de repente, ouvimos bater as palmas em uma casa, e logo noutra e logo em todas geralmente com grande estrondo. Perguntamos o que era aquillo, responderam que um feiticeiro ouvira a voz de uma cobra que vinha voando pelos ares, e que dava signal com aquelle bater das palmas que estivessem todos alerta para que não cahisse sobre algum e o mordesse.”

Quando trovejava, punham-se de cocoras, pediam aos trovões que os não matassem e aos relampagos que os não queimassem.

Apparecendo um cometa em Setembro de 1607, ficaram receiosos de que o céu ardesse e cahisse. “Têm grande medo de cahir o céu sobre elles e, para impedir este mal, alguns delles, pela manhã, em espertando se levantam e fazem fincapé no chão, com as mãos ambas para o céu, para terem mão nelle que não caia, e assim lhes parece que fica direito para todo aquelle dia.

“Tambem os atormenta muito o medo de se abrir a terra e de os alagar o mar. Os que entre elles são feiticeiros fallam com o diabo muitas vezes, o qual lhes falla de noite, ás escuras; posto que não o vêem, ouvem-no, e dão-lhe o fumo que beba, o qual vêem estar no ar, mas não vêem que o tem; vêem porém as baforadas que lança, e lhes diz a volta de uma verdade muitas mentiras, e quando vão á caça lhes diz onde a acharão e aonde está o mel.”

Abundam nas paginas de Luis Figueira muitas scenas da vida real, que permitem perceber-se melhor o estado social e as condições psychologicas daquelle gentio. Escolheremos para terminar uma, que precisa de ligeira explicação prévia.

Na lingua geral, os nomes substantivos tinham passado, como entre nós têm passado os verbos. Alguns destes nomes passados persistem em nosso falar commum, por exemplo *tapera*, aldeia velha, ex-aldeia, passado de *taba*, aldeia; *caapoera*, passado de *caa*, mato veho, ex-mato, etc.

Quando Figueira, já martyrizado o companheiro, se acolheu a uma aldeia, o chefe, Cobra Azul novo, inclinou-se logo ao missionario, e tanto mais se lhe affeioou quanto mais se manifestava a má vontade paterna. Por fim o conflicto rebentou.

“Quando veio ao dia seguinte pela madrugada, escreve Luis Figueira, começa (Cobra Junior) a fallar alto que todos o ouvissem desta maneira contra o pae: Apparelhai-vos vós outros, e vamos com o padre e deixemos ficar a este que tem o meu nome velho (declarando o pae por este circumloquio por modo de desprezo) . . .”

Meu nome dizia-se *xará*, palavra que ainda hoje é empregada mesmo pelos que lhe não conhecem a origem; meu nome velho, meu ex-nome, deve ser *xarapoera*. Como xingamento *xarapoera* possui incontestavel originalidade. — ABREU.



FRAGMENTO DE UM PROLOGO

Publicado na "*Revista do Brasil*", n.º 85 (Anno VIII, Vol. XXII)
de Janeiro de 1923 (São Paulo).

FRAGMENTO DE UM PROLOGO

Desde Herrera attribuiu-se a V. Y. Pinzon e J. D. de Solís o descobrimento do rio da Prata e fixou-se a data de 1508: os dois illustres navegadores teriam descido até 40° Sul sem tê-lo avistado propriamente. Varnhagen foi dos primeiros, si não o primeiro, a pôr em duvida tal expedição, ainda hoje litigiosa quanto a seu destino.

Interpretam-na estes como uma circumnavegação de Cuba. Outros, HARRISSE, Medina, Rio-Branco, dão-lhe ponto final o cabo de Santo Agostinho. Assim o Pinzon do Santa Maria de la Consolacion, de Rostro Hermoso, do Mar Dulce, da Pororoqa, teria desandado a derrota de 1500, escorrido as pouco acolhedoras costas de NE-SW., revisto sem reconhecer suas dunas e seus lençóes, para esbarrar em terras portuezas que lhe impunham o retrocesso! Póde se imaginar mais intelligente ou menos desmemoriado o companheiro fiel do primeiro almirante das Indias.

A J. Dias de Solís, desacompanhado de Pinzon, revelou-se o grande rio meridional em 1512. Affirma-o Oviedo, apoia-o com todo o peso de seu saber Paul Groussac, um mestre. Que resultou do feito? apenas a necessidade de nova expedição em 1515/1516.

As primeiras noticias reaes do grande rio datam de 1514, contidas numa sybilina gazeta allemã, encontrada casualmente em Dresden, estudada sem proveito por Humboldt, varias vezes reproduzida, traduzida em linguas diversas, commentada, recomentada e sempre obscura. Reimprimiram-na em *fac-simile* os *Annaes da Bib. Nac.* por um exemplar da collecção Rodrigues-Benedicto Ottoni; em *fac-simile* sahiu recentemente na Allemanha a copia manuscripta guardada no archivo dos famosos banqueiros Függer, que ao menos firmou a data de 1514. Humboldt propuzera 1540, com muitas hesitações; Varnhagen decidiu-se por 1506.

Da gazeta, historico desesperador de uma armada de D. Nuno Manuel e Christovam de Haro em 1513/1514, apura-se a existencia de grande rio, serras nevadas ao poente, um rei poderoso em regiões remotas, um estreito. O capitão de uma das naus exploradoras obteve para el-rei de Portugal um machado de prata. O metal deu o nome ao rio; o rio foi assim chamado pelos Portuguezes, dizem contestes documentos castelhanos coevos, ao contrario dos platenses hodiernos que da gazeta allemã não fazem caso.

A descoberta portugueza além dos topicos coincidiu com outra espanhola de maior vulto, além do equador, a do mar do Sul por Vasco N. de Balbôa. A armada de D. Nuno Manuel e a marcha de Balbôa sobre o isthmo afinam com a viagem de Solís em 1516, terminada tragicamente apenas pisou em terreno uruguaio. Os governantes espanhoes apprehenderam sagazmente o nexo entre estes feitos, por elles pautaram sua politica colonial, subordinando ao Pacifico as terras cisan-

dinas. O mesmo caminho serviu San Martin para derribar o colosso.

Da armada de D. Nuno e da de Solís ficaram no grande rio pessoas que aprenderam a lingua da terra, ouviram historias, colheram informações, trabalhos que os Portuguezes costumavam confiar de degredados.

Em 1519 deteve-se alguns dias na Guanabara o grande Fernando de Magalhães. Entre os seus planos e os successos da armada de D. Nunó não faltam pontos de contacto incontestaveis e patentes: elle procurava um estreito já annuciado pela gazeta allemã e até figurado no mappa de Schöner; um dos armadores de Magalhães foi Christovam de Haro, socio de D. Nuno, dono de uma caravela desgarrada do Brasil para as terras castelhanas em 1513, victima de maus tratos, referidos na carta de Estevam Fróes. Um dos pilotos, Carvalhinho, o João Lopes de Carvalho, da nau Bretôa de 1511, levou para a aventura de Magalhães, a cuja frente esteve algum tempo, um filho apanhado entre cunhãs do Cabo-Frio.

Mal transpunha Magalhães o estreito que guarda seu nome, D. Manuel mandou mais navios ao Prata.

Chefiado a expedição parece ter Christovam Jaques. A este, um chronista platino associou Aleixo Garcia, que, dizem, varou o continente e chegou aos Incas antes de Pizarro e Almagro. Pouco monta aliás o nome do chefe; o importante é o encontro dos sobreviventes de Solís que informaram sobre as riquezas da região. Por seu gosto voltariam para o povoado; certos melindres inhibiram o capitão-mór de repatriá-los;

ficaram em territorio hoje pertencente a Sta. Catharina.

As noticias das riquezas platinas acreditaram-se, avolumaram-se na feitoria construida por Christovam Jaques, junto á ilha de Tamaracá. Sebastião Cabot ali surgiu a caminho do Maluco em 1526. Taes maravilhas ouviu que se esqueceu de especiarias; mais segura, mais proxima sorria-lhe a fortuna; si esta, como suppunha, coroasse seus esforços, ninguem o chamaria a contas por desobediente. Em Sta. Catharina recolheu os informantes que deveriam servir-lhe de guia. O calculo sahiu errado, o insuccesso nada deixou a desejar. Sebastião Cabot nunca passou de epigono.

Antes da vinda de Cabral os monarchas da península tinham assignado o convenio de Tordesilhas, baseado numa bulla de Alexandre VI que entre elles repartiu o mundo. Pactuou-se no tratado uma linha divisoria a 370 leguas do archipelago de Cabo-Verde, sem determinar a ilha que devia servir de ponto de partida, sem especificar a extensão de cada legua, sem attender a que a sciencia contemporanea não poderia arcar com certos problemas.

A convenção de Tordesilhas, effeito de descobertas no litoral atlantico, reflectiu-se primeiramente, não aqui, mas na Asia Oriental e na Indonesia. Um dos fitos de Magalhães fora mostrar que as Molucas demoravam no hemispherio espanhol. Com a volta da Victoria e dos circumnavegadores dirigidos por Sebastião del Cano nasceu e acirrou-se o litigio originado do documento papal: serenou-o a capitulação de Saragoça por aquella vez.

Nas terras atlânticas a questão não interessava por então. Cabot andou e virou por onde quiz sem o minimo attrito. Em 1532, tranquillamente annunciava D. João III a intenção de dividir em capitánias de cinquenta leguas o territorio de Pernambuco ao rio da Prata.

Isto escrevia a Martim Affonso de Sousa, mandado a varias commissões, de que a mais urgente seria a guerra a naves francezas, intrusas em terras reconhecidas de outros em pactos solemnes jurados por potencias soberanas.

A divisão das capitánias parou cerca de Laguna, em Sta. Catharina, sem tocar o Prata, ou porque Martim Affonso, interlocutor de Pedro Nunes em pontos de sciencia, collocava mais ao oriente o meridiano de Tordesilhas, ou por averiguar a pouca importancia do Prata como porta para as famosas riquezas.

Dos informes varios resultava que estavam alem do rio e mais ao Norte. Procuradas directamente atravez do sertão encurtava distancia, como hoje, comparada com a anterior navegação do Prata, Paraná e Paraguai, faz a linha ferrea de Baurú a Porto-Esperança.

A expansão colonial devia exigir muito tempo para attingir mesmo Laguna; quando Simão de Vasconcellos publicou em 1663, sua Chronica da Companhia de Jesus, a occupação effectiva esbarrava em Cananéa.

Com a reunião das duas corôas peninsulares em uma cabeça, o povoamento do Norte do Brasil pode romper a barreira de Tamaracá, aonde estacara.

Parahiba, Rio-Grande, Ceará, Maranhão, não sem trabalho se agregaram ao dominio portuguez, lenta, mas definitivamente. O Maranhão levou ao Pará. No Pará não havia, por assim dizer, uma braça de terra não pertencente á corôa de Espanha. Com isto pouco se inquietou esta; a capitania de Cametá, a do Cabo do Norte foram revogações tacitas do tratado de Torde-silhas, renunciias explicitas das prerogativas da Corôa de Castella. Pedro Teixeira, vindo de sua triumphal jornada ao vice-reino do Perú, por autoridade propria incorporou a Portugal as terras do Napo. A annexão definitiva realizou-se quasi literalmente no decurso do tempo. Seria curioso comparar as areas assimiladas até o Guaporé pela audacia paulista com os mundos abertos da Tijioca a Tabatinga pela inspiração de Alexandre de Moura. Talvez se equiparem: em ambos os casos operaram as mesmas causas — a distancia de rivaes de origem européa que se contrastassem, a vantagem da idade metallica sobre a idade da pedra.

Quando os Francezes eram esmagados definitivamente na côsta Leste-Oeste e Constantino de Menelau cegava-lhes o porto de Cabo-Frio, preparava-se Piratininga para o scenario em que ia representar o primeiro papel.

Piratininga foi a herdeira favorecida dos Tupini-quins, dos Guaianazes, das tribus talvez anteriores que deixaram nos sambaquis o unico vestigio de sua passagem. As gargantas de Perequê e Mutinga apontavam aos navegantes desde o fundeadouro as entradas para os campos de acima da Serra. A victoria sobre as matas litoraneas do Rio de Janeiro conseguida em 1700,

de Ilhéos, Porto Seguro e Espirito Santo em 1800, aqui já estava decidida quando o primeiro navio ancorou em São Vicente. E, circumstancia sobre todas favoravel, o caminho do mar tornou-se o baluarte invencivel contra todos os ataques vindos do mar.

Unico dentre os povoados brasileiros nos dois primeiros seculos, cresceu Piratininga proximo das cabeceiras de rios, á direita o Parahiba, em frente o Anhambi ou Tietê.

Parahiba, o rio ruim, ou por suas más condições de navegabilidade, ou pelo predominio de contrarios aos indigenas da lingua geral, ou por qualquer outro motivo não esclarecido nem esclarecivel, condensou a população entre a Mantiqueira e a cadeia maritima, facilitou a passagem para a bacia do S. Francisco, para os reinos do gado e as terras do ouro. Sua acção até certo ponto repartiu-se com a do Sapucahi, caminho de Fernão Dias e D. Rodrigo de Castel Blanco. Gargantas varias fendiam a Mantiqueira, emparelhando ambos até que a attracção fluminense os divorciou. Pelo menos uma garganta, conhecida dos Guaianazes, ligava o Parahiba á marinha. Por ella andou Knivet; Garcia Paes remetteu as esmeraldas paternas á cidade de S. Sebastião sem passar por Piratininga; por ella explica-se a casa de quintos de Taubaté contemporanea dos primeiros descobertos auriferos, de Taubaté sahida para o Rio de Janeiro. Ainda hoje a cidade de Cunha recorda a velha garganta.

O Tietê escancarou a porta para o Occidente. Brada por amparos chronologicos e geographicos o caso do bandeirante que de espada em punho se em-

possara do Pacifico. Sobejam-lhe outros titulos mais solidos e não menos memoraveis.

Os rios de S. Paulo, rios de planalto, serviam mais á navegação e ao penetramento; póde tirar a prova quem attender á geographia e á historia do Parahiba da barra a Jacarehi, cuja descontinuidade salta aos olhos. Offereciam, porém, certas compensações. Beirando um rio ninguem se perde ainda no sertão intemerato nem morre á sede, nem se escraviza exclusivamente ao aleatorio das caças, nem póde ser atacado de surpresa por um lado. Alem disso pode deparar estirões maiores ou menores susceptiveis das canoas de casca aprendidas dos indios.

O Tietê fenece no Paraná entre Urubupungá e Guairá, trato de importancia capital para a historia patria, ainda hoje assignalado pela E. F. Noroeste. Na margem oriental do Paraná os padres da Companhia reuniram e catechisaram numerosa indiada. Os caçadores de escravos, expostos ás vezes a arduas entradas de resultados escassos ou negativos, como algures narra Knivet, defrôntaram agora um paraíso, um Dourado, escravizando-os com fartura, mansos, iniciados na conservação civil, adestrados nas labutas agricolas, de cultura igual talvez á dos ribeirinhos do Tietê sinão superiores em média. E para sustentar tudo isto arcos e frexas! pau e cordas!

A victoria da idade de ferro foi completa; seria aniquiladora si o governo espanhol continuasse a impedir que o ferro respondesse ao ferro e os missionarios não transferissem os aldeamentos para o Uruguai, onde não ficaram mais indefesos. Caso digno de re-

paro: em todos estes conflictos não se invocou o tratado de Tordesilhas.

Invocou-se mais tarde quando os dirigentes da Lisboa, alheios e avessos ás terras situadas além de Cananéa; donde não partiam trilhas indias como as de Paranapiacaba, mandaram D. Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro, plantar uma colonia á margem do Prata, fronteira a Buenos-Aires. A' colonia chamou-se do Sacramento. Sua fundação occorreu em 1680.

A historia da colonia, tomada e retomada, causa monotonia: quem estudar o vol. 39.º dos *Annaes da Bibliotheca Nacional* e o que se ha de seguir, verá como ainda está desconhecida.

Que planos nutriam seus fundadores? Póde-se apenas dizer que não lhes interessavam ligações territoriaes com o resto do Brasil, pois a colonização do Rio-Grande do Sul começou mais de meio seculo depois da catastrophe de D. Manuel Lobo. Para as populações platinas a colonia fez época. O contrabando portuguez minou pela base a architectonica fiscal de Castella, communicou importancia ás desdenhadas terras platinas gradualmente, emancipou-as do jugo transandino, franqueando-lhe o Atlantico, — uma verdadeira revolução.

Caxambú, fins de outubro de 1922.

NOTA — O estudo sobre a Colonia do Sacramento, que serviu de prefacio á obra de Simão Pereira de Sá — *Historia Topographica e Bellica da Nova Colonia do Sacramento do Rio da Prata*, Rio de Janeiro, 1900, foi transferido para o seguinte volume, destinado á critica bibliographica.

Deixam tambem de sair neste volume os artigos sob titulo "Historia Patria", já insertos no "O Descobrimento do Brasil", publicação de 1929.

SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Fundada em 11 de Setembro de 1927

Rua Capistrano de Abreu, 45

RIO DE JANEIRO

ESTATUTOS DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

Art. 1.º — Sob a denominação de SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU, fica constituída, nesta Cidade, uma sociedade formada pelos abaixo assignados, amigos e discipulos de João Capistrano de Abreu, no proposito de prestarem homenagem á sua memoria.

Art. 2.º — A Sociedade receberá, devidamente relacionados, dos herdeiros de João Capistrano de Abreu, a Bibliotheca e Archivo deste, que ella se obriga a guardar e conservar, sem nenhuma remuneração por esse serviço, bem como a entregal-os e restituil-os aos mesmos herdeiros, ou a quem os represente legalmente, no caso de dissolução da sociedade.

Art. 3.º — A Sociedade promoverá:

- a) a edição de trabalhos inéditos e cartas-missivas, e a reedição de obras já publicadas de João Capistrano de Abreu;
- b) a traducção e publicação das obras dos viajantes e sabios estrangeiros, que percorreram o Brasil.

Art. 4.º — A Sociedade publicará quaesquer trabalhos e documentos de valor, relativos a assumptos brasileiros, annotados e commentados.

Art. 5.º — A Sociedade criará premios para as investigações, contribuições e obras consideradas de merito, referentes á Historia, Ethnographia, Ethnologia e Linguistica Brasileira, com o fim de incentivar os respectivos estudos.

Art. 6.º — Cada um dos socios effectivos e fundadores contribuirá para as despesas sociaes com a mensalidade de 10\$000, paga adiantadamente por trimestre, semestre ou anno,

á vontade do contribuinte, constituindo-se o fundo da sociedade com o saldo das contribuições, rendas e donativos eventuaes.

Paragrapho unico. — O atraso de um anno no pagamento das contribuições, importará em renuncia ao logar de socio, abrindo-se vaga.

Art. 7.º — O numero de socios será limitado — não podendo exceder de 110 effectivos e 10 honorarios ou correspondentes — e as vagas serão preenchidas por eleição da assembléa da Sociedade e proposta da Commissão Executiva, havendo preferencia para os premiados pela propria Sociedade.

Art. 8.º — Os membros da Sociedade não respondem subsidiariamente pelas obrigações contrahidas, expressa ou tacitamente, em nome della.

Art. 9.º — A Sociedade será administrada por uma Commissão Executiva, composta de 12 socios, que será designada em assembléa geral e exercerá suas funções durante tres annos.

Art. 10.º — Os membros da Commissão Executiva serão escolhidos entre os socios versados em estudos historicos, geographicos, ethnographicos ou linguisticos, além de um representante masculino da familia de Capistrano de Abreu, que deverá ser um dos membros da Sociedade.

Art. 11.º — A Commissão Executiva distribuirá entre seus membros, de accordo com os conhecimentos especiaes de cada um, os respectivos trabalhos, como tambem os encargos de administração, e escolherá um de seus membros para a direcção geral dos serviços.

Art. 12.º — O membro da Commissão Executiva encarregado geral dos serviços representará a Sociedade em juizo ou fóra d'elle, em suas relações com terceiros e poderá escolher entre os socios, um para exercer as funções de thesoureiro, e outro, para os serviços de Secretario.

Art. 13.º — Uma Assembléa Geral terá lugar no dia 23 de Outubro de cada anno, anniversario do nascimento de Capistrano de Abreu, e as demais assembléas sociaes se realizarão por livre convocação da Commissão Executiva.

Art. 14.º — No caso de dissolução da Sociedade, o patrimonio desta, com excepção da bibliotheca e archivo a que se refere o artigo 2.º destes Estatutos, passará a instituição congénere, que se destine aos mesmos fins.

Art. 15.º — Para o caso previsto no artigo anterior, bem como para reforma destes Estatutos, será preciso o voto expresso da maioria absoluta dos membros da Sociedade.

COMISSÃO EXECUTIVA DA SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

(1930 - 1933)

(SÓCIOS FUNDADORES)

PAULO PRADO
31, avenida Hygienopolis (S. Paulo)

JOÃO PANDIÁ CALOGERAS
422, rua Voluntarios da Patria (Rio de Janeiro)

JAYME COELHO
42, rua Custodio Serrão (Rio de Janeiro)

MIGUEL ARROJADO LISBÔA
428, praia de Botafogo (Rio de Janeiro)

ADRIANO DE ABREU
50, rua do Corcovado (Rio de Janeiro)

M. SAID ALI
215, estrada da Saudade (Petropolis — Estado do Rio)

RODOLPHO GARCIA
88, rua Real Grandeza, casa V (Rio de Janeiro)

AFRANIO PELXOTO
97, rua Paysandú (Rio de Janeiro)

THEODORO SAMPAIO
22, ladeira de São Bento (Bahia)

AFFONSO DE E. TAUNAY
Museu Paulista (S. Paulo)

E. ROQUETTE PINTO
Museu Nacional (Rio de Janeiro)

EUGENIO DE CASTRO
98, rua Pereira da Silva (Rio de Janeiro)

LUIZ SOMBRA
THESOUREIRO.
16, rua das Magnolias
RIO DE JANEIRO

RELAÇÃO NOMINAL
DOS
MEMBROS
DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU

ADRIANO DE ABREU — (socio fundador)
50, rua do Corcovado — Rio de Janeiro

AFFONSO DE E. TAUNAY — (socio fundador)
Museu Paulista — S. Paulo

AFRANIO PEIXOTO — (socio fundador)
97, rua Paysandú — Rio de Janeiro

ALARICO SILVEIRA
Supremo Tribunal Militar — Rio de Janeiro

ALBERTO DE FARIA
122, praia do Flamengo — Rio de Janeiro

ALBERTO RANGEL
16 bis, rua M. Foch, Secaux — França

ALCEU AMOROSO LIMA
149, rua D. Marianna — Rio de Janeiro

ALCIDES BEZERRA
Archivo Nacional — Rio de Janeiro

ALEXANDRE JOSÉ BARBOSA LIMA SOBRINHO
Redacção do "Jornal do Brasil" — Rio de Janeiro

AMERICO LUDOLF
47, rua de S. Salvador — Rio de Janeiro

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO
13, rua Benjamin Constant — S. Paulo

ANTONIO BAPTISTA PEREIRA
476, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro

ANTONIO FELIX DE BULHÕES
90, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

APRIGIO NOGUEIRA
Machado (E. de F. Sul Mineira) — Minas Geraes

ASSIS BRASIL
Pedras Altas — Pelotas — Rio Grande do Sul

ASSIS CHATEAUBRIAND
Redacção d' "O Jornal" — Rio de Janeiro

AUGUSTO DE LIMA
452, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro

AURELIO LOPES DE SOUSA
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

BARÃO DE RAMIZ GALVÃO
20, rua Araujo Gondim — Rio de Janeiro

BARÃO DE STUDART — (socio honorario)
Consulado Inglez — Fortaleza — Ceará

BRAZ DO AMARAL
Rio de Janeiro

BRUNO BARBOSA
31, rua Paulo Moutinho — Santos — S. Paulo

CANDIDO MARIANNO DA SILVA RONDON
508, rua Marquez de S. Vicente — Rio de Janeiro

CARLOS MALHEIRO DIAS — (socio correspondente)
152, rua Buenos Ayres — Rio de Janeiro

CARLOS LEONI WERNECK
1, rua Fonseca Guimarães — Rio de Janeiro

CASSIUS BERLINK
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

CESAR LOPES
Estação de Corrêas — Estado do Rio

CEZAR RABELLO
185, rua do Cosme Velho — Rio de Janeiro

CLEMENTE BRANDENBURGER
Vassouras — Estado do Rio

CLOVIS BEVILACQUA
572, rua Barão de Mesquita — Rio de Janeiro

COLOMBO DE A. PORTELLA
103, rua Sá Ferreira — Rio de Janeiro

CONDE DE AFFONSO CELSO
35, rua Machado de Assis — Rio de Janeiro

CONSTANCIO ALVES
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

DIONISIO CERQUEIRA
56, rua Senador Vergueiro — Rio de Janeiro

DJALMA FORJAZ
2, rua Rodrigo Claudio (Aclimação) — S. Paulo

DJALMA GUIMARÃES
Serviço Geologico e Mineralogico do M. da Agricultura — Rio de Janeiro

EDGARD RAJA GABAGLIA
332, praia do Flamengo — Rio de Janeiro

E. ROQUETTE PINTO — (socio fundador)
Museu Nacional — Rio de Janeiro

EDGARDO DE CASTRO REBELLO
80, rua da Real Grandeza, casa XVI — Rio de Janeiro

ELOY DE SOUZA
Natal — Rio Grande do Norte

EUGENIO DE CASTRO — (socio fundador)
98, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

EVARISTO BIANCHINI
127, rua Joaquim Murtinho — Rio de Janeiro

FERDINAND BRIGUIET
Livraria Briguiet — Rio de Janeiro

FERNANDO RAJA GABAGLIA
425, rua das Laranjeiras — Rio de Janeiro

FRANCISCO DE ASSIS CARVALHO FRANCO
97, alameda Jahú — S. Paulo

FRANCISCO MENDES DA ROCHA
Ilha de Paquetá — Rio de Janeiro

FRANCISCO DA ROCHA LAGÔA FILHO
40, rua David Campista — Rio de Janeiro

FRANCISCO SÁ
67, rua Almirante Tamandaré — Rio de Janeiro

FRANCISCO SÁ FILHO
32, rua Esteves Junior — Rio de Janeiro

F. X. GUIMARÃES NATAL
25, rua Almirante Tamandaré — Rio de Janeiro

GALENO REVOREDO
106, rua Libero Badaró — S. Paulo

GASTÃO CRULS
34, rua Pereira da Silva — Rio de Janeiro

GRAÇA ARANHA
164, praia do Russell — Rio de Janeiro

GUSTAVO BARROSO
83, rua Sá Ferreira — Rio de Janeiro

GUSTAVO LESSA
935, rua N. S. de Copacabana — Rio de Janeiro

HAHNEMANN GUIMARÃES
Collegio Pedro II — Rio de Janeiro

HELIO LOBO
Legação do Brasil — Montevidéo — Uruguay

HENRIQUE CASTRICIANO DE SOUZA
Rua do Riachuelo (Hotel Magnifico) — Rio de Janeiro

HERACLITO DOMINGUES — (socio fundador)
21, rua Chile — Rio de Janeiro

ILDEFONSO ALBANO
Fortaleza — Ceará

ISEU DE ALMEIDA E SILVA
428, praia de Botafogo — Rio de Janeiro

JACY MONTEIRO
89, rua de S. Januario — Rio de Janeiro

JAYME COELHO — (socio fundador)
Rua Custodio Serrão, 42 — Rio de Janeiro

JERONYMO FIGUEIRA DE MELLO
Embaixada do Brasil — Vaticano — Italia

JOÃO LUCIO D'AZEVEDO — (socio honorario)
21, avenida de Berne — Lisbôa — Portugal

JOÃO PANDIÁ CALOGERAS — (socio fundador)
422, rua Voluntarios da Patria — Rio de Janeiro

JOAQUIM DE CASTRO FONCECA
31, rua Visconde de Pirajá — Rio de Janeiro

JOAQUIM LACERDA DE ABREU
8, rua de S. Bento, sala 5 — S. Paulo

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES
1, rua Major Quedinho — S. Paulo

JOSÉ CARLOS DE MATTOS PEIXOTO
62, rua B. de Itamby — Rio de Janeiro

JOSÉ DE MENDONÇA
80, rua do Curvello — Rio de Janeiro

JOSÉ PIRES BRANDÃO
24, rua General Camara, 1.º andar — Rio de Janeiro

JULIANO MOREIRA
298, avenida Pasteur — Rio de Janeiro

JULIO CONCEIÇÃO
844, rua Conselheiro Nebias — Santos — S. Paulo

JULIO MESQUITA FILHO
Redacção do "Estado de S. Paulo" — S. Paulo

LEHMANN NITSCHÉ — (socio correspondente)
Muscu de La Plata — Argentina

LUIZ SOMBRA
16, rua das Magnolias — Rio de Janeiro

MALAN D'ANGROGNE
Estado Maior do Exército — Rio de Janeiro

MANOEL BERNARDES — (socio correspondente)
Rua das Laranjeiras (Hotel Metropole) — Rio de Janeiro

MANOEL BOMFIM
12, rua Therezina — Santa Theresa — Rio de Janeiro

MANOEL CICERO PEREGRINO DA SILVA
54, rua das Palmeiras — Rio de Janeiro

M. PAULO FILHO — (socio correspondente)
Redacção do "Correio da Manhã" — Rio de Janeiro

MARIO BEHRING — (socio honorario)
Bibliotheca Nacional — Rio de Janeiro

MARIO DE VASCONCELLOS
Palacio Itamaraty — Rio de Janeiro

MIGUEL ARROJADO LISBÔA — (socio fundador)
428, praia de Botafogo — Rio de Janeiro

MIGUEL CALMON DU PIN E ALMEIDA
284, rua de S. Clemente — Rio de Janeiro

MIGUEL CALOGERAS
16, avenue La Bourdonnais, VII arr. — Paris — França

MIGUEL COUTO
280, praia de Botafogo — Rio de Janeiro

PAULO PRADO — (socio fundador)
31, avenida Hygienopolis — S. Paulo

PAUL RIVET — (socio correspondente)
Museum National d'Histoire Naturelle—61, rue Buffon—Paris—França

PEDRO LEÃO VELLOSO
Legação do Brasil — Pekim — China

PERILLO GOMES
Palacio Itamaraty — Rio de Janeiro

PRIMITIVO MOACYR
110, rua Bella Vista — Petropolis — Estado do Rio

RAMIRO BERBERT DE CASTRO
19, rua General Camara — Rio de Janeiro

RENÉ DE CASTRO THOLLIER
40, rua 15 de Novembro — S. Paulo

ROBERTO MOREIRA
S. Paulo

ROBERTO MOTTA DA CUNHA FREIRE
44, rua D. Marianna — Rio de Janeiro

RODOLPHO GARCIA — (socio fundador)
88, rua Real Grandeza, casa V — Rio de Janeiro

RODRIGO OCTAVIO
Supremo Tribunal Federal — Rio de Janeiro

RONALD DE CARVALHO
409, rua de S. Clemente — Rio de Janeiro

SAID ALI — (socio fundador)
215, estrada da Saudade — Petropolis — Estado do Rio

TASSO FRAGOSO
57, rua David Campista — Rio de Janeiro

THEODORO SAMPAIO — (socio fundador)
22, ladeira de S. Bento — S. Salvador — Bahia

TOBIAS MONTEIRO
204, rua Bella Vista — Petropolis — Estado do Rio

URBINO VIANNA — (socio correspondente)
36, rua Luiz Carlos — Est. Carlos de Campos — S. Paulo

VICENTE LICINIO CARDOSO
254, rua Voluntarios da Patria — Rio de Janeiro

VIRGILIO BARBOSA
Associação Bancaria — Rio de Janeiro

WASHINGTON LUIS PEREIRA DE SOUSA
Rua Ypiranga — S. Paulo

WELLS (H. G.) — (socio correspondente)
Inglaterra

PREMIO "CAPISTRANO DE ABREU" DE 1928

"*Anchieta na Capitania de S. Vicente*", de António de Alcantara Machado

e

"*Os companheiros de d. Francisco de Sousa*", de Francisco de Assis Carvalho Franco.

HOMENAGEM

ALFREDO PUJOL † 20 - V - 1930

EDIÇÃO DA
SOCIEDADE CAPISTRANO DE ABREU
MANDADA IMPRIMIR POR
F. BRIGUIET & Cia.
NA TYP. A. P. BARTHEL
EM DEZEMBRO DE 1930